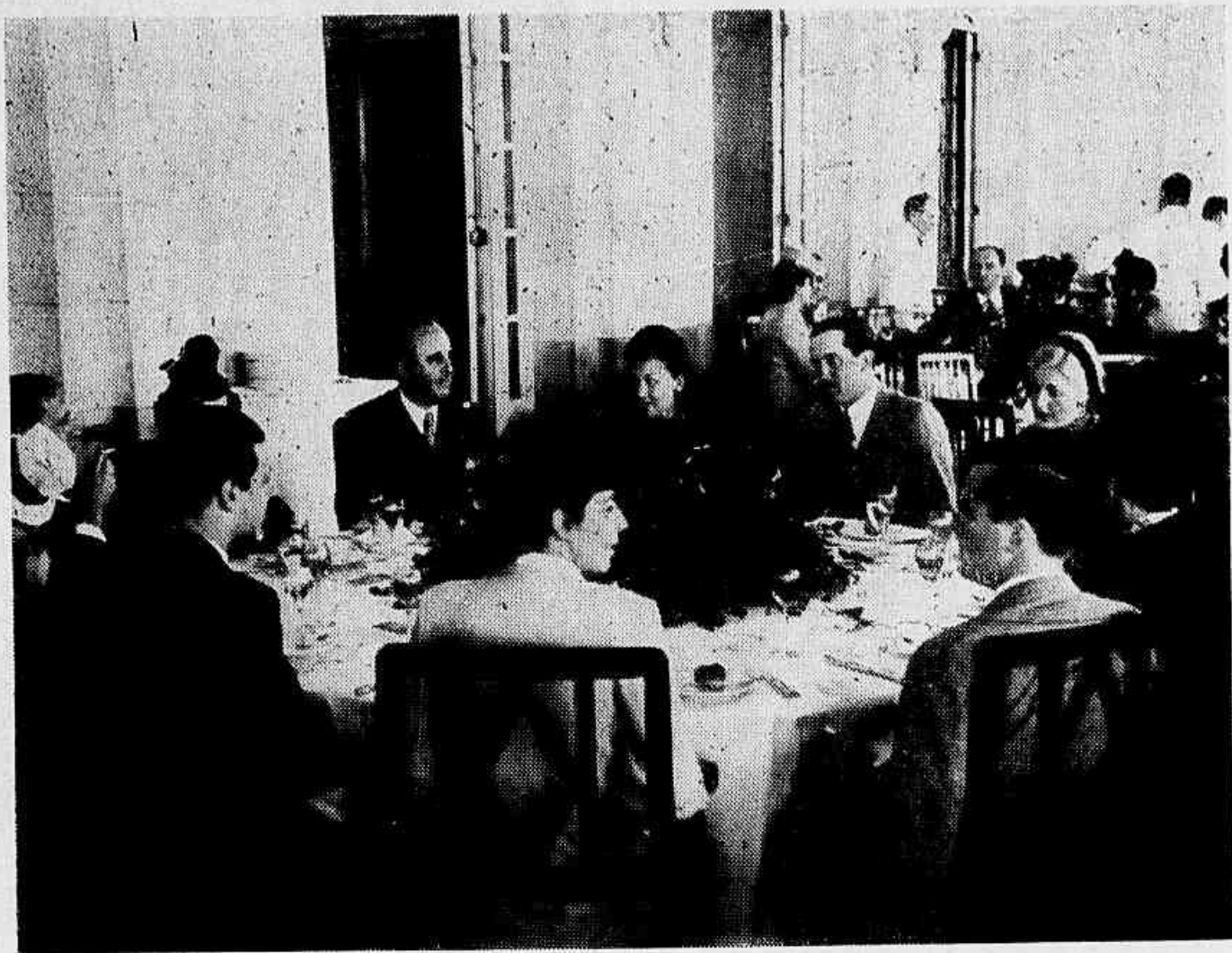


REVISTA DA SEMANA



PROBLEMAS DA SUA VIDA
O QUE HA DE NOVO NO RIO

DUAS GRANDES REPORTAGENS, NO TEXTO



Aspectos do incomum movimento registrado na tarde de domingo ultimo no restaurante do Jockey Club Brasileiro que, num gesto merecedor dos aplausos da sociedade carioca, ofereceu todo o produto de sua renda daquela tarde à Cruz Vermelha Brasileira.

2

JOCKEY CLUB MUNDANO

Durante a reunião de domingo, as graciosas aficionadas do TURF aplaudiam com entusiasmo os seus favoritos ou faziam, sorridentes, o FOOTING, numa demonstração de requintada elegância, quando a REVISTA DA SEMANA colheu os flagrantes fotograficos aqui estampados



O HOMEM QUE VIU DUAS GUERRAS

ELE acordou com o toque do telefone, alta madrugada. Quando atendeu, haviam desligado. Só podia ser engano. Mas instantes depois a campainha tocava de novo. Ninguém. Mais uma, duas três vezes — e afinal recebeu o informe: Que ligasse o rádio com urgência. Começara a invasão.

A família, muito contra seus hábitos, madrugou e o receptor começou muito mais cedo também, nesse dia, a consumir o potencial das válvulas. A notícia era mesmo importante, a mais importante que ainda o rádio pudera transmitir.

Entusiasmou-se, mas não tanto quanto o filho moço. O filho tem dezenove anos, ele já cruzou os humbrais dos quarenta. E surpreendeu-se tanto com os telegramas irradiados àquela hora prematura, quanto com o alvoroço do rapaz. Jamais o vira tão alegre, esperançoso, feliz... E tinha motivos. Era "o princípio do fim", como acertadamente dissera naquele instante um personagem ilustre, entrevistado, mal saído do vale dos lençóis, pelo locutor da madrugada histórica.

— Mas então, papai, o senhor não vê que tudo agora será muito mais rápido? Não compreende que está perto, muito perto mesmo, o fim de toda esta imensa tragédia?

Ele acendeu o cigarro. O primeiro do dia:

— Sim, estou vendo... Estou compreendendo...

— E não se alegra? Não sente no peito este mesmo alvoroço! Onde está o seu desejo de ver tudo isto acabado?

— Onde sempre estive — aqui mesmo, no coração.

— E não acredita no êxito dos desembarques?

— Claro que sim...

— Pois então? Não foi para viver este minuto grandioso que nós todos atravessamos mais de quatro anos de angústias?

— Sim, também para viver este minuto grandioso...

— "Também"? Mas isto significa tudo, papai. O caminho está aberto. A vitória não tardará. Ou duvida?

— De modo algum.

— Mais uma razão. E agora, é só esperarmos o epílogo. Tudo terá voltado ao estado normal ao que foi outrora. Os homens hão de esquecer os sofrimentos, porque horas melhores estarão chegando para compensá-los. As mulheres terão novamente a seu lado os pais, noivos, filhos ou maridos... E as crianças — ah, papai, as crianças! — já pensou que vão poder educar-se sem ouvir falar, de manhã à noite, nessa coisa terrível que é a guerra? Gente de oito, dez anos, desde que se entende, vive sob o complexo da guerra... Já pensou, papai?

— Estou pensando, meu filho.

— E sabe qual vai ser o dia mais feliz da minha vida?

Os olhos do rapaz ganharam brilho maior. Os braços ergueram-se. A face iluminou-se.

— O do armistício. O dia glorioso em que o rádio nos anunciar o termo das hostilidades... Não deve andar muito longe...

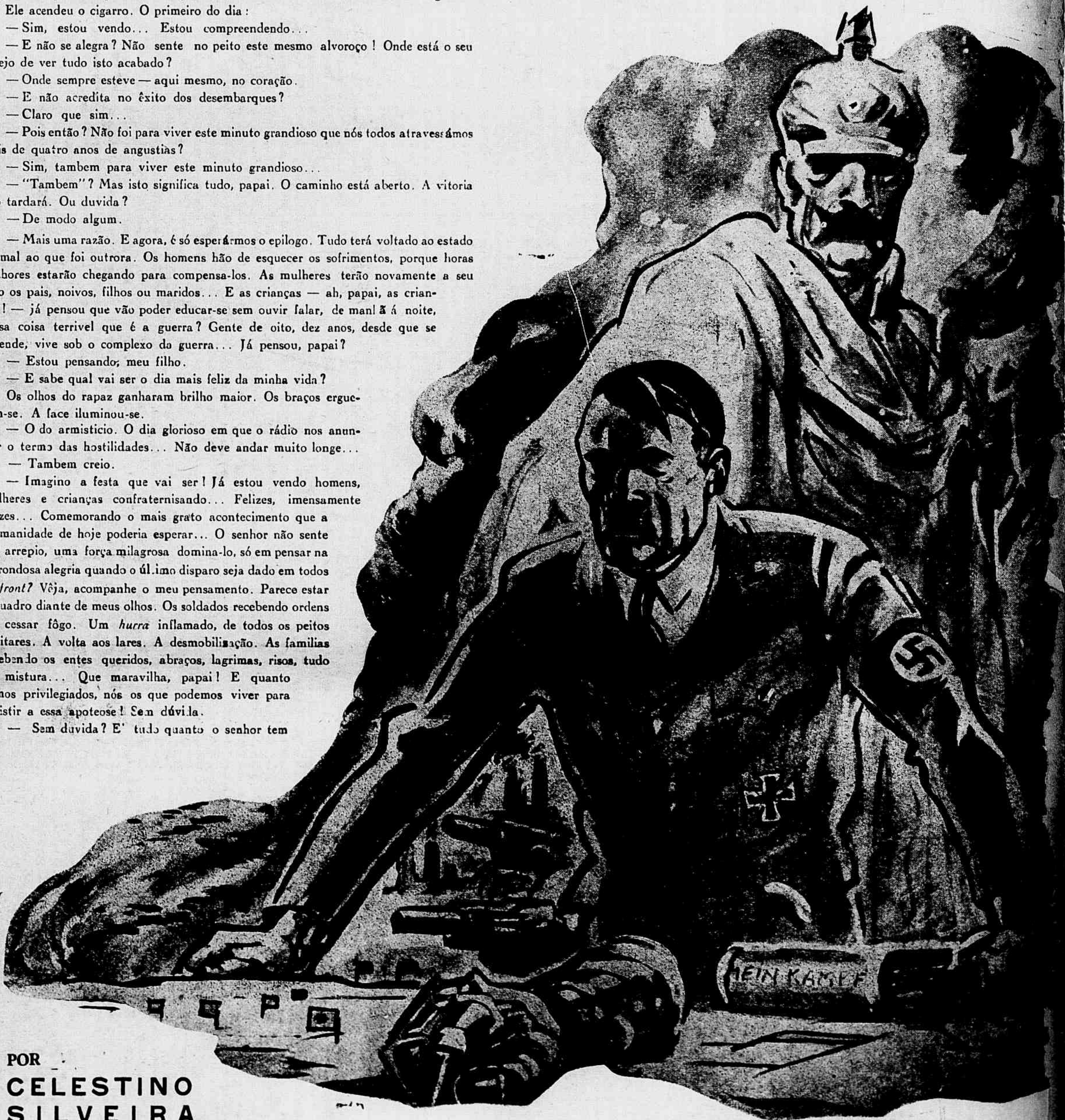
— Também creio.

— Imagino a festa que vai ser! Já estou vendo homens, mulheres e crianças confraternizando... Felizes, imensamente felizes... Comemorando o mais grato acontecimento que a Humanidade de hoje poderia esperar... O senhor não sente um arrepio, uma força milagrosa domina-lo, só em pensar na estrondosa alegria quando o último disparo seja dado em todos os fronts? Vêja, acompanhe o meu pensamento. Parece estar o quadro diante de meus olhos. Os soldados recebendo ordens de cessar fogo. Um hurra inflamado, de todos os peitos militares. A volta aos lares. A desmobilização. As famílias recebendo os entes queridos, abraços, lágrimas, risos, tudo de mistura... Que maravilha, papai! E quanto somos privilegiados, nós os que podemos viver para assistir a essa apoteose! Sem dúvida.

— Sem dúvida? E' tudo quanto o senhor tem

para dizer? Porventura meu pai não me acompanha nesta emoção tão forte? Mas onde se esconderam seus nervos; seu espírito, seu amor à grande causa, onde? Porventura não vibram todas as células do seu corpo só em pensar que os responsáveis por essa catástrofe serão conduzidos à barra do tribunal onde terão de responder pelos milhões de crimes praticados? Mas, então, por que não vibra também? Por que não grita e não se expande, não bate palmas e não traduz em palavras, sons, e gestos, essa felicidade inaudita? Por que se deixa ficar sentado, aí nessa cadeira, com o cigarro apagado nos lábios, fixando-me com esses olhos parados? Não o compreendo, papai... Não quero compreendê-lo. Francamente, um de nós...

Ele atalhou levantando-se. Bateu a cinza do cigarro no pires do café que acabava de tomar. Deu dois passos. Olhou, mais de perto, o filho estatulado, boquiaberto, de braços caídos, inerte como um espantalho, uma incognita viva... Pediu-lhe que se



POR
CELESTINO
SILVEIRA

sentasse. Pôz-lhe a mão calma no ombro nervoso. Sentou-se também a seu lado — e começou:

— Pelo contrario, meu filho. Compreendo muito mais o que se passa em seu coração, do que pode pensar. E' justamente porque o compreendo que me atemorizo.

— Atemorizar-se de quê? Só porque lhe desenhei o quadro que vai ser a alegria de um povo quando raiar o dia da guerra terminar?

— Exatamente por isso. Pelo "raiar do dia", vá lá mais esse lugar comum, fruto do seu entusiasmo. E também porque já vivi um dia igual.

— Um dia de armistício?

— Onze de novembro de 1918, meu filho. Seu pai era então um adolescente. Ingressava também na vida, como você o faz agora. A guerra, a outra, encontrou-me de calças curtas, terminando os estudos. E o armistício, dando os primeiros passos na senda do trabalho. Estávamos também cansados. Quatro anos de sofrimentos, mesmo aqui de longe, embora não tão pronunciados quanto os de agora, deixavam fundos vestígios. Então, — não havia rádio para nos despertar com essas boas novas, mas os jornais davam também edições especiais — então, de subito, a notícia estourou com a furia de um pe-

tardo. Ouviu-se em toda a parte. Pela manhã, cada um de nós se levantou e saiu para seus afazeres longe de admitir que o fim estivesse tão próximo. Em dado instante, sinos badalaram, apitos e sirenes estrugiram, pregões clamavam para gritar, gente correu, tonta, pelas ruas em delírio; os veículos estacionaram, as businas fonfonaram, enquanto a Avenida se convertia numa terça-feira de Carnaval...

— Um carnaval?

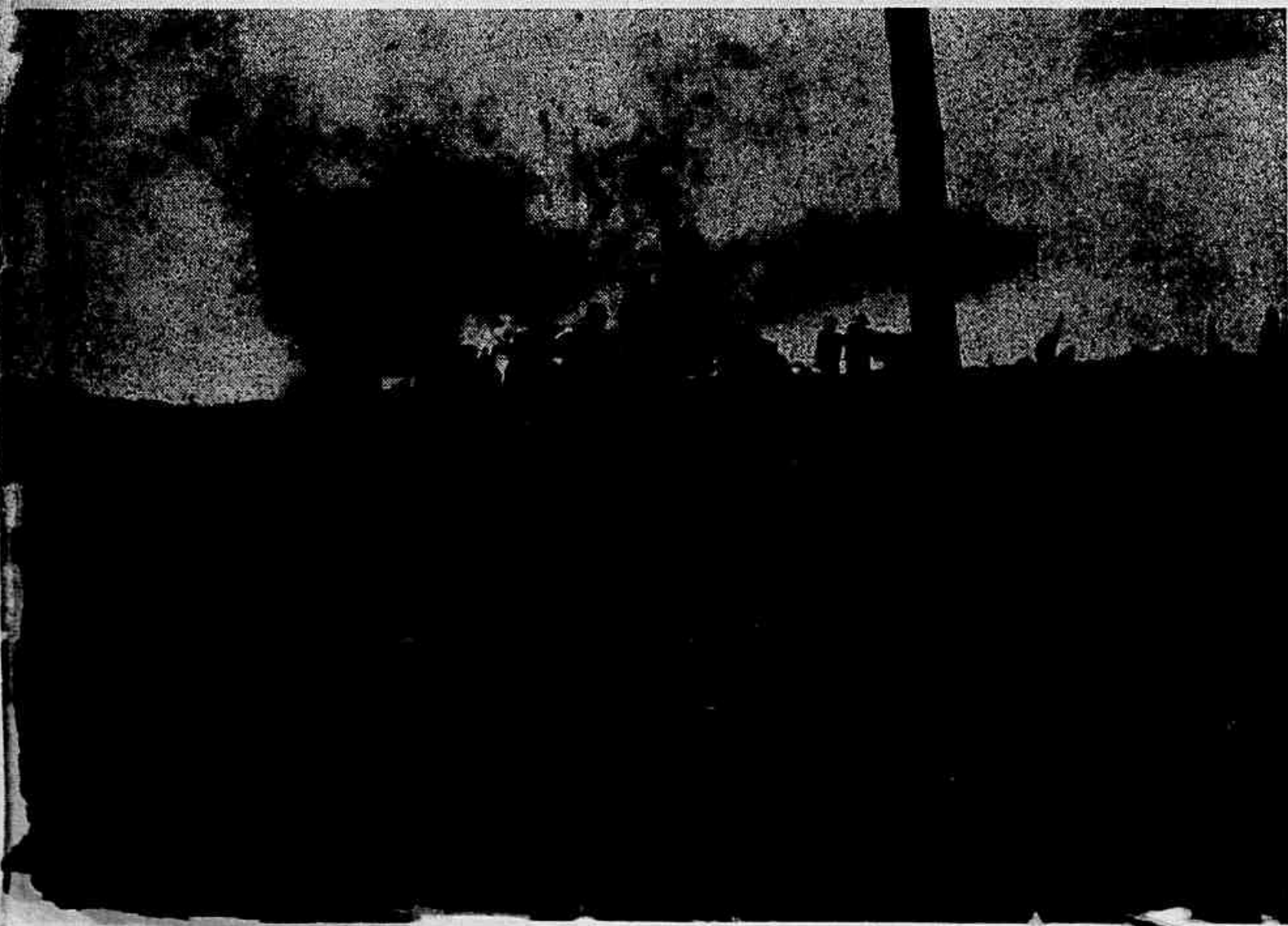
— Um carnaval de contentamento coletivo. Sem mascaras. Sem fantasias. Todos ao natural, de cara limpa mas brilhando de ventura... Foi mesmo um sonho, meu filho. Lembro-me como si fôsse hoje — e já passaram vinte e cinco anos! Eu mesmo, rompi pelas ruas, acamaradado com os colegas, abraçando conhecidos e desconhecidos, entoando hinos que nunca havia decorado, fazendo côro com a balburdia infernal da cidade. Não era só na Avenida, era nos bairros, nos suburbios, no fim do mundo. Vi quebrar o gargalo de garrafas de *champagne* nas calçadas da rua do Ouvidor, vi homens chorando, as lagrimas caíndo copiosamente, para gargalharem em seguida. Vi gente louca, mas louca de verdade, pelo efeito da comoção. Assiti a cenas que não se podem esquecer. Mulheres beijando homens desconhecidos, sem a menor malícia. Homens fazendo o que não fazem

ESTES SÃO PRISONEIROS ALEMÃES DA OUTRA GUERRA. ONDE ESTARÃO NA GUERRA ATUAL? SEUS FILHOS CERTAMENTE ENCONTRAM DESTINOS SEMELHANTES, SE NÃO AINDA PEOR... E ASSIM SE REPETE A HISTÓRIA. OS UNIFORMES FORAM MODIFICADOS, OS HOMENS SÃO OUTROS, MAS O DESFECHO DA TRAGÉDIA VEM A SER O MESMO. É PRECISO QUE NÃO VENHAM OUTRAS GUERRAS, POIS O MUNDO TEM MAIS O QUE FAZER E A HUMANIDADE FICARÁ CANSADA, MESMO EXAUSTA PARA REPETIR PERIODICAMENTE ESTAS FAÇANHAS.



FERIDOS APANHADOS NO CAMPO DE BATALHA, ISTO NA GUERRA DE 14. DÉRAM O SANGUE PARA ACABAR COM OS INSTINTOS BELICOS DO KAIZER, MAS VEIO OUTRO FANÁTICO GERMANICO — E OUTROS FERIDOS ESTÃO, AGORA, PASSANDO PELAS MESMAS TORTURAS.

É PRECISO DISTINGUIR PELAS LEGENDAS, POIS OS QUADROS SÃO GÊMEOS. AGORA, ESTES MORTOS E FERIDOS PERTENCEM À SEGUNDA GRANDE GUERRA. MAS TODOS MORREM IGUALMENTE.. E DIZER-SE QUE ESTES HOMENS NÃO HAVIAM NASCIDO AINDA EM 1914!





NA GUERRA DE NOSSOS DIAS: UM ATAQUE VIOLENTO, OBRIGANDO OS SOLDADOS A SALTAREM E ATRAVESSAREM RIOS E LARGOS CURSOS DE AGUA, DE ARMAS EM PUNHO. E TODO ESSE ESFORÇO, SOB O MAIS INTENSO BOMBARDEIO DO INIMIGO, ACOSSADO PELO ARROJO DAS TROPAS ALIADAS.



NA GUERRA FEITA PELOS PAIS DOS SOLDADOS DE HOJE: EM VIMY, FRANÇA, APÓS UM BOMBARDEIO DEVASTADOR DOS FANATICOS DO KAIZER. TUDO DESTRUÍDO, TUDO REDUZIDO A ESCOMBROS. A RECONSTRUÇÃO FOI FEITA PARA NOVOS BOMBARDEIOS, MENOS DE TRINTA ANOS PASSADOS...



MAS O PODDER BELICO DA GUERRA ATUAL É CEM VEZES SUPERIOR AO DA PRIMITIVA. SE OS NAZISTAS HAVIAM PREPARADO, TRAIÇOEIRAMENTE, O SEU MATERIAL DE ALTO PODER DESTRUÍDO, AS NAÇÕES UNIDAS EM CURTO ESPAÇO DE TEMPO RECUPERARAM O PODERIO PERDIDO E AI ESTÃO, SENHORES DA SITUAÇÃO, RUMO DE BERLIM POR TRÊS CAMINHOS DISTINTOS. JAMAIS HITLER, O ENFERMO, PENSOU QUE SEUS ENGENHOS DE MORTE VIÉSSEM A SER INUTILIZADOS TÃO DEPRESSA. MAS BOM SERÁ QUE OUTROS NÃO SEJAM CONSTRUÍDOS POR UM TERCEIRO OBCECADO ALEMÃO.

as crianças, batendo os tímpanos dos bondes, discursando das sacadas dos escritórios, bandas militares pelas esquinas... E *champagne*, cerveja, vinho, aos toneis. Os *bars*, os cafés, as confeitarias — tudo um pandemonio. Isto, aqui de longe... Imagine o armistício em Paris!

— E não se julgou também feliz? Não partilhou dessa abençoada loucura?

— Como você, tal qual, meu filho. Como você está começando a ficar agora. Ninguém mais trabalhou aquele dia — e todos tiveram como certo que o mundo estaria assistindo ao crepúsculo da derradeira guerra.

Parou. Houve silêncio.

— Depois...

— Depois, papai?

— Outra guerra começou a ser trabalhada ainda nas reuniões de Versailles. Outros homens máus surgiram para substituir os que vinham de ser depostos. Um Hitler apontou no horizonte conturbado para tomar a vez de um Kaiser — que por sinal não sofreu

juízo algum e foi rachar lenha, na Holanda, e foi casar-se de novo. O resto você bem sabe.

— Mas agora é diferente. Nós saberemos tirar proveito da experiência.

— Nós dissemos o mesmo em dezoito...

— A experiência é dupla, desta vez.

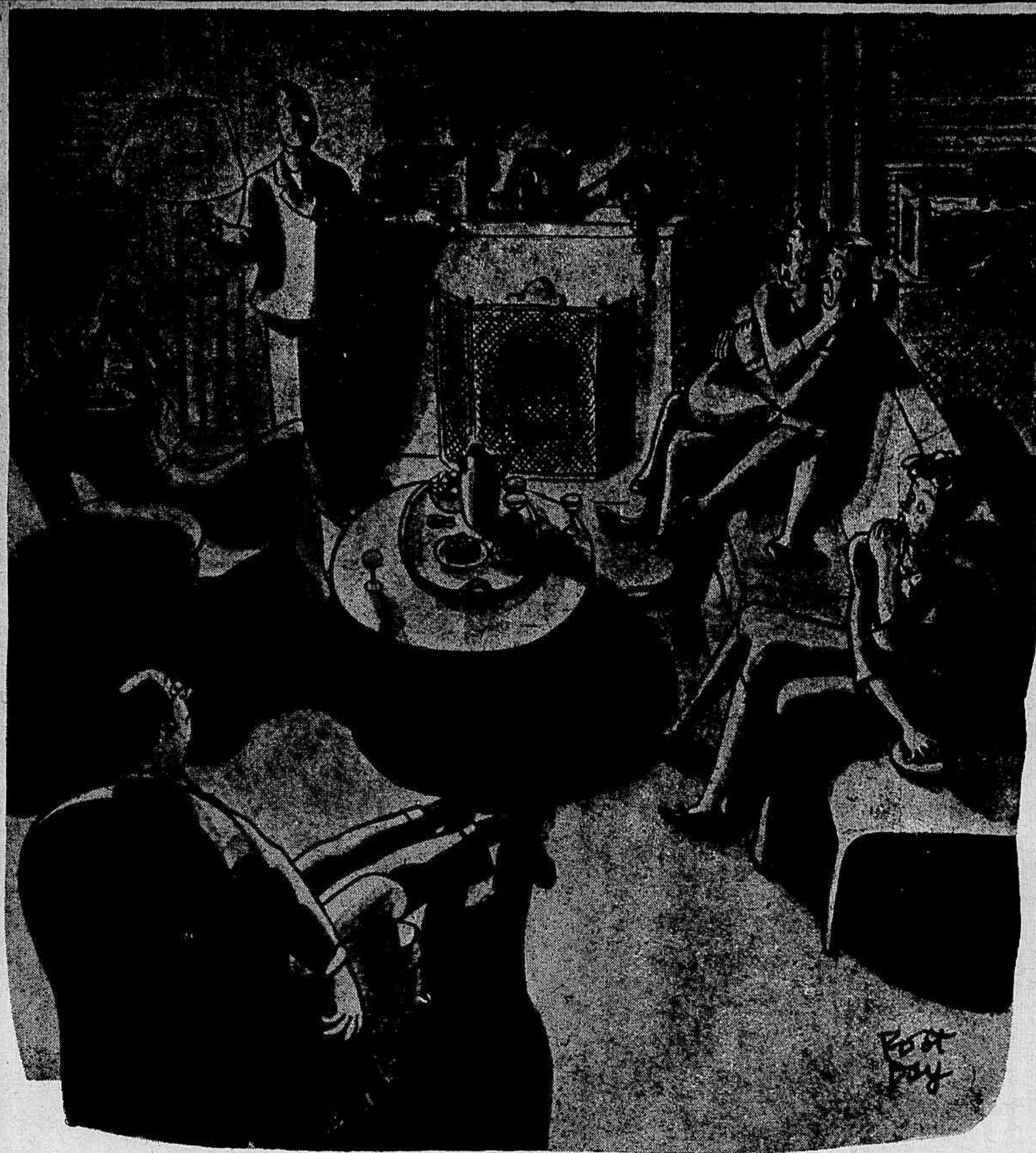
— Oxalá. Que a sua geração, seja mais feliz do que a minha. Seu pai é o homem que assistiu a duas guerras. Está cansado. Já tem o motivo porque no meu coração não encontro a mesma guarida para a repetição do fenômeno. Anseio por esse acontecimento, mas não posso furtar-me às apreensões por um segundo dia do armistício, com todas as explosões de entusiasmo que nos proporcione.

— Nós temos uma vantagem: Somos moços.

— Nós também éramos.

Nascemos já depois do armistício de dezoito. No entanto, para guiar-nos contamos com os da sua geração, apontando-nos o exemplo frustrado. Saberemos aproveitar a experiência, verá. Só o senhor se dá a honra que viu duas guerras.

— E que não quer ver uma terceira.



— Bem, acho que o "blackout" durou menos que de costume!

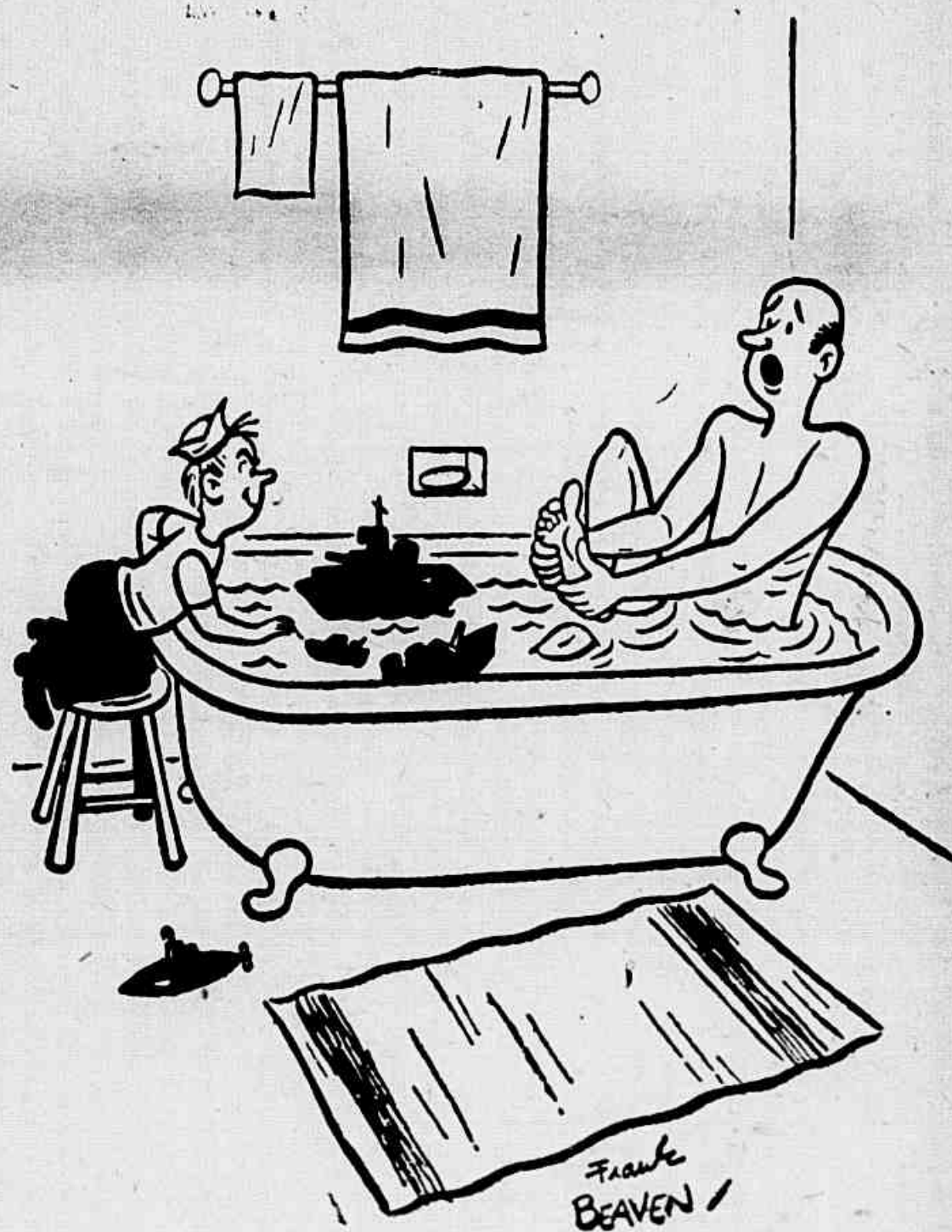


O trabalho é fácil: segurar o pano e esfregar na janela.

DE BOM HUMOR



— Pelo amor de Deus, Roberto, acabe com essas cargas de profundidade!



REVISTA DA SEMANA

ANO XLV --- 29-7-1944 --- N. 31

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Toda correspondência deve ser endereçada ao diretor.

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA

O homem que viu duas guerras (Celestino Silveira).....	3 a 5
A colcha de retalhos (Monteiro Lobato).....	15
Cabine B-13 (John Dickson Carr).....	34
Coisas não ditas (Eseragnolle Doria).....	36
Quem Fala? (Robert Lee).....	43
Livros Novos.....	46-47

REPORTAGENS

Jockey Club.....	2
Problemas de sua vida — com Sagamor Seuvero.....	8 a 13
A estreia da "filial".....	18
O que há de novo no Rio.....	22 a 26
Figuras e Fatos.....	44-45

FOTOGRAFICAS

Georgina de Albuquerque — exposição de pintura.....	28
Coisas do Brasil.....	35

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos.....	33
A guerra em marcha.....	38-39
Seu Tricot.....	42
Fotos de modelos.....	50 a 52

CURIOSIDADES

A futura Enciclopédia Brasileira.....	14
A criança iugoslava na guerra.....	20-21
Você tem vocação para detective?.....	41

SEÇÕES

De Rádio (Djalma Maciel).....	37
De Música (Roberto Lyra Filho).....	40
De Teatro — A temporada lírica.....	16

CINEMA

Hawaii.....	27
Madame Curie.....	29-32

NOVELA

Covardia — por Berliet Junior.....	55-56
------------------------------------	-------

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoececem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fóra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

CARICATURAS

De Bom Humor.....	6
Bibi e Procópio, por Guevara.....	19
"Charge" de Raul.....	58

A nossa Capa

EM meio dos dias conturbados por que passa a Humanidade, mesmo agora quando o "começo do fim" está se anunciando com a garantia da Vitória e o alvoreço de paz e tranquilidade de espírito, a Mulher é ainda o grande motivo. Ela está presente em todas as horas de nossa atividade, mesmo porque, hoje, ela participa dessas atividades, no front ou na retaguarda. Nossos soldados estão ombreando com os exercitos de países que lutam pela libertação da Europa e do resto do mundo. Voltemos o pensamento para tudo quanto é preciso reconstituir, mais tarde, não tarda muito. Esse delicioso sorriso que se vê na sobre-capa desta edição vale por uma promessa de dias melhores e de tantas alegrias que nos esperam, certamente, quando todos os soldados tiverem sido devolvidos aos lares e aos trabalhos de paz, quando os canhões não mais troarem e a aviação se utilizar com finalidades construtivas, quan-

do a navegação marítima em todo o Universo se normalizar e, enfim, nos seja permitido viver sem preocupações de filas e racionamentos...



SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

MELHOR PELO PRÊÇO E PELA EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!

À VENDA EM TODO O BRASIL

PROBLEMAS DA SUA VIDA

OS DRAMAS QUOTIDIANOS DIVULGADOS NUM PROGRAMA DE RÁDIO. MÃES QUE ENTREGAM OS FILHOS. CASOS DE AMOR E CASOS CÔMICOS. TRAGÉDIAS E EPISÓDIOS GROTESCOS QUE A CIDADE NÃO CONHECE. TODOS PRECISAM DE UMA CONFISSÃO. ESTA É A VERDADEIRA VIDA DESFILANDO ANTE O MICROFONE. UM ARQUIVO INÉDITO. 3.000 CARTAS POR MÊS! UMA PALAVRA DE CONSÓLO E UM CONSELHO PARA CADA UM. SAGRAMOR, A CRIATURA QUE CONHECE OS MAIORES ESCÂNDALOS SECRETOS DA CIDADE.

Essa multidão que se acotovela, todos os dias, nas ruas da cidade, com chuva ou sol, a caminho do trabalho diário ou voltando cansada ao lar, ao quarto da pensão, ao apartamento de luxo, é gente de todas as categorias, de todas as classes, cada qual carregando um drama que passa despercebido.

Dentro de cada um deles mora uma aflição, cada um tem um problema a resolver, ricos ou pobres, bons ou máus.

Isto nos passa despercebido, pois também temos os nossos problemas e as nossas dificuldades.

Não é nada novo. São eternamente os mesmos dramas, pois a alma humana não varia na sua essência.

E por menos importantes que eles possam parecer aos outros, são muitas vezes questões cruciais para quem os leva, e frequentemente uma vida pode depender da solução desses problemas.

Tudo é uma questão de perspectiva. Para os que estão distantes, eles não passam de pequenos pontos, perdidos como estão entre outros mil. Para a pessoa que os tem, eles obstruem todo o horizonte impedindo de ver o resto do mundo.

Não é difícil observar nas ruas as fisionomias contraídas dos que passam, as testas enrugadas pelas preocupações, o sobrececho carregado, o olhar perdido.

Eles não são loucos. São pessoas normais, que vivem as suas vidas e enfrentam as suas dificuldades.

Seria interessante se pudessemos interromper um desses transeuntes desconhecidos e perguntar-lhe o que o preocupa.

Ele por certo gostaria de desabafar. Em cada um de nós, há o desejo de confissão. É um modo de mostrarmos as almas e sentirmo-nos compreendidos. Essa comunhão com nossos semelhantes é uma necessidade fundamental para o homem, esse "animal social".

Seria realmente interessante a experiência de procurarmos ouvir as queixas que cada transeunte tem da vida, mas certamente destinada ao mais completo fracasso.

E isto porque essas confissões, em geral, gostam de se esconder sob o anonimato.

Toda essa gente, poderíamos pensar, deve ter em casa parentes ou amigos com quem desabafar.

Porque não o fazem? Simplesmente porque há aspectos da nossa vida que preferimos revelar a estranhos mas não gostaríamos de fazê-lo com amigos ou parentes.

Todos nós sentimos a necessidade de um apoio, de uma orientação dos nossos.

Gostamos de apalpar a opinião da humanidade que nos cerca.

Semelhantes! Há ocasiões em que podemos compreender melhor o significado desta palavra em toda a sua extensão.

Somos todos mais ou menos iguais, e em essência todos os nossos dramas se parecem. Os amores do capitalista, da costureira, da empregadinha.

Muitas vezes esses amores podem parecer ridículos ou grotescos. Basta

sincera acho que que não mereço ser enganada.

Minha família não gosta dele. Eu o amo muito, que me aconselha?"

Apanháramos ao acaso a carta sobre a mesa de Sagramor Scuvero, entre centenas de outras desse gênero e de outros.

Sagramor recebe milhares dessas cartas todos os meses.

São pessoas aflitas que a consultam sobre os seus problemas.

Todos os dias, ao microfone, ela responde às perguntas, procura resolver os casos, por mais complicados e absur-



SAGRAMOR SCUVERO (À DIREITA). EM COMPANHIA DO LOCUTOR URBANO LOES E DA SENHORA WILMA FARIA QUE A AUXILIAM NO SEU PROGRAMA, COMO INTERPRETES DOS PROBLEMAS.

entretanto que sejam sinceros para ser dignos de respeito.

São muitas vezes essenciais para a continuação de uma existência.

Pequenos dramas de amor, grandes tragédias conjugais, coisas muitas vezes inconfessáveis, pululam por aí, debaixo de cada tecto.

A' noite, quando a cidade parece descansar, se pudessemos, como aquele *Demon Boiteux* de Le Sage, levantar os tetos das casas, veríamos em cada uma delas um drama ou uma tragédia. E dramas e tragédias estão separados por uma parede pouco espessa, de cimento armado, em todos os arranha-céus da cidade.

E isto é apenas a vida com os seus problemas.

"Namoro um rapaz há três meses. Atualmente ele está muito diferente. Não me liga, não me dá a menor atenção. Ele joga e dança. Para não contrariá-lo não protesto. Só Deus sabe como tenho sofrido! Agora soube que ele tem outra namorada. Como sempre fui

dos que pareçam. Atende a todos com igual solicitude e carinho.

Não prepara as respostas com antecedência. Seus auxiliares, Wilma Faria e o *speaker* Urbano Loes, respetivamente interpretes dos casos femininos e masculinos, lêem as cartas. Sagramor ouve e responde imediatamente.

— A que você atribue essa facilidade em resolver casos complicados e aconselhar? Sempre foi assim?

— Não. Devo isto, parte á experiência da vida e parte á observação e á leitura. Leio muito, procuro estudar a alma humana. Sou, antes de mais nada, tolerante. É preciso compreender e tolerar. E só a experiência pode dar essa dose de tolerância e de compreensão para as fraquezas humanas.

— Cartas como essa, de amor, quantas recebe por mês?

— Desse tipo, cartas propriamente amorosas, água com açúcar, como se costuma dizer, apenas umas quinhentas por mês.

— Você diz apenas?

— Sim, porque no total recebo umas três mil cartas por mês.

A maioria dos casos, entretanto, são tragédias de todos os tipos.

— Ha quanto tempo vem se dedicando a esse trabalho?

— O programa foi criado em São Paulo em 1939, na Radio Bandeirante. Intitulava-se, então, *Senhora, o seu programa feminino*. Depois, continuei aqui no Rio, tendo mudado o título.

— E a coisa se limita ás cartas?

— Não! Está vendo toda essa gente sentada?

Estávamos vendo. No banco do *studio*, mais de uma dúzia de criaturas, quasi todas moças. Algumas de cor, outras trazendo crianças, todas com aquele ar resignado de quem já se habituou a esperar.

— A média de pessoas que me vem visitar é de umas dez por dia e umas trinta na sexta-feira, que é o dia destinado ás consultas.

Ha gente de todas as condições, que me traz os mais diferentes problemas, mães que me vêm entregar os filhos, esposas que se queixam dos maridos e alguns casos escabrosos, como bem pode imaginar. Procuro resolver sempre as coisas do melhor modo possível.

— Pelo que estamos vendo, vem aqui muita gente para entregar-lhe os filhos.

— É verdade, no ano passado entregá-mos a diversas famílias, sempre por intermedio do Juizo de Menores, 85 crianças.

— Tem seguido o destino dessas crianças?

— Sempre. De três em três meses comunico-me com os pais das crianças. Naturalmente faço isto por iniciativa própria, afim de saber os resultados do meu trabalho. Cada criança tem uma ficha que a identifica.

— E os resultados tem sido satisfatórios?

— Sempre. As crianças costumam vir aqui para visitar-me. Quer um detalhe curioso? Ainda não houve um caso em que os pais adotivos se viessem queixar dos defeitos das crianças. E elas são de todas as origens. Isto não parece confirmar a teoria de Rousseau? Estou firmemente convencido de que todas as crianças são boas. Tudo é uma questão de saber educa-las.

Quer ver uma carta pedindo que guarde uma criança que ainda não viu a luz do dia?

Queríamos ver, e Sagramor procurou, na mesa, entre muitas outras, e mostrou-nos esta:

"Quem lhe escreve é uma pobre mulher de 23 anos, prestes a ser internada numa



— Ai tem meu filho. Que Deus o abençoe...

maternidade de indigentes. E' que vou ser mãe pela segunda vez, e não podendo trabalhar, com um filho de dois anos incompletos e agora mais esse, resolvi escrever-lhe, confiante em sua tão inteligente quanto valiosa colaboração. Poderia encontrar uma alma caridosa que aceite o meu filho para criar? A essa criatura, que será a mãe do meu filho, darei, em juízo, todos os direitos. Abdicarei dessa felicidade (a maior que pode ter uma mulher), em seu favor. Só desejo que meu filhinho seja feliz. Quero que esse inocente, cujo pai um desses covardes de que o mundo está cheio, um homem que me abandonou e sabendo-me na miséria nem sequer alimenta o seu filho, seja digno desta imensa terra que é o Brasil".

— E que aconteceu com a criança? perguntámos.

— Nós a recebemos e entregámos a uma família. Tenho a certeza de que será bem tratada e se tornará útil á sociedade.

Como essa ha muitas outras. Sagramor mostra-nos outra carta:

"Tenho uma vida livre e vou ter um filho. Seja ele menina ou menino, não quero que tenha uma vida parecida. Não tenho esperanças de modificar a minha. Ouvi a senhora dizer um dia que muitos homens bons são filhos de pais máus. Por isso o meu filho pode ser um bom cidadão se for educado e bem

orientado. A criança vai nascer daqui a dois meses. Pode vir busca-la e depois arranjar um lar, a seu critério".

E nos explica:

— Essa criança está ha um ano em casa de uma boa familia. Desgraças e misérias pululam por esse grande mundo. Muitas vezes chegam-me cartas como essa. E a nossa entrevistada estendeu-nos a seguinte:

"Quem escreve a você é uma moça que já foi de familia como tantas outras. Tive curso primário e comercial. Escrevo a maquina e sei correspondencia. Minha história começou com um homem que me prometeu casamento e continuou com outros que não me prometeram nada. De seis anos para cá venho vivendo uma vida absolutamente livre, alegre, como se diz, gostaria eu de saber porque. Troquei naturalmente meu nome pois o de minha familia é honrado e decente. Não saio nunca. Minha familia proibiu-me de passar na rua em que mora. Minhas amigas são todas iguais a mim. Espero apenas que alguém me dê uma oportunidade e me estenda a mão para poder me levantar.

Você faria isto?

— E você fez?

Como resposta Sagramor limitou-se a mostrar-nos outra carta da mesma criatura:

"Escrevo-lhe esta carta pedindo para

que você me espere no proximo sabado ás três horas em sua casa. Quero que você me receba com o mesmo carinho com que me recebeu da primeira vez quando eu ainda tinha aquela vida. Ha um mês que estou no emprego que você me arranjou e a sua visita a minha mãe deu ótimo resultado. É da casa dela que estou escrevendo para você."

A resposta era bem eloquente. Não poderíamos desejar melhor esclarecimento sobre o destino daquele caso. Uma mulher que se estava desintegrando da sociedade volta a se tornar útil á mesma. Uma infeliz que vai a caminho da felicidade.

Estávamos cada vez mais interessados em conhecer todos aqueles dramas que estavam sobre a mesa, amontoados, como pedaços de vidas, de vidas diferentes, mas todas elas trágicas. Casos de amor, de ciúme, de desvario, problemas surgidos de um mau passo. Todos eles aguardando uma solução, uma resposta. Cada uma daquelas criaturas pareciam depender da palavra de Sagramor. Ela não parecia se alarmar.

Para tudo aquilo devia haver uma solução. E esta solução seria encontrada. Outras cartas, dos mesmos missivistas, cheias de gratidão, transbordando felicidade, viriam substituir aquelas que ali estavam.

Sagramor acompanha com interesse

o desenrolar dos casos que lhe são apresentados. Como um médico consciencioso, acompanha a convalescença dos seus doentes. E na verdade, ela tem um pouco de medico. Toda aquela gente que lhe escreve e procura está doente. Doente da alma. Coisa muito mais difícil de curar que o corpo. Habilidade, perspicacia, tolerância, tudo isto é necessario para desempenhar a perigosa e difícil profissão. Pelos resultados, parece que Sagramor possui todos esse dons.

Os sentimentos deformados geram dramas em toda parte. Dramas como este:

"Não posso continuar na minha casa. Tenho de sair dela quanto antes e não sei para onde ir com os meus dois filhos. Sou obrigada a dormir com a porta do quarto trancada, porque — tenho até vergonha de dizer — sou perseguida por um parente muito proximo. Não posso continuar aqui por mais tempo. Este homem é violento e até já fez escandalo. Arranje um lugar para onde ir e telefone para o número abaixo".

— E você conseguiu resolver esse caso?

Outra vez, como resposta, entregamos uma carta. Era da mesma missivista e dizia:

"Escrevo-lhe da fazenda, já trabalhando no emprego que me arranjou. As crian-

DE TODAS AS IDADES, DE DIVERSAS CATEGORIAS SOCIAIS, E AS AGUARDAM COM IGUAL ANSIEDADE QUE SAGRAMOR RESOLVA OS SEUS PROBLEMAS, DIFERENTES POR CERTO, UNS FUTEIS, OUTROS GRAVES, MAS PARA CADA UMA DELAS DE IMPORTANCIA DECISIVA.



ças estão passando bem e sentem-se felizes.

Todos gostamos muito daqui. Deus ha de recompensar os beneficios que a senhora me fez."

Cartas sem estilo, escritas com simplicidade, sem rêbuscamentos.

Cartas que são gritos de socorro, pedidos de auxilio. Gente simples, sem orientação, que não sabe como resolver os seus problemas. As principais vitimas são ainda as crianças, inocentes, que já encontraram o mundo todo errado, que não têm a menor culpa de tudo isso e devem sofrer as consequências dos erros de seus pais. E' para elas que Sagramor volta de preferencia a sua atenção e dispende o melhor dos seus esforços,

Talvez por isso mesmo surjam tantos casos dessa natureza. Eis aqui outro:

Na rua tal, numero tanto, encontra-se uma menina de nove meses, com uma familia que a recebeu apenas por uma semana, com ordem de entrega-la á senhora. Se não for busca-la dentro desse prazo, a familia não saberá o que fazer com ela. Essa criança é filha de uma senhora da sociedade com um homem também da alta sociedade. Ambos eram solteiros quando a criança nasceu. Agora casaram-se mas não um com o outro. Tanto um como outro negam a existencia de uma filha e dizem não reconhecer a criança. Mais tarde, quando a criança já estiver em sua companhia, irei procura-la e darei maiores detalhes."

— A criança foi entregue á uma familia sem filhos, que se prontificou a cria-la. Como vê, há sempre uma solução para estes casos. Se há pessoas ruins, mães desnaturadas, pais sem consciencia, também há as boas e caridosas.

Surgem os casos em familia. Brigas e mal entendidos. As guerras entre países são apenas uma ampliação das pequenas lutas que se podem contar aos milhares. E' bem complicada esta humanidade. Esses pequenos dramas torturam aqueles que os representam. Sagramor procura resolve-los do melhor modo possível. E a melhor prova do seu exito é a quantidade de cartas que recebe. Esta que nos mostrou é um exemplo de briga em familia:

"Resolvi repetir aqui o problema, pois talvez a minha carta se tenha extraviado. E' o seguinte: Que me diz você de uma mulher que abandonou o seu proprio marido, abandonou-o bem como a seu filho, para seguir com um amante, uma vida de orgias descendo ás maiores baixezas, sem mesmo ter o escrúpulo de esconder esse procedimento do filho, que cresceu se habituando a presenciar a falta de moral da propria mãe. Um dia esse homem conhece uma moça distinta, de familia ilustre. Consegue engana-la, fazer-se amado por ela e, o que é ainda pior, casa-se com ela. Depois de casada, essa criatura descobre todo o passado de sua sogra. Descobre ainda que no presente essa vida continua a ser um rosario de vícios e de pecados. Revolta-se contra o marido que a ludibriou e, como era de se esperar, cortam as relações. Passam-se os anos, cheios de lágrimas e sofrimentos, pois a sogra, mesmo de longe, conseguia aumentar a desarmonia do casal. Essa mulher está agora uma velha, um trapo. Todos a despresam. Os proprios parentes negam-se a conhece-la. Somente o filho tem ainda alguns cuidados com ela.

Acha você que devo recebê-la em casa? Como poderei suportar a presença de uma mulher tão vil, tão baixa, capaz de todas as indignidades? Essa mulher não tem

o menor decoro e a sua propria linguagem é de fazer arrepiar os cabelos.

Como poderia apresentá-la a um amigo ou mesmo a um vizinho?

Não seria preferivel uma separação entre marido e mulher a ter que viver com semelhante sogra? Que diz a isso minha boa amiga. Responda, sim?"

Sagramor responde a tudo isso. Procura dar consolo e solução. Usa uma coisa muito simples para resolver esses problemas. Bom senso. Esse bom senso, do qual disse alguém, que uma simples pitada vale mais que toda uma biblioteca.

Sabem como respondeu a este caso? Eis aqui

"Quando uma mulher e um homem se casam, fazem-no para os bons e os más momentos. Esse é um momento trágico

que deverá encontrá-los ainda mais unidos. Mesmo que você não apresente essa criatura aos amigos ou aos vizinhos, a sua obrigação é ajudar os que mais precisam do seu auxilio. Se você não for tolerante com os outros, não poderá esperar também tolerancia para as suas faltas. — E todos nós temos as nossas faltas, não é verdade?

Palavras de consolo, conselhos ditados pela experiencia e pelo bom senso. Um conforto para cada ouvinte. Uma solução para cada caso. Essas as finalidades do programa de Sagramor. E como vemos, elas estão sendo conseguidas.

Até então, a nossa atenção estivera presa a Sagramor, ás cartas, ás perguntas e respostas. Descemos. Lá em baixo uma pequena multidão aguardava

a diretora do programa. Não eram cartas. Eram pessoas de carne e osso que ali vinham expor os seus casos, pedir conselhos, pedir socorro. Homens, mulheres e crianças. Pelas roupas, podíamos ver que eram de todas as classes. Havia algumas senhoras elegantemente vestidas, esquivando-se aos nossos olhares indiscretos. Havia também de côr com crianças de colo. Uma delas se aproximou de Sagramor. Era bem escura, mas a criança que trazia ao colo era mulata clara.

Falaram baixo, a de côr e Sagramor. Afastamo-nos para deixa-las sós.

Depois de algum tempo entregou a criança. Olhou-a pela última vez, como quem se despede. Um olhar como só as mães tem para seus filhos. Nesse momento, as fêras ficam mansas e boas.



— CONTE-ME O SEU DRAMA. TALVEZ EU POSSA AJUDÁ-LA A SOLUCIONAR O SEU PROBLEMA...

A high-contrast, black and white photograph. A woman with dark, curly hair is leaning over, looking down at a child lying on the floor. The woman is wearing a dark, patterned dress. The child is lying on their back, wearing a light-colored, patterned shirt. The background is a plain, light-colored wall. The lighting is dramatic, with deep shadows and bright highlights.

Não se desespere, minha filha.
Sempre é tempo para salvar-se.

A mulher se despediu chorando. Beijou a mão da sua bemfeitora.

Aproximamo-nos.

— A criança tem apenas um mês, disse-nos Sagramor. A mãe veio entregá-la porque não a pode sustentar.

— E que fará você?

— Já tenho um destino para ela. Será entregue a uma família também de cor, mas que se encontrar em boa situação e não tem filhos.

Estávamos admirados da facilidade com que eram resolvidos os problemas.

Um a um, todos eram ouvidos.

Muitas vezes havia pranto e desespero. Meninas ainda novas, bonitas algumas, cujos lencinhos pequenos pareciam insuficientes para tantas lágrimas.

Outros vinham com um olhar cheio de alegria, de felicidade e de gratidão. Falavam muito, gesticulavam. A fisionomia de Sagramor enchia-se também de felicidade. Era a felicidade que ela dava e que lhe era restituída em dobro. Para esses, as suas palavras deviam ser muito parecidas às dos médicos que se despedem de um convalescente de doença grave. E eles são realmente convalescentes das feridas da alma, tão cruéis e dolorosas como as do corpo.

No caso deste programa, o rádio está a serviço das boas causas e pode penitenciar-se de tantos feios pecados que lhe apontam, com razão, realmente. Si existem programas radiofônicos perniciosos, de humorismo baixo, de auditorios enervantes, deseducados e deseducantes, si há o rádio-teatro novelesco, ou o dramalhão, onde meia dúzia de artistas falhados no palco sempre encontram a sua chance porque são apenas ouvidos, e onde também os reais valores da cena podem encontrar suas oportunidades, existem, como no caso em aprêço, as obras construtivas. Uma edição inteira seria insuficiente para divulgar os mais tenebrosos "casos" que tem passado pelo microfone, mas os mais delicados são aqueles que ficam nos bastidores, não podendo ser revelados pelas antenas, resolvidos muitas vezes com o auxílio das autoridades. Vejamos alguns:

Um matrimônio realiza-se, hoje, com toda a pompa e solenidade. Festa em família, noticiário nos jornais, fotografias batidas, presentes e flores. Daí a dias — lágrimas e desespero. O casal desentendeu-se, o rapaz não se conformou com a nova situação de sua vida, a moça quer voltar para casa dos pais, os pais não sabem que deliberação tomar... Um dia, alguém ouve o programa da mulher que maior número de mistérios conhece. Apela para essa mulher. Prepara-se o plano. O marido vai ouvir a transmissão na sexta-feira seguinte, "como por acaso", porque o sogro teve o cuidado de prendê-lo junto ao microfone, sob qualquer pretexto, aquela hora. Ele escuta a resposta dada a outro homem qualquer — que é ele mesmo. Assimila o drama. E segue o conselho da locutora...

Uma filha está disposta a fugir da casa paterna porque papai e mamãe não concordam no seu casamento no Uruguai. Essa história de Uruguai é muito frequente. Ela escreve para Sagramor, pede-lhe um conselho, fala nos desenganos, em suicídio, em crime, em ajuste de contas, cita más antecedentes de alguém da família. E espera a resposta. Mas a resposta, ao contrário do que a mocinha podia admitir, longe de ir ao encontro da sua vontade, serve exatamente para recomendar-lhe que deve moderar o seu gênio, reduzir a proporções exatas o seu problema, deixar que o tempo vá passando e nunca deliberando adotar a medida extrema da fuga. Porque o rapaz pode não casar

nem mesmo no Uruguai — e os pais estarão sempre dispostos a recebê-la, mas melhor será que não volte. Que fique. Outro noivo mais digno do seu amor poderá aparecer...

Uma criatura predestinada relata seus sofrimentos. Tem recalques. Sofre de complexos. Tem mesmo vícios. É uma mulher sem grandes preceitos de moral — embora a sociedade pense o contrário. E não trepida em assinar o nome próprio, por extenso, dando a rua, o número, o telefone... A resposta:

— Minha senhora: Um bom banho de chuveiro ha de fazer-lhe imensamente bem. Banho para o corpo e para o espírito...

A casa de Sagramor é um viveiro de passaros. Entram e saem crianças, que ali ficam horas, dias ou meses. Lá se encontram berços de recém-nascidos, às vezes. Outras vezes, enxovais de noivas. De lá tem saído bebêsinhos que encontram novos pais e moças que não tinham um lugar onde dormir até chegar o dia da pretoria e da igreja.

De qualquer modo, esse programa de rádio cumpre uma finalidade e serve como índice para nos apontar quantos dramas íntimos e quantas pequeninas tragédias se espalham pela cidade, pelo interior do país. A minoria passa por esse programa, porém quantos milhares de outros "casos" não continuam ignorados, tendo apenas os protagonistas deles participando!

Ha cartas cuja divulgação não poderia ser feita, de modo algum, nesta reportagem. Cartas realistas, que nenhum escritor ainda pensou em ler, e cuja divulgação, si possível fôsse fazê-la, iria inspirar-lhe talvez uma obra-prima de sofrimento, angustia ou de renúncia.

Mas os mais belos casos de amor também se filtram nesse às vezes melancólico programa. A alma feminina que se limita a divulgar o seu caso — uma afeição infinita e muito sincera por um homem que às vezes nem sequer dessa afeição tomou conhecimento. Alma feminina que sabe não poder encontrar reciproca nesse grande amor. Alma que continuará oculta, no seu canto, disfarçando o sentimento que lhe floriu contra a vontade...

Pobre Humanidade! Como se debatem as criaturas e quanto se desesperam, sempre á custa de um átomo de felicidade que tão poucas vezes lhes sorri! Si em um simples programa radiofônico podemos palpar, tão de perto, o seu conturbado drama — que não existirá na coletividade! Fazemos esse comentário a Sagramor. Ela nos responde:

— Exerço a minha função. Sofro com os que sofrem. Procuo contornar os padecimentos de ordem moral, quando é permitido fazê-lo. Mas não acha que muito mais poderia ser feito si existissem obras de sentido social, amplas e realmente eficazes?

Curioso e impressionante aquele desfile da vida. Sim, porque aquilo tudo é a vida, com os seus dramas e os seus problemas.

Despedimo-nos de Sagramor.

E você também não tem problemas?

— Se os tenho! E muitos, que quer que faça? passo quase todo o meu tempo resolvendo os problemas dos outros e chego até a esquecer os meus próprios. Mas isto já é um grande consolo.

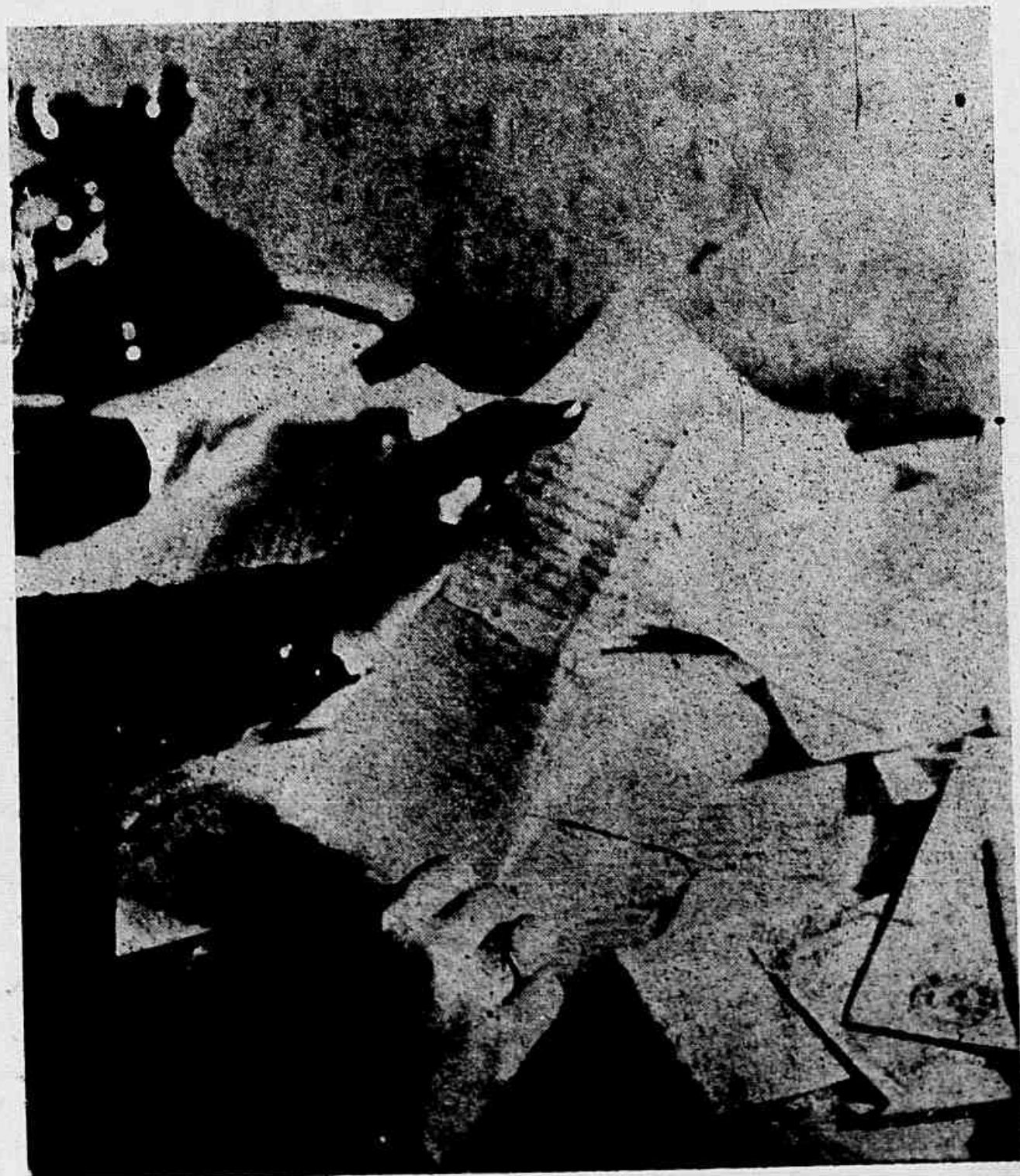
Um apelo de Sagramor:

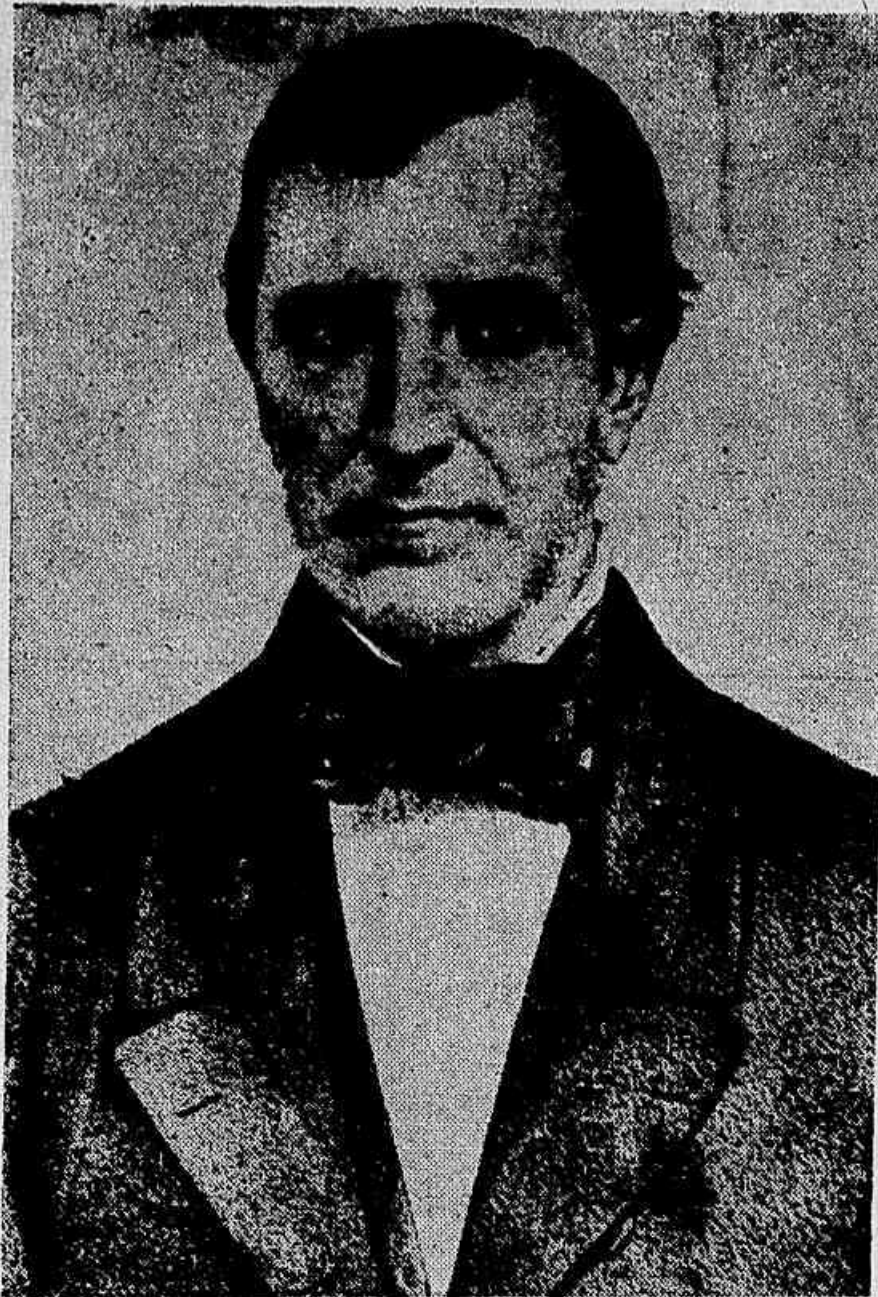
Valendo-se do ensejo que lhe deu a reportagem, Sagramor pede à mãe da menina Efigênia que a procure afim de prestar alguns esclarecimentos necessários para resolver o caso no Juizado de Menores. Trata-se de uma senhora que residia na rua da Misericórdia.



SAGRAMOR NÃO PREPARA AS RESPOSTAS. OUVI OS PROBLEMAS, PENSA UM POUCO E RESPONDE SEM HESITAÇÕES, COM A SEGURANÇA DE UM GUIA VETERANO QUE CONDUZ O VIAJANTE PELOS MISTERIOSOS CAMINHOS DA VIDA.

AQUI ESTÁ UMA PEQUENA PARTE DA CORRESPONDENCIA DE SAGRAMOR. SOBRE ESTA MESA, MISTURAM-SE OS MAIS DIVERSOS PROBLEMAS. CADA MISSIVISTA AGUADA A RESPOSTA E OS CONSELHOS. TODOS ELES SERÃO ATENDIDOS E OUTRAS CARTAS COM OUTROS PROBLEMAS CONTINUARÃO CHEGANDO.





Barão de Mauá — Reprodução fotografica do I. N. L. de documento da "Galeria dos Brasileiros Ilustres", litografia de S. A. Sisson, vol. I.º) Para o "Dicionário Enciclopédico do Rio Grande do Sul (de Aurelio Porto).



INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO, que representa uma das mais oportunas criações do governo do Presidente Getúlio Vargas, no seu programa de criar meios mais gerais de cultura para o povo, atravessa, no momento, um período de grandes atividades.

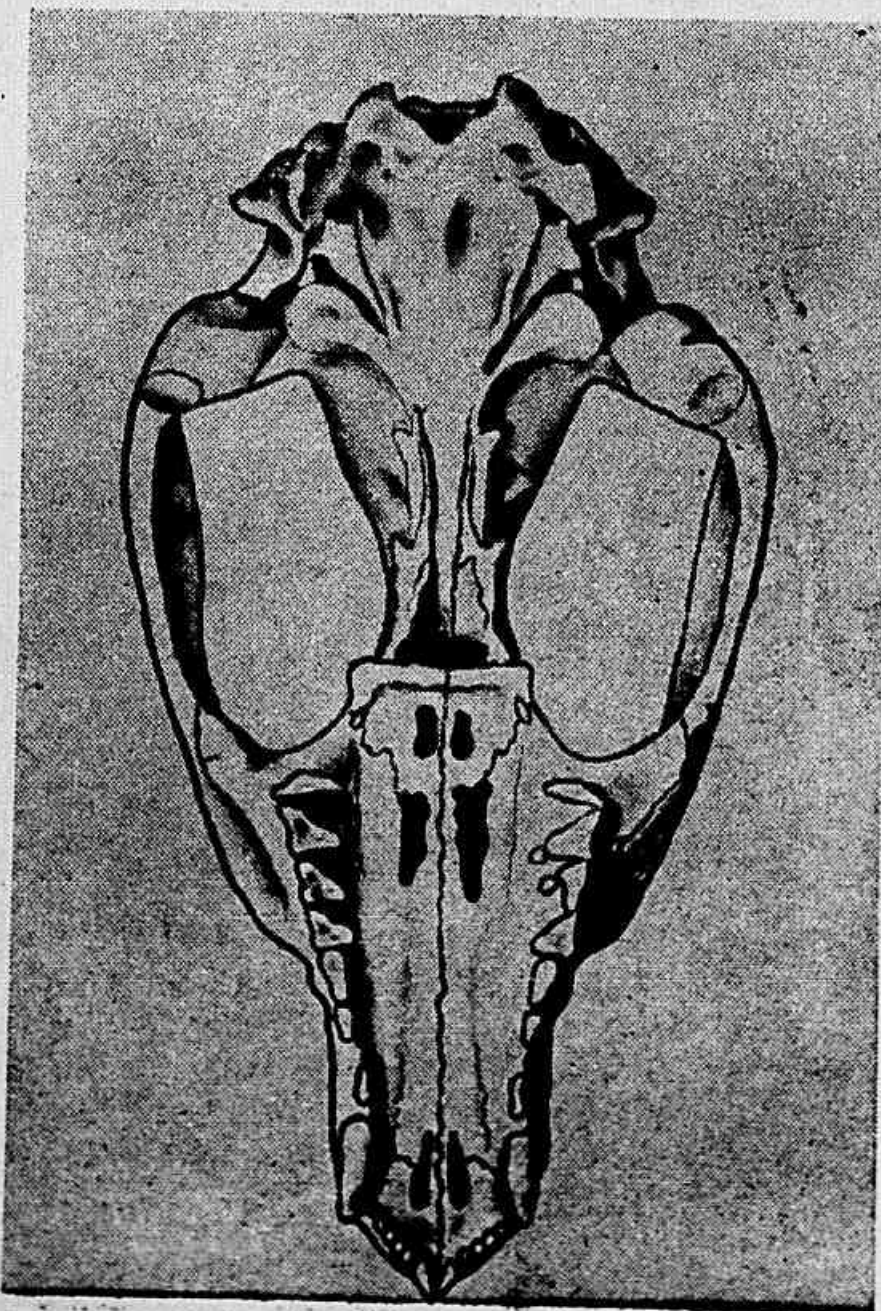
Atualmente aquele órgão está empenhado na tarefa de preparação das primeiras obras que serão divulgadas como partes especiais da futura Enciclopédia Brasileira.

FALA O SR. AMÉRICO FACÓ

O sr. Americo Facó, chefe da Seção da Enciclopédia e do Dicionário do I. N. L., sobre a realização do trabalho que foi atribuído à seção que dirige concedeu-nos a seguinte entrevista:

— O plano da Enciclopédia Brasileira prevê que se dará especial desenvolvimento aos assuntos brasileiros, cujos artigos hão-de constituir, às vezes, ver-

"Marsupilia" (Craneo). Para o "Mamífero Fósseis do Brasil" (de Carlos de P. Couto). Desenho do I. N. L. (de documento do "Museo Lundii"; T. II-1, Pl. III).



dadeiras monografias. Assim, enquanto a matéria que interessa a história e os conhecimentos gerais da humanidade será, com diferença de redação, a que se encontra habitualmente nas grandes enciclopédias, a matéria referente ao Brasil ha de imprimir à alma a seu caráter mais significativo. E, como não seria prático nem conveniente proceder primeiro à elaboração total da Enciclopédia, e publicar em seguida, juntamente, os seus numerosos volumes de A a Z, adotou-se critério novo, pelo qual se irão editando, na medida em que se acham prontas, as várias partes especiais, como contribuição antecipada para o fim cultural que se tem em vista. Ora, essas partes especiais são quasi sempre organizadas de modo que os seus artigos, dispostos em ordem alfabética pelos respectivos títulos, fiquem já em redação apropriada para se integrarem mais tarde no corpo geral da Enciclopédia.

PRONTOS PARA A PUBLICAÇÃO

Continuando o nosso entrevistado afirma:

— Neste momento estão concluídos para a publicação até ao fim de 1944, os seguintes volumes:

Dicionário Popular Brasileiro por Alarico Silveira, volume I. O autor: falecido em fevereiro de 1943, reuniu cerca de cem mil palavras referentes à toponímia, à flora, e à fauna brasileiras, bem assim vocábulos de uso popular e familiar, os chamados brasileirismos de

A FUTURA ENCICLOPEDIA BRASILEIRA

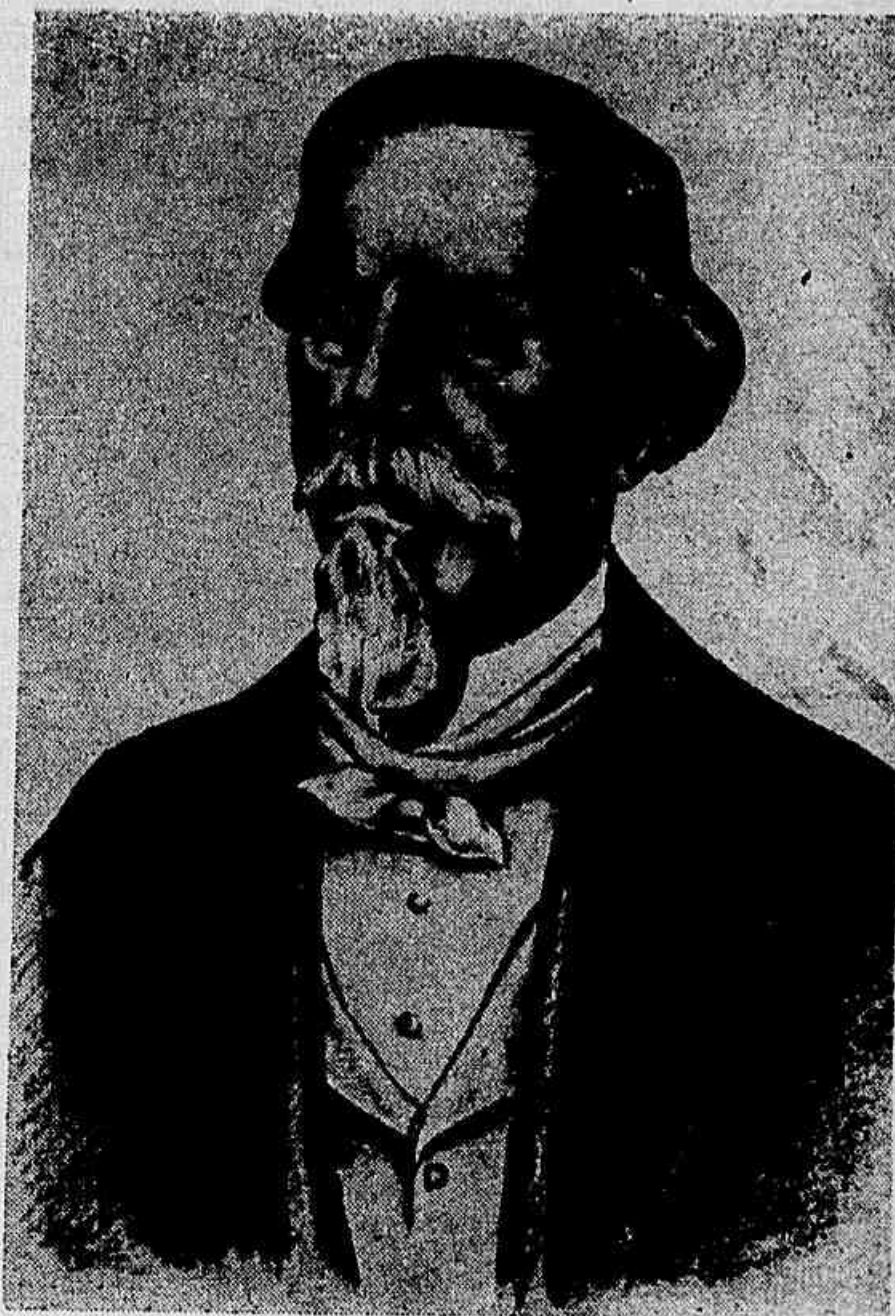
A PREPARAÇÃO DAS PRIMEIRAS OBRAS QUE SERÃO DIVULGADAS — FALA-NOS O SR. AMÉRICO FACÓ, DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

(Reportagem da AGÊNCIA NACIONAL)

uso generalizado, ou regional, tudo comprovado com textos de cerca de 1.200 autores nacionais. A obra total contará cinco, ou provavelmente seis volumes, e servirá, como subsídio, tanto para a Enciclopédia Brasileira quanto para o futuro Dicionário da Língua Nacional, que é outro empreendimento desta Seção do Instituto. Ainda em vida de Alarico Silveira, deu-se começo aqui, sob as suas vistas, à tarefa de organização do vasto material por ele confiado ao Instituto, e a obra futura há de honrar a memória desse zeloso, probo, inteligente e sábio pesquisador.

O Dicionário Enciclopédico do Rio Grande do Sul, da autoria de Aurelio Porto, volume I, quando concluído contará com cerca de cinco volumes. Nele se encontrará tudo o que tiver relação com a geografia, a história, a fauna, a flora, etnografia, a economia, as coisas do Rio Grande do Sul. E' a primeira de uma série de obras análogas, relativas aos Estados e Territórios brasileiros. Os artigos, como o título o indica, são dispostos em ordem alfabética, e irão mais tarde integrar-se na Enciclopédia Brasileira, sujeitos apenas a eventual revisão.

Dicionário de Filosofia por Orris Soares, volume I. E' a primeira obra do genero composta em língua portuguesa. A sua significação está na própria importância do vocabulário filosófico, e servirá como obra auxiliar aos estudantes de filosofia.



Barão do Serro Largo (ABREU, José de: —) Para o "Dicionário Enciclopédico do Rio Grande do Sul (de Aurelio Porto). Desenho do I. N. L. (de documento do "Nobiliário Sul Rio-grandense", ilustrado p. João Faria Viana).

Paleontologia Brasileira de Carlos de Paula Couto 2 vols. com cerca de trezentas ilustrações. Aqui a obra constitui uma monografia. Até agora os estudos sobre os fósseis vertebrados do Brasil constavam de breves comunicações feitas a sociedades científicas. Esta representa o primeiro esforço sistematizado que se realiza para a paleontologia brasileira.

NO CORRENTE ANO

Concluindo a entrevista que nos concedeu, o sr. Americo Facó declara:

— São estas as publicações da Enciclopédia Brasileira que teremos no ano corrente. O formato de cada uma delas é 22x27 cs., com quatrocentas a quinhentas páginas. Outras já poderiam igualmente ser encaminhadas à Imprensa Nacional, mas há que dar atenção também aos trabalhos de lexicografia, não menos importantes que os trabalhos enciclopédicos.

"Vampyrops Lineatus" (Craneo). Para o "Mamíferos Fósseis do Brasil", (de Carlos de P. Couto) Desenho do I. N. L. (de documento do "Museo Lundii"; T. II-1, Pl. I).





15

ARCINDO

GRANDE PARTE DA OBRA DE MONTEIRO LOBATO ENCONTRA-SE, HOJE, TRADUZIDA EM VÁRIOS IDIOMAS. AQUI MESMO, NA REVISTA, MUITOS DE SEUS MELHORES CONTOS VIMOS PUBLICANDO, E ESTE QUE HOJE REPRODUZIMOS, DOS MAIS DIVULGADOS, SEM DUVIDA, MAS TAMBÉM DOS MAIS APRECIADOS, VALE SEMPRE, PARA LER OU RELER:

Upa!

Cavalgo e parto.

A natureza, por estes dias de Março, acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblinas e é com espreguichamentos de mulher madraça que despe os véus da cerração para o banho de sol. A névoa esmaia o relevo da paisagem, desbota-lhe as cores.

Tudo parece coado através dum cristal despolido.

Vejo a orla de capins tufados como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada descorar passos adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto lavado d'alguns jacarés marginais.

Agora, uma porteira.

Aqui, a encruzilhada do Labrego.

Tomo á destra, em direitura ao sítio do José Alvorada. Este sujeito mora-me a talho de pegar um roçado no capoeirão vizinho aos Perequitos, nata de terra que pelas bocas do caeté legítimo, da unha de vaca e da caquéra está a clamar foíce e covas de milho. Não é difícil a puxada; com cinquenta braças de carregador, boto a roça no caminho velho.

Três alqueires, só no bom. Talvez quatro. A noventa por um-nove vezes quatro trinta e seis; tresentos e sessenta alqueires de oito mãos. Descontadas as bandeiras que o porco estraga, e o que comem a paca e o rato... Será a filha do Alvorada?

— Bom dia, menina. O pai está em casa?

E' a sua filha única. Pelo geito não vai em mais de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia eité como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finje arrumar a rodilha. Veio pegar água a este cor'go e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquarís, ao avistar-me.

— O pai está lá? Insisti.

Respondeu um "está" enleiado, sem erguer os olhos da rodilha. Como a vida do mato asselvaja estas vedinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. O velho quando comprou a situação dos Periquitos, vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

Mas a vida lhes correu dura na luta contra terras ensapadas e secas onde se encurtam as colheitas dobrando o trabalho. Fôram-se rareando as idas á cidade e, ao cabo, de todo se suprimiram. Depois que lhes nasceu a menina, rebento floral em anos outoniços, e que a geada queimou o café novo — uma tamina, três mil pés — o homem, amuado, nunca mais espichou pé fóra do sítio.

MONTEIRO LOBATO

A COLCHA DE RETALHOS

Ilustração de
ARCINDO MADEIRA

Se o marido deu assim em urumbeva, a mulher, essa enraizou de peão para o resto da vida. Costumava dizer: mulher na roça vai a vila três vezes, uma a batisar, outra a casar, terceira a enterrar.

Com tais casmurrices na cabeça dos velhos, a pobresinha da Pingo d'Água — tinha esse apelido a Maria das Dôres — era natural que se tolhesse na desenvoltura ao extremo de ganhar medo à gente. Fôra uma vez á vila, com vinte dias, a batisar. E já lá ia nos quatorze anos sem nunca mais ter-se arredado d'ali.

— Ler? Escrever? Patacoada, falta de serviço, dizia a mãe. Que lhe valeu a ela ler e escrever que nem uma professora, se des'que casou nunca mais teve jeito de abrir um livro? Na roça como na roça.

Deixei a menina às voltas com a rodilha e embrenei-me por um atalho conducente à morada.

Que ruíria...

Da casa antiga aluira uma aba, e o restante, além da cumieira selada, tinha o oitão fora do prumo.

O velho pomar, roído de formiga, sucumbira de inanição; três ou quatro laranjeiras macilentas, roídas de broca, sopesando o polvo retraçado da herva de passarinho, abrolhavam ainda rebentos ouriçados de puas, na ancia de sobreviver. Fora d'isso, mamoeiros, a silvestre goiaba, e aracás, promiscuamente com o mato invasor que só respeitava o terreirinho batido, fronteiro, à casa. Tapera, quasi, e enlurados nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera.

Bati as palmas: ó de casa!

Apareceu a mulher.

— Está o seu Zé?

— Inda agorinha saíu, — mas não demora, foi queimar um mel na maçaranduva do pasto. Apêie e entre.

— Amarrei o cavalo a um moirão de cerca e entrei. Acabadinha a Sinh'Ana Rosa. Toda rugas na cara, e uma cor... Estranhei-lh'a.

— Doença, gemeu, estou no fim. Estômago, fígado, uma dor aqui no peito que responde na cacunda... Casa velha é o que é.

— Metade cisma, disse-lhe para consôlo.

— Eu é que sei, retrucou ela, suspirando.

(Continua na pag. 48)



É A PRIMEIRA VEZ QUE NOS VISITA A ESTRELA DO METROPOLITAN OPERA HOUSE, JENIE TOUREL, A QUEM VEREMOS ESTE ANO. SUA INTERPRETAÇÃO EM CARMEN FOI MUITO ELOGIADA PELA CRÍTICA AMERICANA. VEMO-LA AQUI ENCARNANDO A CIGARREIRA QUE UMA SÉRIE DE INTERPRETES DE CLASSE JÁ NOS DERAM, EM ADMIRÁVEIS ESPETÁCULOS.

Durante a Temporada Lirica que, dentro em breve, começará no Teatro Municipal, teremos nada menos de cinco óperas de Verdi: RIGOLETTO, FALSTAFF, TRAVIATA, FORÇA DO DESTINO e BAILE DE MÁSCARAS. As melodias fáceis e abundantes das suas óperas continuam encantando o grande publico, enquanto os críticos teimam em querer provar que o valor de sua obra não está aí. O próprio Verdi, aliás, não dava a menor importância à opinião da crítica.

Conta Monalli, mesmo, que certa vez, tocando alguns trechos de uma de suas obras mais aguçadamente populares, o Trovador, Verdi constatava, com alegria, a desaprovação de um crítico que o ouvia. Chegando ao celeberrimo Miserere culminou a impaciência do ouvinte e, em igual proporção, o entusiasmo do autor. Finalmente, este voltou-se para o crítico e perguntou: — Então? Não gosta da minha musica?

A polidez do outro fez com que procurasse eufemismos, mas Verdi atalhou:

— Não precisa adoçar a pílula. O senhor não calcula como o fato de não gostar da minha musica me agrada. Isso significa que o publico gostará dela.

MARIA DE SÁ EARP VAGHI, QUE NA TEMPORADA ANTERIOR CANTOU O "RIGOLETTO" AO LADO DO GRANDE BARITONO LEONARD WARREN, FOI TAMBÉM CONTRATADA PARA A ESTAÇÃO VINDOURA. VEMO-LA, AQUI, NO PAPEL DE GILDA DAQUELA OPERA. MAS A SOPRANO PATRICIO TOMARÁ PARTE EM DIVERSAS OUTRAS PEÇAS.

A SOPRANO VIOLETA COELHO NETO DE FREITAS QUE JÁ NOS DEU, EM OUTRAS TEMPORADAS, UMA CRIAÇÃO NOTÁVEL EM MADAME BUTTERFLY, APARECEÁ NOVAMENTE, ESTE ANO, NO DESEMPENHO QUE A CONSAGROU POR OCASIÃO DE SUA ESTREIA. VIOLETA COELHO NETO DE FREITAS É UM DOS VALIOSOS ELEMENTOS DA TEMPORADA.

VERDI NA TEMPORADA LIRICA

ROBERTO LYRA
FILHO

CARLOS MERINO JÁ CANTOU, COM REAL SUCESSO, NO TEATRO COLON DE BUENOS AIRES. NÃO É A PRIMEIRA VEZ QUE NOS VISITA, PORÉM, COMO VOLTA DEPOIS DE LONGA AUSÊNCIA, CONSTITUIRÁ QUASI QUE UMA NOVIDADE. DE RESTO, A CRÍTICA INTERNACIONAL TEM REGISTRADO SENSÍVEIS PROGRESSOS NESSE TENOR.





CHARLES KULLMAN, CANTOR DO METROPOLITAN OPERA HOUSE DE NOVA IORQUE, JÁ ESTEVE NO RIO MAIS DE UMA VEZ. ESTE ANO, AO LADO DE WARREN E OUTROS COLEGAS DO MAIOR TEATRO DE OPERA DA AMÉRICA DO NORTE, KULLMAN ESTREIOU NO RIO DE JANEIRO NA BOHÈME, NO PAPEL DE RODOLFO, QUE PROVAVELMENTE INTERPRETARÁ ESTE ANO.



ZINKA MILANOV JÁ É MUITO CONHECIDA DO NOSSO PÚBLICO. TIVEMOS A OPORTUNIDADE DE OUVI-LA. FAZ POUCO TEMPO, E OUVI-AMOS NOVAMENTE DURANTE A TEMPORADA QUE, DENTRO EM BOM TEMPO, COMEÇARÁ NO TEATRO MUNICIPAL, SOB A DIREÇÃO DO SR. PIERGILI. ZINKA MILANOV DEVE CHEGAR PROXIMAMENTE AO RIO.



SILVIO VIEIRA É BASTANTE CONHECIDO DO NOSSO PÚBLICO. EM TODAS AS TEMPORADAS ELE NOS PROPORCIONA INTERPRETAÇÕES CONSCIENCIOSAS DOS PERSONAGENS MAIS DIVERSOS. PARA ESTE ANO, O CONHECIDO MEMBRO, NA PARTE NACIONAL, DO ELENCO DO MUNICIPAL APARECEÁ EM VÁRIOS ESPETÁCULOS JUNTAMENTE COM OUTROS CANTORES.

Diante disso, como ainda achamos coragem para nos bater contra o escasso número de representações de Otelo e Falstaff? Não era essa a consagração que ele almejava. Só a aprovação do público o interessava e uma pateda deste era causa de grande depressão.

Com os músicos profissionais a atitude de Verdi mudava.

Não os respeitava, nem poupava descomposturas. Era tão exigente que, às vezes chegava à impertinência...

Quando, após uma representação de Atila, o maestro perguntou ao compositor se o espetáculo lhe agradara, o genial camponês de Bussetto respondeu:

— Agradou-me. Estava muito... a caráter...

— A caráter? Não compreendo, mestre.

— Sim, a caráter. Os senhores trataram a minha música como verdadeiros vandalas. Que mais se poderia esperar quando o libreto é baseado na vida de um bárbaro?

Os libretos raramente o satisfaziam. Enervava os poetas com as suas exigências e só era comparável, em irascibilidade, a um certo alemão também muito minucioso: Ricardo Wagner.

Tentar aqui um paralelo entre Wagner e Verdi seria mais do que temerário... Porém uma simples observação, sem pretensões, pode ser feita. O idioma musical que Verdi usou nas suas duas últimas óperas, incontestavelmente as melhores que compôs, tinha certo parentesco com o de Wagner. Expliquemo-nos. Sem intentar opor os dois, colocando-os cada um em um prato da balança, para ver qual pesa mais em genialidade intrínseca, poderíamos dizer que quasi se equivalem. A linha melódica que Verdi mantém, nas últimas obras, caracteriza toda a partitura.

Não era sempre, porém, que expressava a sua opinião com franqueza. Conta Manaldi, no seu Verdi Anedótico, que certa vez um jovem compositor, de complexão forte, pediu a Verdi que ouvisse algumas de suas obras. O maestro, gentilmente, acedeu e apreciou, não sem considerável dose de tédio, as composições que o rapaz executou com entusiasmo. Terminado o concerto improvisado, aquele, ansioso, procurou discernir, nas feições do mestre, a aprovação que esperava. A fisionomia de Verdi era, porém, impenetrável.

— Que acha da minha música, maestro? perguntou-lhe o moço, atribuindo o fato a uma grande comoção diante da beleza de sua obra.

— Ah, meu caro amigo, não peça a minha opinião, por favor.

— Mas por que?

— Bem... Você é muito mais forte do que eu...

Verdi, como se vê, presava a integridade de seus ossos. Aliás poder-se-ia atribuir esse gesto a uma ironia ou à santa ingenuidade de alguns gênios. Gershwin, que, não sendo gênio, tinha muito talento e sabia disso, protegia a sua pele com desusado carinho, porque, francamente, a julgava de valor inestimável.

Alexander Woolcott narra, em seu livro "Long Long After", que certa vez, Gershwin foi convidado para jogar pelota, e recusou.

— As minhas mãos... preciso muito cuidado com elas, compreendem, não é verdade? disse com um sorriso.

Um pianista, que se achava ao seu lado, protestou, risonho:

— Mas, Gershwin, eu também vivo das minhas mãos e vou jogar... Será que você julga que as suas mãos são mais preciosas do que as minhas, meu amigo?

E o compositor da Rhapsody in Blue redarguiu, placidamente:

— Está claro...

Genio ou pretensão? Cabotinismo ou consciência de seu valor? Os que não merecem que se lhes perdoe essas vaidades alegam o precedente dos gênios... Mas se fôssemos aceitar esse argumento, como acabaríamos? Permitir que quem para isso tem autoridade tome certas liberdades é mais do que justo, mas se dermos liberdade absoluta a todos que resultará? As primadonas exigiam inteira liberdade... e faziam, às vezes, da ópera uma mixórdia de vocálicos. Também os maestros, em certas ocasiões, tomam liberdades e o resultado não é menos desastroso...

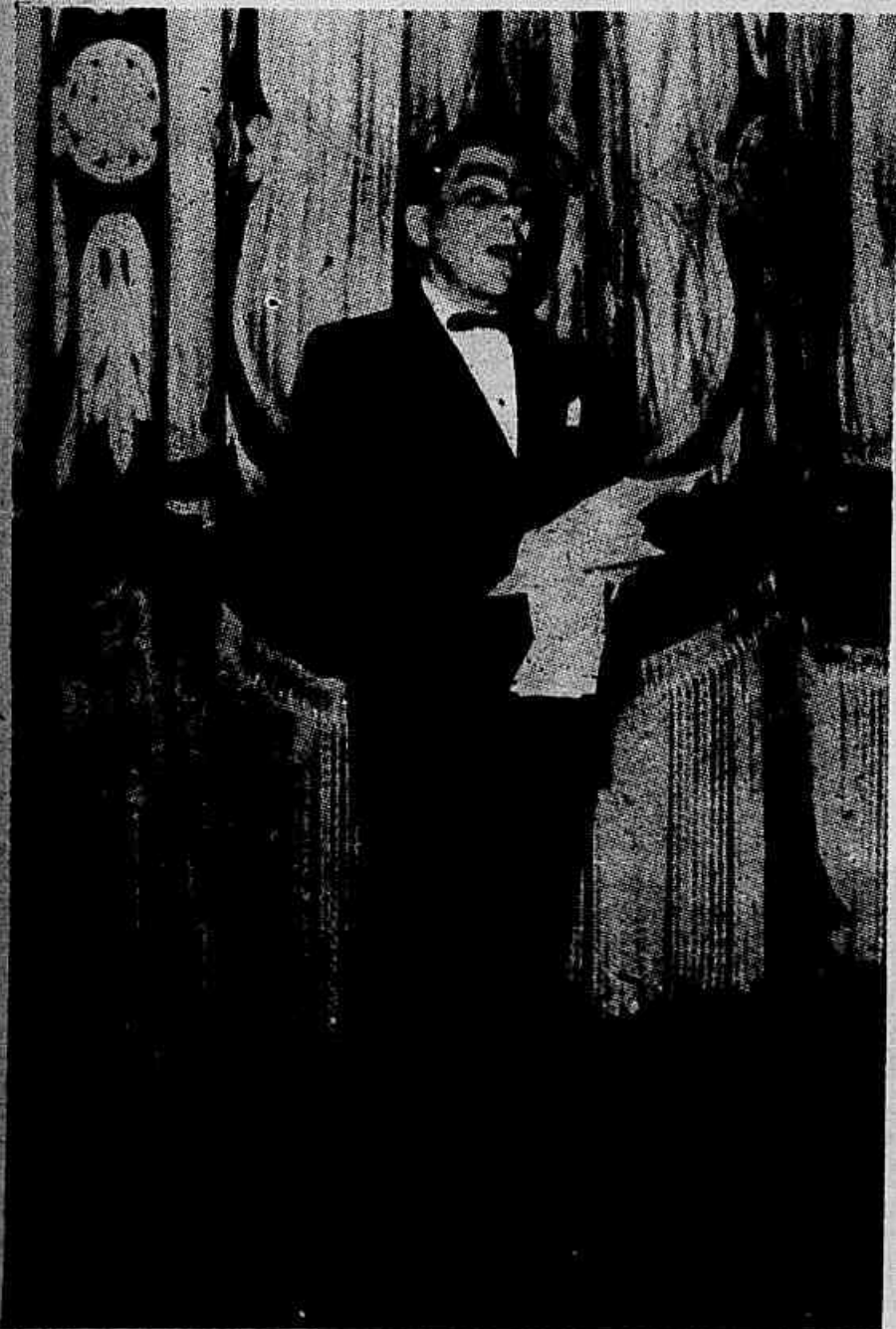
LEONARD WARREN O ADMIRÁVEL BARITONO AMERICANO JÁ NOSSO CONHECIDO. CANTARÁ, ESTE ANO, PELA PRIMEIRA VEZ NO RIO, O PAPEL DE FALSTAFF. NA FOTOGRAFIA VEMO-LO NA CARACTERIZAÇÃO SUGESTIVA QUE PREPAROU COM MUITO CUIDADO PARA ESSE PAPEL. O BARITONO WARREN JÁ NOS DEU, NO ANO PASSADO, UM RIGOLETTO ESTUDADO COM O MESMO APURO.





UM FLAGRANTE PRECIOSO: BIBI E PROCÓPIO ABRAÇAM-SE. CONCLUÍDO O ESPETÁCULO DE INAUGURAÇÃO. O PAI FELICITA A FILHA PELO SUCESSO DA ESTREIA DA "FILIAL".

EM CENA ABERTA. PROCÓPIO FALA COM SINCERIDADE AO SEU PÚBLICO. NESSE MOMENTO NÃO É UM ATOR CÔMICO, MAS INTENSAMENTE DRAMÁTICO. E O PÚBLICO COMOVE-SE.



Nosso teatro de declamação ganhou um brinde régio na noite em que Bibi fez estreiar sua companhia no Fenix, que, por alguns anos funcionando com espetáculos cinematográficos, foi crismado de Opera. A peça inaugural, *Setimo Céu*, serviu para o primeiro contacto do novel elenco com o público e valeu para reafirmar os predicados artísticos da filha de Procopio, que foi quem apresentou o elenco, antes de abrir o pano. Ribeiro Martins, a surpresa da noite, será agora um bom galan com que a cena brasileira pode contar. Nossa reportagem colheu, nessa noite memorável, os flagrantes que ilustram esta página. Depois do exito inconfundível dos *Comediantes* e do sucesso absoluto da temporada de *Dulcina*, — Odilon, no Municipal, o empreendimento de Bibi veio corroborar esta grande verdade. Podemos ter um teatro mais elevado. Temos gente nova capaz de realizá-lo. E a platéia o recebe com simpatia, aplaudindo sem o auxilio de *claque*.

A ESTREIA DA "FILIAL"

BIBI LADEADA POR SEU PAI, PROCÓPIO, E PELO ATOR-REVELAÇÃO DAQUELA NOITE: RIBEIRO MARTINS. O ANTIGO LOCUTOR DA RADIO CRUZEIRO DO SUL FOI UMA SURPRESA.



NO INTERVALO DO SEGUNDO ATO, BIBI FOI CUMPRIMENTAR O PREFEITO HENRIQUE DODSWORTH E SENHORA: NO SEU CAMAROTE. NOSSO FOTÓGRAFO, ENTÃO, BATEU ESTA CHAPA.



NUM ENTRE-ATO, OS INTELLECTUAIS REUNEM-SE E COMENTAM O BRILHANTISMO DO ESPETÁCULO INAUGURAL. AQUI VEMOS ALVARO MOREYRA, SRA. EUGENIA ALVARO MOREYRA, GENOLIKO AMADO E ENRIQUE FORNARI.



Na noite da estréia, foi Procópio quem apresentou Bibi no palco do Fenix. Uma apresentação discreta, feita em poucas e enternecedoras palavras, repassadas de uma natural dose de afeição paternal, onde repontava, aqui e acolá, seu aprêço pela artista, legítima herdeira de seus méritos. Nesta página é Guevara quem os apresenta, a ambos: Bibi e Procópio, fazendo-o em traços leves, modernos e que reproduzem, com a graça inconfundível do artista, o espírito e a vivacidade de pai e filha.



A PATRULHA DE HITLER ENCONTROU O PEQUENINO BORKA YELASH NO SEU BERÇO: OS PAIS PERTENCIAM À PATRULHA GUERRILHEIRA DE TITO: ELE FOI ENTÃO LEVADO PELOS REFUGIADOS PARA ALEXANDRIA; E QUANDO SEUS PAIS VOLTARAM A ENCONTRA-LO, TINHA A MÃO ESMAGADA POR UM GOLPE FERÓZ DE CORONHA: ERA A MARCA DO FLAGELO NAZISTA.

A CRIANÇA IUGOSLAVA NA GUERRA

"SMRT FASIZMU" — "SLOBODA NARUDA"
— É esse o grito unânime dos refugiados e dos evacuados das cidades e aldeias iugoslavas, quando transpõem as fronteiras de sua terra conquistada para outra, ou para os campos ingleses de concentração. É esse grito quer dizer: "Morte ao fascismo" — "Liberdade para os povos"!

Quando os Dalmacianos chegaram, em um grande grupo, ao campo de concentração dos ingleses em Alexandria no Egito, ficaram estes surpresos da ordem absoluta e do espírito organizado dessa infeliz gente. Tinham eles, em cada grupo, seus médicos, enfermeiros, engenheiros, cozinheiros, barbeiros, sapateiros, em-

fim toda espécie de profissionais e técnicos, de modo a se bastarem a si mesmos.

As crianças, disciplinadas e muito inteligentes, contavam os horrores por elas presenciados e lamentavam, os mais crescidos, terem sido obrigados a fugir, pois desejariam lutar nas hostes guerrilheiras de Tito, que tão heroicamente opõe seu esforço e seu valor até o sacrifício da vida, para dificultar e em muitos casos anular a bruteza dos nazistas. Esta guerra tem mostrado ao mundo quanto de grandeza e heroicidade existe nesses pequenos povos pacíficos e operosos, que desejariam para a humanidade a paz, o progresso e a fraternidade, e tão brutalmente atirados ao incêndio e à chacina feroz e destruidora.

A MARCHA DOS GRUPOS EVACUADOS FAZIA-SE EM PERFEITA ORDEM E ATÉ A BRAVA ATITUDE DAS CRIANÇAS IUGOSLAVAS SURPREENDIA OS INGLESES. OS INOCENTES ESTAVAM PREPARADOS PARA TODA SORTE DE SOFRIMENTOS, COITADINHOS!

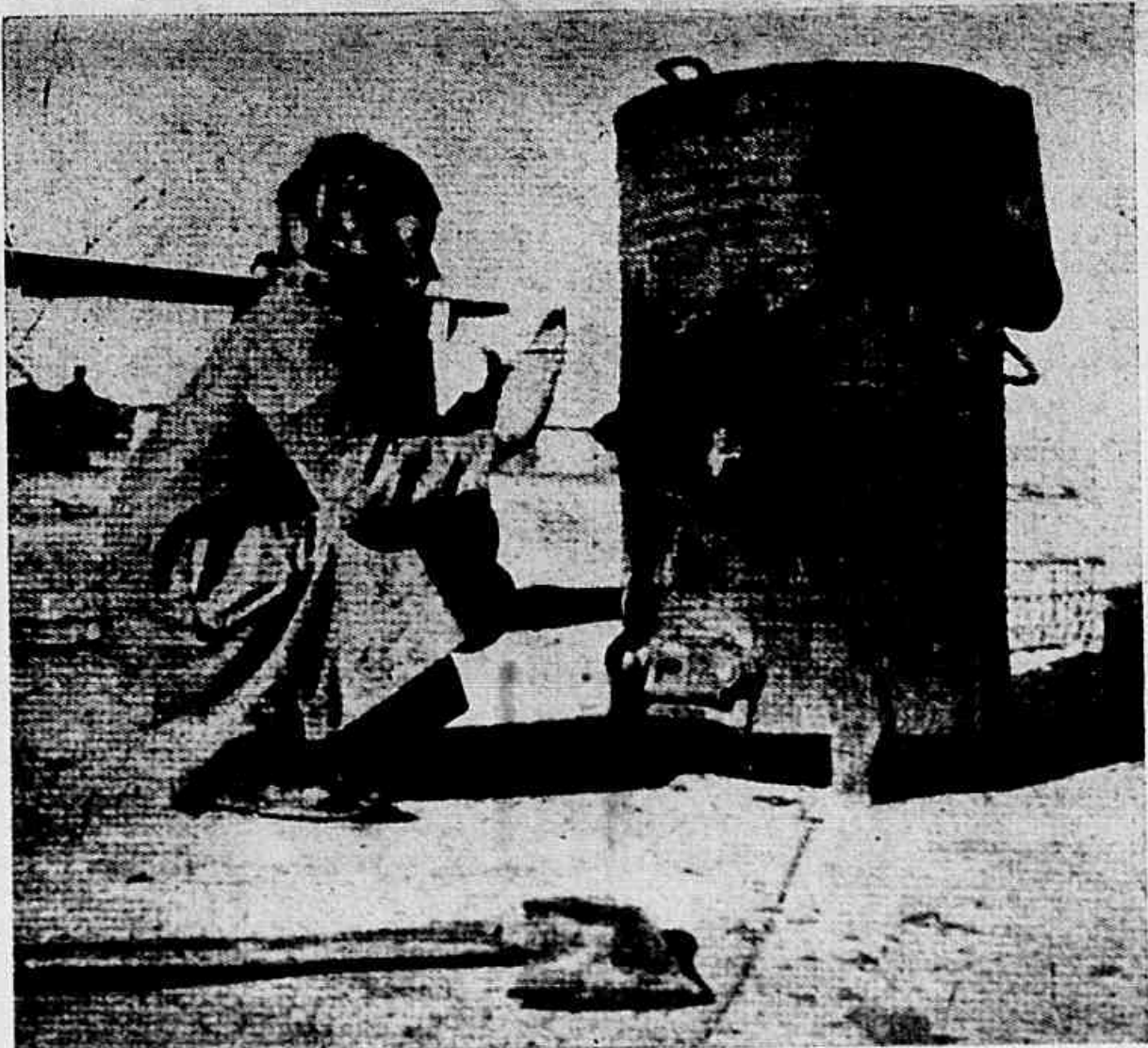


BORIS IVICEVIC, UM JOVEM DALMACIANO QUE, CARREGANDO SEU SACO; SEGUE A LEVA QUE FOI OBRIGADA A DEIXAR A CIDADE. CONFESSOU ALTIVAMENTE PREFERIR FICAR ENTRE OS QUE COMBATEM SOB AS ORDENS DO GUERRILHEIRO TITO.

SUA COMPANHEIRA MARITZA É FILHA DE UM CHEFE DE BATAIÃO E VAI TAMBÉM PARA O EGITO, LEVANDO O SEU COBERTOR. TERÁ DE PASSAR NOITES INTEIRAS AO RELENTO; MAS UM SORRISO DE CONFORMAÇÃO LHE ILUMINA OS LÁBIOS INOCENTES.



A PEQUENA ALDEIA AQUECE AS MÃOS ENREGELADAS NESTE FOGÃO AMBULANTE, ENQUANTO A CARNE ASSADA DESPRENDE UM APETITOSO AROMA. O VENTO É FORTE E AS ROUPAS MUITO LEVES; NÃO É POSSÍVEL RESISTIR POR MUITO MAIS TEMPO...



UMA FAMÍLIA DE QUATRO PESSOAS CHEGA AO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO QUE OS INGLESES INSTALARAM EM ALEXANDRIA. NO EGITO. A MULHER E OS FILHOS... ONDE ANDA O MARIDO? TALVEZ ESTEJA MORTO. E OS POBRESINHOS CHORAM, COM FRIO E COM FOME...

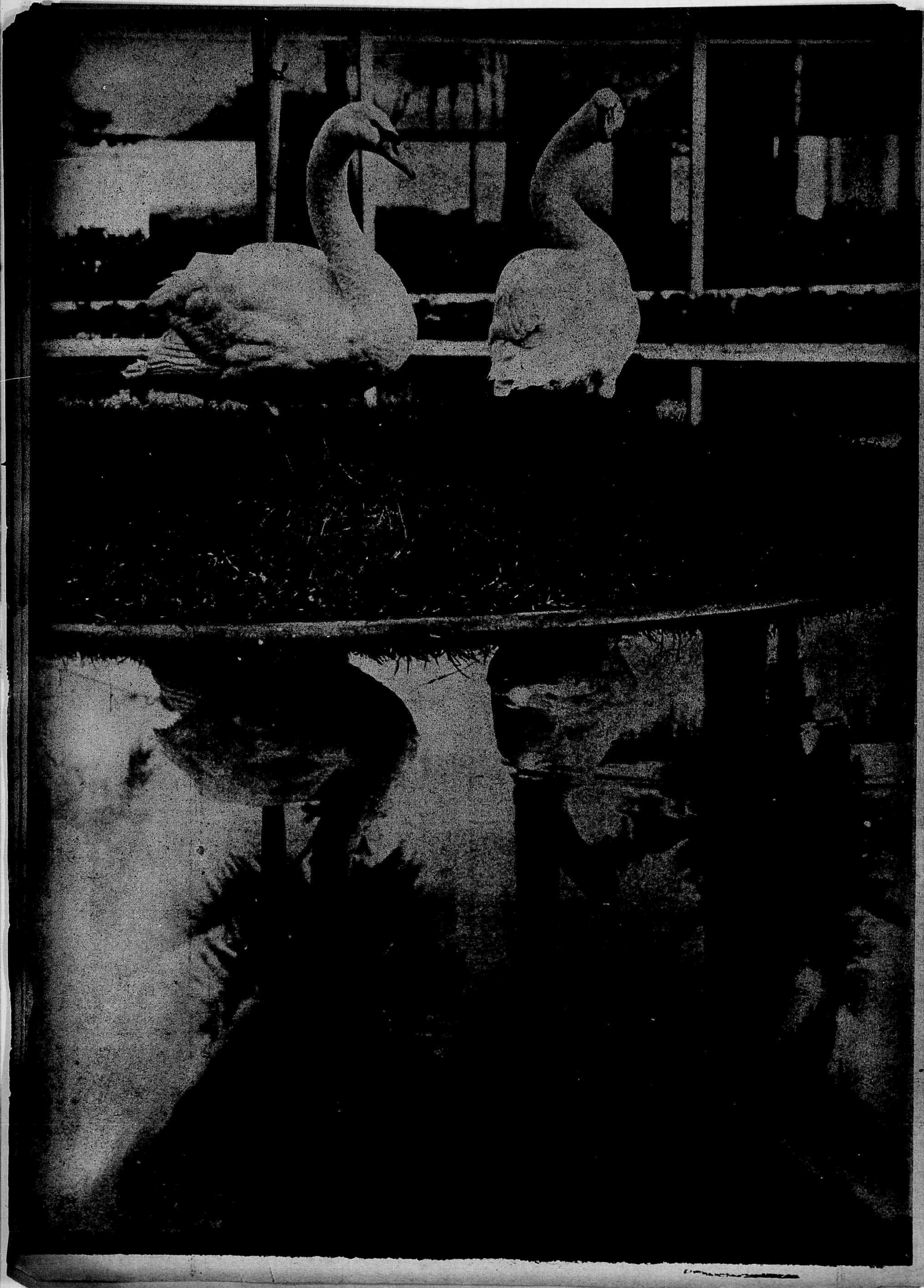


ESTA CRIANÇA DE CARINHA BONITA E EXPRESSIVA TEM TRES ANOS. PELA PRIMEIRA VEZ, PODE PROVAR UMA LARANJA. COMEÇOU COMENDO A CASCA E, NATURALMENTE, ACHOU O PALADAR ESTRANHO, MAS DEPOIS GOSTOU... E A FOME É GRANDE...



OS REFUGIADOS IUGOSLAVOS TINHAM TAMBÉM SEUS BARBEIROS E AS CRIANÇAS LUCRAVAM COM OS SEUS CUIDADOS. ESSE GARCIO PRECISOU ENTREGAR-SE NAS MÃOS DE UM IMPROVISADO CABELEIREIRO; NÃO ERA APENAS O CABELO CRESCIDO. ERAM OS PARASITAS.





O QUE HA DE NOVO NO RIO

FLAGRANTES CARIOCAS — PARA QUANDO SERÁ O JARDIM ZOLÓGICO? — SE DARWIN NOS VISSE VIAJAR... ACABOU-SE A BOEMIA NO RIO? — AS MULHERES PODEM SUBSTITUIR OS HOMENS — ONDE SE COMPRA A COMIDA

E' uma curiosidade permanente, não apenas nas crianças mas também nos adultos, essa de observar os nossos irmãos, que pretenciosamente chamamos os inferiores, enjaulados e incapazes de se defender. Evidentemente, ha nessa classificação que nos põe no ápice da escala animal, muita coisa com que, por certo, não concordariam os irracionais se lhes fosse dado opinar. O homem é o rei da criação. Quem disse isso? Ora, o homem. Evidentemente não é um sistema muito democrático. Nem o poderia ser já que se trata de eleger um soberano.

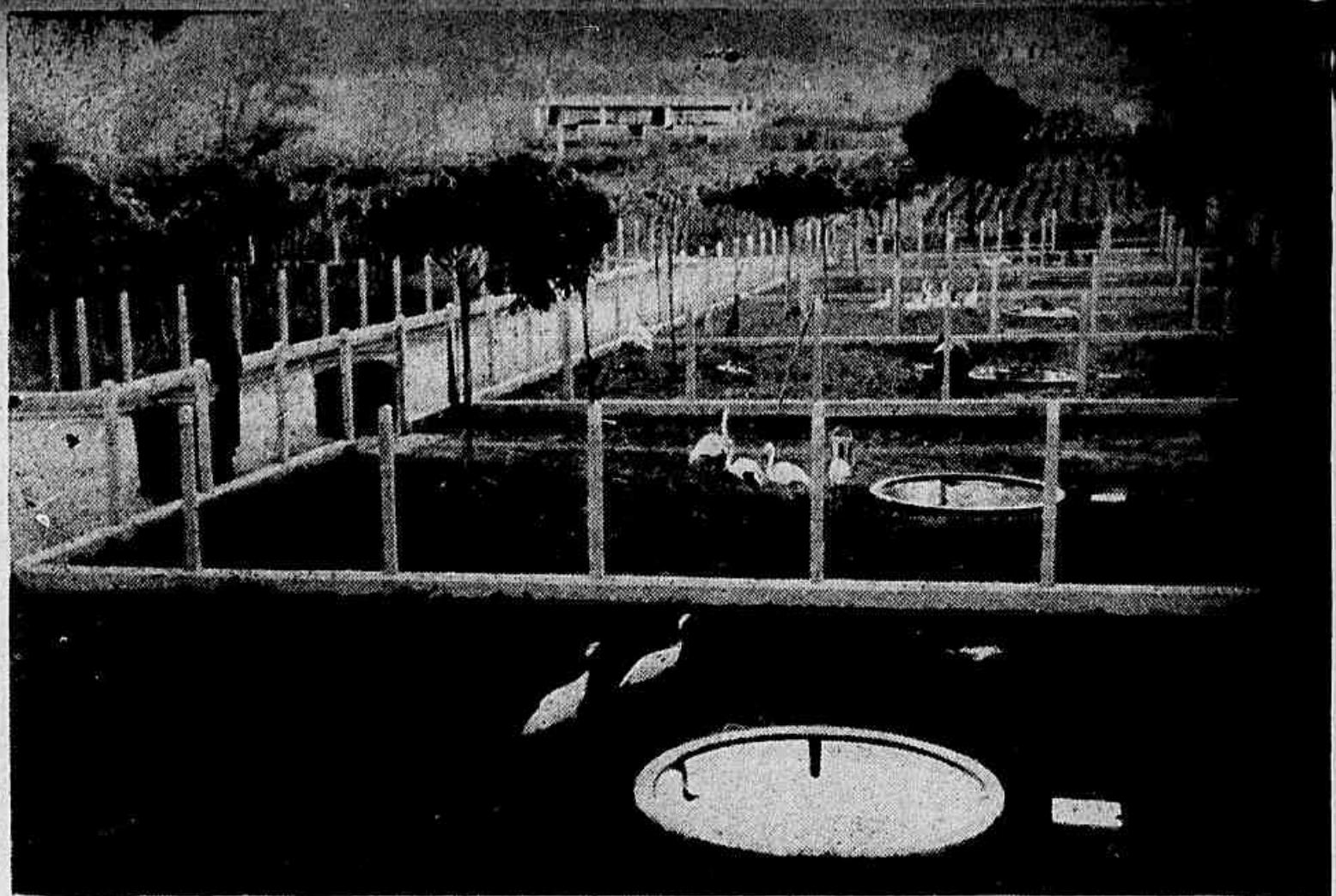
Eles, os bichos, são os que menos se preocupam com essa história de classificação.

O que eles querem é viver a sua vida muito tranquilamente, nas suas tócas, "cavando" o seu alimento sem precisar entrar na fila.

Mas quem disse que o conseguem? Os homens, em bem armadas expedições, vão caça-los no seu "habitat" desde as florestas da A'frica aos gêlos do pólo, preparando soezes armadilhas, que, graças á boa fé dos nossos irmãos irracionais, não demoram em agarrá-los.

Quando menos esperam, vêem-se metidos em jaulas com grades de ferro, transportados através dos mares para lugares distantes daqueles em que vivem, de climas diferentes, onde, está claro, não se podem sentir muito felizes.

OS CISNES BRANCOS, NA PÁGINA AO LADO, RESOLVERAM POUSAR PARA O FOTÓGRAFO. COMO VÊEM, NÃO SAIRAM MAL. NA PARTE INFERIOR PODEMOS VER UMA ALAMÉDA DO JARDIM, COM AS GAIOLAS DAS AVES.



OUTRO ASPECTO DO RECINTO DESTINADO ÀS AVES. NAS DUAS PRIMEIRAS GAIOLAS OS FLAMENGOS. NA TERCEIRA O PELICANO E AO FUNDO OS GANSOS E CISNES, QUE, SEGUNDO NOS INFORMOU O SUPERINTENDENTE, SERÃO TRANSFERIDOS PARA UM ENORME LAGO A SER BREVEMENTE CONSTRUÍDO.



OS VEADOS, DE DIFERENTES RAÇAS, FICARÃO DEFINITIVAMENTE NO CERCADO EM QUE OS VEMOS CORRENDO DESENFREADAMENTE. NÃO QUISERAM SABER DE "POSES". ENTRETANTO, O CHEFE DO BANDO MOSTROU-SE MENOS ARISCO E ENFRENTOU CURIOSO A NOSSA OBJETIVA.



Então, de dentro da sua jaula, começará para eles o martírio.

Todos os dias, as caras mais diferentes, mas sempre com uma expressão em que a curiosidade parva se mistura um ar de piedade, desfilam diante deles.

Alguns procuram irritá-los com varinhas, para ver a reação. Se observássemos atentamente a fisionomia de superioridade preguiçosa, de desdém que ha nos respeitáveis focinhos das feras, por certo havíamos de nos sentir envergonhados. A's provocações, elas em geral respondem com um longo bocejo, estirando para fora as enormes línguas e mostrando os dentes amarelos e temíveis.

Naturalmente isto deve decepcionar um pouco as crianças, levadas pelos pais para verem aqueles bichos que, segundo lhes explicaram, são ferocíssimos.

Os seus olhares puros, sem malícia, devem se encontrar através das grades, e ninguém sabe o diálogo que essas criaturas, as crianças e os animais, podem travar então.

O fato é que ha entre eles muita coisa em comum.

Não se ofendam, não estamos chamando seu lindo filhinho de tigre ou onça, mas o fato é que nas crianças e nos animais ha a inocência que nós perdemos e não podemos recuperar.

Se permitissem ás crianças entrar nas jaulas por certo não lhes acontecería nada de máu. Em todo caso, não é preciso experimentar.

E' esta curiosidade que justifica a presença de um jardim zoológico em toda a grande cidade que se presa.

At se encontram reunidos animais de todas as espécies, de todas as partes do mundo, que enchem os ares com as suas vozes estridentes e com o seu cheiro. Não

A FACHADA DO MERCADO S^o SEBASTIÃO, NO MOURISCO. EM CADA BAIRRO DA CIDADE HÁ UM MERCADO DESSE GÊNERO, QUE O POVO APELIDOU "MERCADINHOS", PARA DIFERENCIÁ-LOS DO ANTIGO MERCADO.

PELA MANHÃ, OS FREGUESES AFLUEM, ANCIOSOS POR COMPRAR OS LEGUMES E VERDURAS QUE NÃO ENCONTRARAM NAS QUITANDAS. DE QUALQUER MODO, O ALMOÇO E O JANTAR DEVEM IR PARA A MESA. PARECE QUE A INOVAÇÃO TEM DADO RESULTADOS. QUE O CONTESTEM AS DONAS DE CASA.

pretendemos absolutamente explicar nesta reportagem o que é um jardim zoológico. Isso todo mundo já sabe.

Entretanto, o carioca já deve andar saudoso de um parque desse gênero, pois desde que se extinguiu, por motivos diversos, o antigo Zoo de Vila Izabel, fundado pelo famoso Barão de Drumond, nunca mais pudemos ver a bicharada reunida, a não ser que entrássemos nesses circos, onde aparecem cães fantasiados de focas e bezerros metidos em pé de leão, ou onde raramente um elefante empoeirado e indolente dobra, gemendo o seu reumatismo, as pernas disformes, em numeros "chôchos".

A cidade terá agora o seu Jardim-Zoológico, que, segundo nos informou o superintendente, com quem tivemos ocasião de conversar, será construído de acordo com a mais moderna orientação. Será construído, não é bem a verdade, pois a construção já começou e a parte destinada a abrigar as aves já está quase pronta.

Já ali encontrámos numerosos emplumados, confortavelmente instalados, como se pode ver pelas fotografias destas páginas.

Eles não estão ainda nos seus lugares definitivos. Só dentro de três meses poderá ser inaugurada parte do jardim, pois não é pequeno o trabalho, como nos disse e pudemos constatar. Dentro de trinta dias chegarão os viveiros grandes, para as aves de rapina, de porte maior. Terão uns vinte metros de altura, podendo conter uma árvore.

Por sinal que já ha diversas aves de rapina, condorez, aguias brasileiras, falcões, com as suas garras, os seus olhares duros e frios "à Hitler". Outras, mais pacíficas e simpáticas, exibem o colorido das penas.

— Tem havido dificuldade para adquirir os animais?

— Não é assim tão grande, responde-nos o senhor Justiniano Lacerda de Nogueira, superintendente do Jardim Zoológico.

Os mercados europeus e americanos não são tão recebendo animais, o que facilita enormemente a aquisição.

— E o transporte?

— Os animais são trazidos do Cabo por navios argentinos, que os transportam para Buenos Aires. De lá, vêm eles para o Rio. Aliás, temos recebido muitos oferecimentos de diversos pontos aqui no Brasil. São particulares que teem animais e querem concedê-los ao jardim zoológico. Esses veados, por exemplo, vieram de São Paulo. São de diferentes raças: Zambar, Damas, Nobres, etc.

Passávamos diante de um grande cercado onde eles corriam em bandos, de um lado para outro, como soldados italianos ou alemães na Rússia.

— Agora, o que mais nos interessa é completar a fauna brasileira. O resto virá depois.

— E estão bem encaminhados nesse sentido?

— Muito bem. Na próxima semana chegarão as antas e os knus, que ficarão atrás do Museu. Depois disso virão as feras, os macacos, que serão alojados onde está agora o parque de diversões.

Como serão alojadas as feras? Em jaulas?

— Não! Este sistema é antiquado. Será usado o sistema de recintos separados por fôssas de oito metros de largura para as grandes feras e de 2 a 4 para os macacos. Nessas fôssas haverá água. Os animais ficarão separados por espécie.

Para os leões será construída uma gruta que lhes servirá de abrigo. Para os ursos brancos, a gruta será refrigerada.

Como vêem, todo o conforto possível.

— Dispõe de grande espaço para o Jardim?

— Ficaremos com uma área de cerca de 600 metros quadrados.

A Quinta da Boa Vista tem aproximadamente 1.000.000 mts².

— Acredita que o jardim não irá prejudicar a beleza do Parque?

— Absolutamente. Estamos tomando todas as providências.

A limpeza é a nossa preocupação fundamental. Já ha diversas caixas d'água construídas e está sendo feita a canalização. Tomamos todas as precauções. Pode observar que não cortámos até agora nenhuma árvore e já há muitas gaiolas.

E aí têm os cariocas a amostra do novo Jardim Zoológico da Cidade.

Evidentemente, nós, que saímos todos os dias de casa para buscar o pão nosso, conhecemos as novidades, os problemas e as soluções apresentadas, numa tentativa para melhorar a vida da cidade nestes difíceis dias de guerra e filas.

"Filas"! Eis aí uma palavra que despertará ainda por muito tempo desagradáveis recordações aos cariocas.

As filas tornaram-se uma insti-

tuição decorrente das necessidades da guerra. Todos temos a nossa experiência de filas, cada qual no seu setor de atividades. As maiores vítimas são provavelmente as donas de casa. Mas, numa prova evidente de superioridade, são as que menos reclamam.

E nessa melancólica e irritante espera pelo veículo que nos levará ao lar, ao descanso, muita gente ha de ter pensado que o Rio sem gasolina já não é a mesma cidade.

Entre os espetáculos curiosos apresentados na cidade como consequência da guerra, figuram os bondes nas horas da volta do trabalho. Uma porção de gente de todas as cores, e cheiros, amontoam-se nas mais grotescas ou perigosas posições, cobrindo completamente o veículo.

Cada minuto de viagem é uma luta contra a morte que nos ameaça perigosamente.

Três camadas de heróicos pingentes, desafiam a pericia, o controle nervoso e a força dos mais famosos acrobatas internacionais.

Pendurados nos estribos, tendo debaixo do braço a pasta e o jornal, com as fisionomias tristes e cansadas, essas multidões trariam por certo uma grande alegria a Darwin, se o sábio inglês pudesse vir confirmar as suas teorias, aqui no Rio.

Entretanto, nada ha de ridículo nessas multidões. Elas são trágicas ou heroicas. E um simples olhar para a cidade, nessas horas em que a população volta do trabalho, mostra o sacrifício que todos estão fazendo á procura de um mundo melhor.

Todos esses, homens e mulheres que fazem ginastica quotidiana nos estribos dos bondes depois



ATÉ ONDE IRÃO AS "FRAGEIS" FILHAS DE EVA, NA SUBSTITUIÇÃO DOS HOMENS EM MISTÉRIOS QUE PARECIAM IMPOSSÍVEIS PARA ELAS? "CHI LO SA?" NESTE PASSO, DEVEM IR BEM LONGE. ESSA QUE AÍ VEMOS TOMA UM ONIBUS EM MOVIMENTO COM O MESMO DESEMBARAÇO DE QUALQUER MARMANJO. DE QUALQUER? HA MUITOS QUE NÃO SERIAM CAPAZES DE FAZER ISTO.

AQUI ESTÁ OUTRA, CUJO OLHAR PARECE DEMONSTRAR A DISPOSIÇÃO EM QUE SE ENCONTRA DE TRABALHAR O DIA INTEIRO, NUMA TAREFA CAPAZ DE ESTAFAR UM HOMEM. E TALVEZ Á NOITE AINDA ENCONTRE TEMPO PARA FAZER O ENXOVAL OU NAMORAR.



de um dia de trabalho, são os operários do mundo futuro, do mundo que pretendemos dar a nossos filhos.

Mas o carioca, apesar de tudo ainda se diverte. Quem visse toda aquela gente, às seis horas da tarde, voltando para casa, nunca poderia imaginar que depois de meia noite fosse encontrar muitos deles nas ruas, saindo dos cinemas e teatros, ou simplesmente conversando ou tomando cafésinhos.

Muito se tem falado sobre a extinção da boemia no Rio. Os verdadeiros boêmios já desapareceram, costuma-se dizer.

Parece mesmo que o ritmo atual da vida não permite a ninguém noitadas e bebedeiras, entremeadas com versos. Mas a verdade é que a boemia ainda existe. Apenas mudou de aspecto. Modernizou-se. Adaptou-se à época. Hoje dança-se em ambientes luxuosos e refrigerados. Os boêmios são bem vestidos e precisam ter muito dinheiro para enfrentar as despesas.

Mas, durante toda a noite, quem andar pela cidade, poderá ver aquelas caras brancas na escuridão, atestando que no Rio ainda há boêmios.

Outro aspecto inédito do Rio são as mulheres que, aos poucos, vão substituindo os homens nos mistérios que, pela sua natureza, pareciam impraticáveis às "fra-géis" filhas de Eva.

A última novidade foram as tro-



NÃO HÁ MAIS BOÊMIOS NO RIO? PARECE QUE SIM. A VERDADE É QUE A COISA ESTÁ MUITO MODIFICADA. ESSE ASPECTO DE UM DANCING DÁ UMA IDÉIA DE COMO SE DIVERTEM OS CARIOCAS DEPOIS DE MEIA NOITE. SE HÁ POR AÍ ALGUÉM QUE NÃO DESEJAVA APARECER, POR MOTIVOS PARTICULARES, QUEIRA DESCULPAR.

SÃO PAULO TEM, HA MUITO TEMPO, OS "CAMARÕES", AQUELES BONDES CÔR DE ABOBORA, FECHADOS. O RIO AGORA TEM OS SEUS "CAMARÕES". SERIA MELHOR DIZER "CAMARÃOZINHOS", FOIS SÃO MENORES QUE OS PAULISTAS. E NÃO BONDES. SÃO ONIBUS, LIMOUSINES, COM UMA LOTAÇÃO DE CINCO PASSAGEIROS. ELES ALIVIAM BASTANTE O ANGUSTIANTE PROBLEMA DO TRANSPORTE ENTRE NÓS.

cadoras de ônibus. Quem vê essas moças tomando o veículo em movimento, trocando dinheiro, descendo e subindo, ha de concordar que nós, do sexo forte, não levamos grande vantagem. E não é de alarmar que uma dessas pequenas queira ter o direito de fumar e andar de calças.

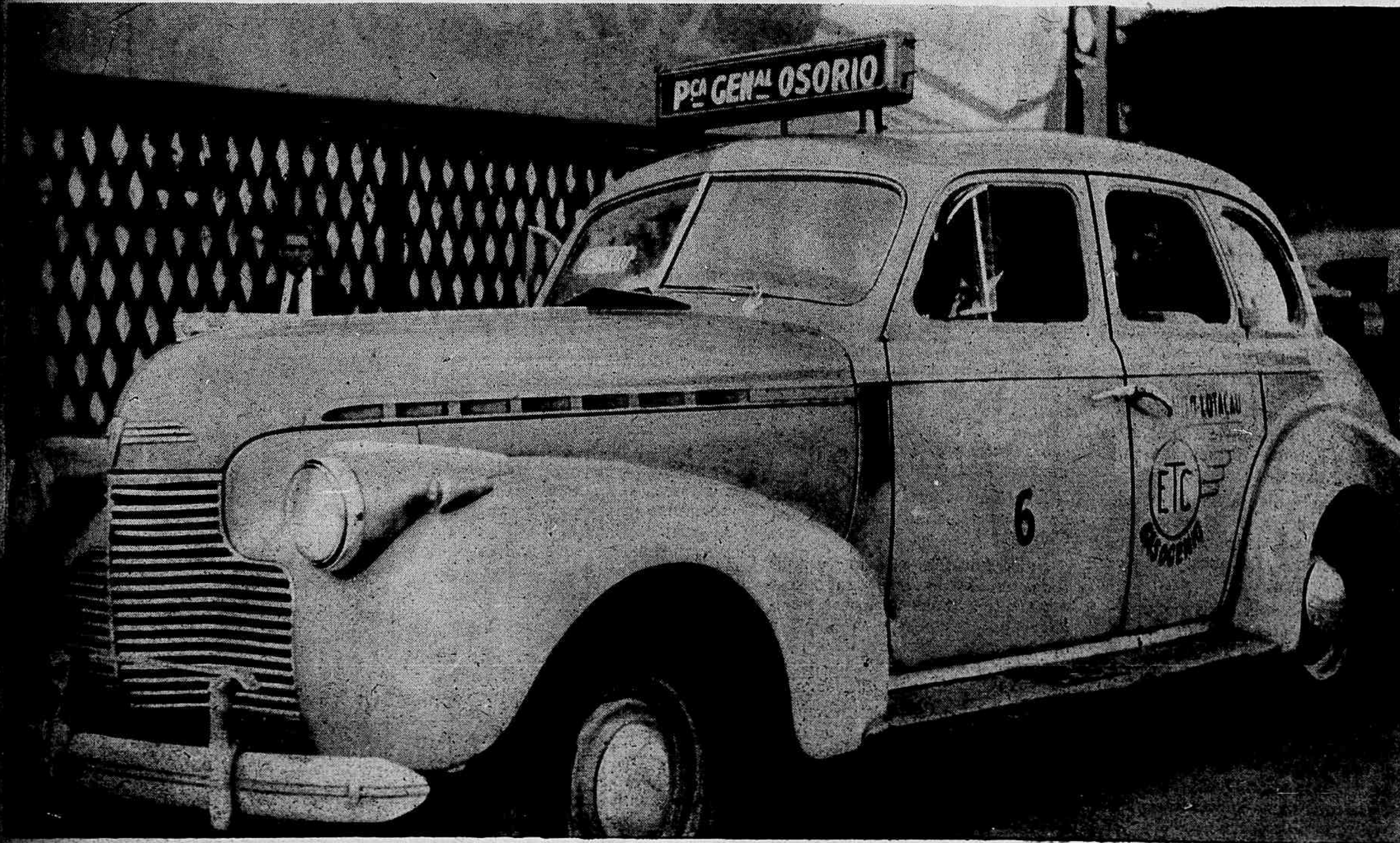
Esperemos, entretanto, que passada a guerra, elas retornem á agulha, ao lar, para tranquilidade nossa.

Racionamento, foi uma palavra que veio chegando aos poucos, da Europa, ameaçadora, acabando por se transformar em realidade.

Uma realidade, bem dura, que devemos enfrentar, e estamos enfrentando, heróicamente.

A procura dos alimentos é um dos martírios do carioca nesses tempos de guerra. Em todo caso, ainda podemos encontrá-los, o que já é um consolo. Ha muitos países em que não adianta nem procurar, porque ele não existe mais.

Aspectos novos da cidade. Hábitos que se introduzem, alguns dos quais, certamente, permanecerão. A cidade mudou muito nesses cinco anos em que o mundo mergulhou num abismo de sangue, do qual, por certo, sairá redimido. Quasi todas essas modificações foram ditadas pela guerra. Elas não recordarão por certo, uma época muito agradável, mas hão de trazer muitos benefícios compensadores dos nossos esforços e dos nossos sacrifícios.





Hawaii



"Geração de rendeiras" — Ceará

Georgina de Albuquerque

A recente exposição da professora Georgina de Albuquerque, levada a efeito no Salão do Palace Hotel, serviu para demonstrar que a conhecida artista-pintora continua fazendo jús ao aprêço da crítica e dos apreciadores de Artes Plásticas. Nada menos de cinquenta e cinco telas, cada qual mais sugestiva, foram apresentadas pela distinta professora da Escola Nacional de Belas Artes, medalha de ouro do Salão Oficial. Das mesmas, reproduzimos nesta página apenas duas, incluídas entre as que mais se impuseram à admiração dos visitantes.



"Pescadores da Praia do Cajú"





Madame CURIE

29

GREER GARSON parece destinada a brilhar no cinema, vivendo figuras de outros dias, livre das faceirices criadas pelos Adrians ou pelas Irenes de hoje. Silhuetas de 1900, por exemplo, de dias mais calmos, horas mais românticas, distantes dos "ismos" que vieram aborrecer a vida de uns tempos para cá...

Ela apareceu assim em "Orgulho", mesmo em "Adeus, Mr. Chips" em "Flores do Pó", está agora em "Madame Curie" e ainda assim estará em "Mrs. Parkington", que terminou ha poucos dias, anciosissima por passar dois meses ao lado do esposo numa das montanhas vizinhas à California...

Mas estamos aqui cuidando de "Madame Curie", e vem a propósito dizer, confirmando o que têm dito comentaristas muito abalisados dos Estados-Unidos, que a Metro-Goldwyn-Mayer fez obra honesta lançando mão do livro de observações e memórias de Eva Curie, filha de Maria e Pierre Curie. O ambiente do Paris dos dias de maior luta e glória do casal Curie foi reconstituído com minúcias espantosas. Foram feitas rebuscas trabalhosíssimas sobre detalhes das experiências do abnegado par de cientistas, reconstituiu-se ponto por ponto o modesto gabinete em que Pierre e Marie Curie chegaram à grande descoberta com que deslumbraram o mundo... Tudo foi feito com grande carinho pela Metro-Goldwyn-Mayer na pessoa de Sidney Franklin, o supervisor do trabalho, e de Mervyn Le Roy, o diretor. A artista parece ter correspondido a tantas atenções, porque segundo dizem seu trabalho é "flawless"



TRÊS GRANDES MOMENTOS DA VERSÃO CINEMATOGRAFICA DE MADAME CURIE, SEMPRE NA COMPANHIA DE PIERRE CURIE. SEU MARIDO, PAPEL DESEMPENHADO POR WALTER PIDGEON, COM QUEM GREEN GARSON ANTERIORMENTE POSOU "ROSA DE ESPERANÇA" E "FLORES DO PO'".

o que se pode traduzir como "sem falhas". Um trabalho que a artista terá feito sentindo a honrosa responsabilidade. E por certo sem esquecer isto, que é importantíssimo: que Madame Curie foi um papel ambicionadíssimo, durante anos, por Greta Garbo. E conseguir fazer o que Garbo não conseguiu, não é coisa que se possa deixar passar em branca nuvem...

Maria Curie, uma das mais famosas mulheres que a Ciência já possuiu, nasceu na Polónia em 1867. Seu nome verdadeiro era Maria Skłodowska. Estudou na Sorbonne de Paris e obteve o título de professora em Ciências Físicas e Matemáticas. Em 1895 contraiu enlace com Pierre Curie, diretor do Instituto Químico da Faculdade de Paris, que faleceu em 1906, e com quem descobriu o rádio, substância que tanto bem já fez e continuará fazendo à humanidade. Cheia de glória e venerada pelo mundo inteiro, faleceu em 1934. Agora Hollywood acaba de levar à tela a história de sua vida, cabendo a Greer Garson o privilégio de personificar tão preciosa mulher, enquanto que o papel do esposo, Pierre Curie, é interpretado por Walter Pidgeon. O argumento desse filme foi extraído da biografia de madame Curie, escrita por sua filha Eva, cuja voz se escuta no prologo. Desde que, há dois anos, os estudos iniciaram as tarefas preliminares para essa filmagem, três eram as atrizes sobre cujos nomes recaía a possibilidade de viver a protagonista: Greta Garbo, Bette Davis e Greer Garson. Fisicamente, o tipo ideal talvez fosse a segunda, porque seu rosto tem alguma semelhança com o da descobridora do rádio, e é, a exemplo de madame Curie, pequena de estatura e meudinha de corpo. Mas, quando chegou o momento apropriado, a eleita foi Greer Garson, a extraordinária interprete britânica, que em pouco mais de quatro anos tão brilhante carreira tem marcado no cinema.

O filme conta-nos o primeiro encontro havido entre Maria Skłodowska, estudante de medicina, e Pierre Curie, com quem viria a casar-se. Eles passam a trabalhar juntos por muito tempo. Maria é uma mulher inteligente e bela e o marido bem o sabe. Homem austero, entregue às suas pesquisas, não tarda, assim, a enamorar-se de sua companheira de laboratório. E a história continua... Eles amam-se, mas não confessam esse amor. Por fim, ele quebra o mutismo inexplicável e declara-se... Ela o aceita e vão passar um fim de semana em uma simples casa de campo, dos pais de Pierre. E a lua de mel? Que simples e romântica! Mas, casados, continuam em suas pesquisas. Em plena tarefa de investigações que os levará a descobrir esse precioso elemento que farão denominar — rádio — continuam unidos e amorosos. Surge a perspectiva de um laboratório próprio, para Pierre, e um dia ele morre... Ela continua a sua obra... Venerando a memória do marido... Educando a filhinha bem amada... E vitoriosa, enfim! Glorificada por todos os seus contemporâneos e útil, preciosíssima, aos vindouros... E' a compensação merecida a toda uma existência dedicada ao estudo, paciente, devotadamente...

E' assim a história de Madame Curie, uma história tirada da vida real.

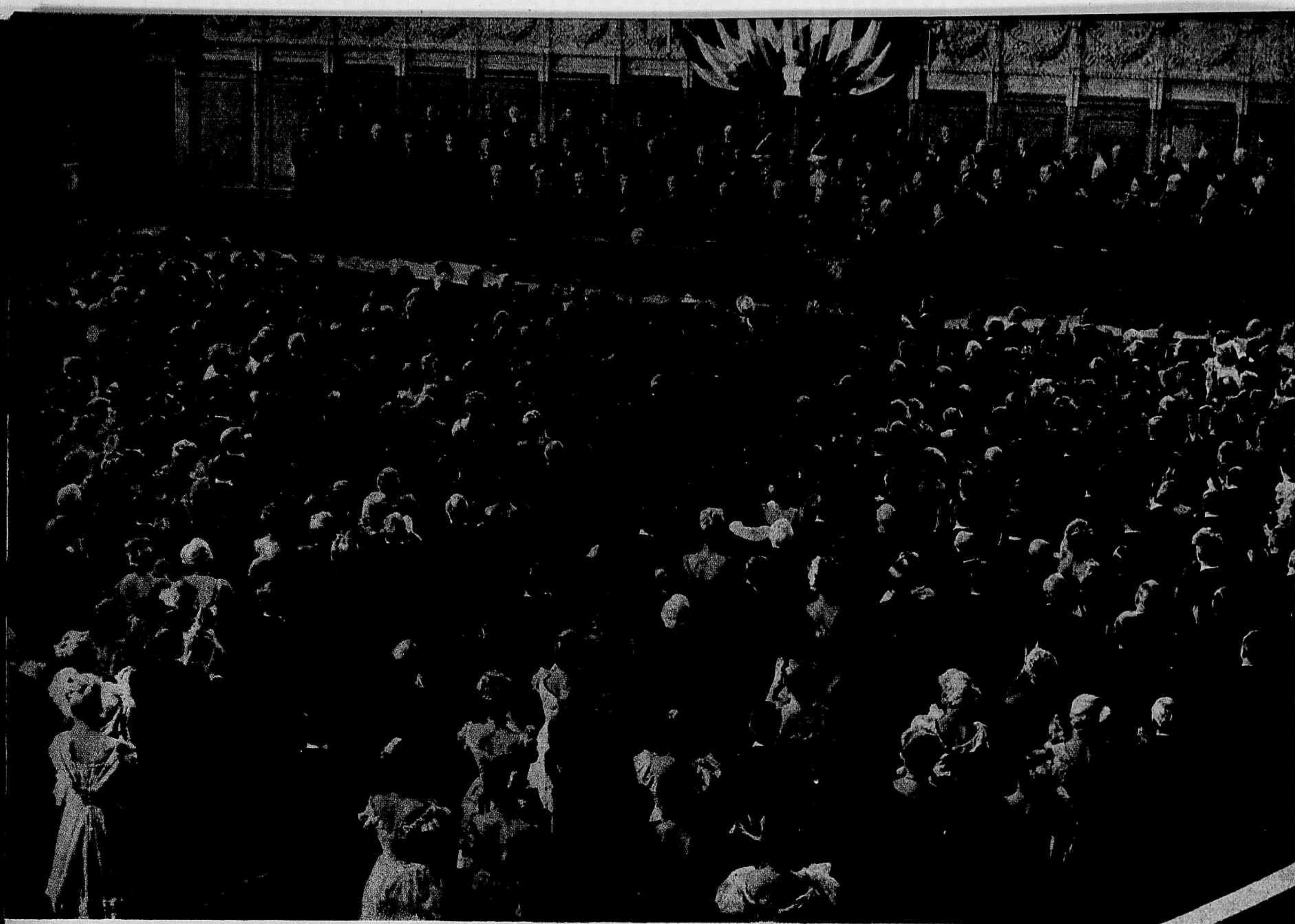
*

Quanto a Greer Garson, que Hollywood escolheu para viver, no "ecran", papel de tanta responsabilidade, é sem dúvida uma das mais felizes mulheres que ainda participaram do cinema. Sua aparição em filmes de grande importância deu-se quando o cinema americano exigia o aparecimento de valores novos, cansado o público das figuras clássicas destes últimos quinze anos. Greta Garbo saturou as platéias com o seu enigma por demais resolvido, simples fruto de publicidade, enquanto Joan Crawford, de olhos grandes e melancólicos, precisou afastar-se dos estúdios onde, por tanto tempo, seu nome apareceu encabeçando o elenco de alguns filmes famosos. Norma Shearer salvou-se, mais por ser a viúva de Irving Thalberg que, propriamente, pela sua condição artística, sendo embora uma atriz de reconhecidos méritos. Bette Davis continua em plena forma, porém o fato de não pertencer à companhia produtora de "Madame Curie" fez talvez que sua pessoa ficasse relegada para um plano inferior na escolha da protagonista. E, além dessas, outras continuam aparecendo e desaparecendo, minguando aos poucos, como legítimos planetas embora de um céu de celuloide. Claudette Colbert, por exemplo, viria a dar uma tentativa aproveitável para esse papel, mas nunca Ingrid Bergman seria admitida para o mesmo fim.

Greer Garson especializou-se em figuras femininas de extraordinária vibração, tiradas do mundo real ou produto de ficção cinematográfica. Nós a vimos em Mrs. Miniver, naquela sempre lembrada "Rosa de Esperança", e mais tarde, em "Flores do Pó". No primeiro celuloide, era o tipo esplêndido da mulher inglesa desta guerra, que assiste, serena, resignada, ao drama que ainda não terminou. Ela foi, no segundo filme aludido, a abnegada mulher que, não podendo ter um filho próprio, resolve tomar a seu cargo centenas de filhos das outras mulheres, mais felizes ou mais desgraçadas, quem sabe? Em "Orgulho", foi Greer Garson a dama recalcada, cuja ventura vem a toldar-se, fruto de um complexo da sociedade de que faz parte. E em "Noite do Passado", outro de seus magníficos desempenhos, nós a vimos fazer uma apaixonada discreta, sofredora, moderada companheira de Ronald Colman, dessa vez substituindo Walter Pidgeon. Mas este último, Pidgeon, ficou sendo, desde "Rosa de Esperança", o companheiro ideal da "estrela" que se notabiliza em performances desse vulto. Ambos, por isso, foram ainda agora reunidos em "Madame Curie". Fisicamente, é certo que Greer Garson não se assemelha à notável descobridora do rádio, mas as afinidades desejadas existem no panorama espiritual. Ai, sim, Garson faz lembrar a companheira abnegada de Pierre Curie, continuando a obra do marido após a sua morte, e dando à Humanidade uma contribuição capaz de imortalizá-la, como de fato aconteceu. Si algum cenarista de Hollywood pudesse conceber um romance igual à vida de Madame Curie, e se este não tivesse existido na vida real, não seria o bastante para consagrar Greer Garson.

As perseguições feitas à denodada senhora, a laboriosa pesquisa a que se entregou, com a colaboração de sua filha Eva, os percalços da glória acompanhando-a até pouco antes de seu desaparecimento, tudo deve ter





constituído excelente material humano para a realização desse filme. Maria Curie, a polonesa cujo nome se perpetuará ainda por muitos séculos, não foi uma dama dos salões, da sociedade, nem trazia linhagem, não era fruto heráldico de uma nobreza invejável, mas sua nobreza, ela mesma a conquistou, sem sentir, sem ser de caso pensado, em mercê da sua glória. Mulheres que trazem do berço uma tradição e um título, ficam insignificantes em confronto com essa modesta professora da Sorbonne de Paris. Ela mesma, quando deu início às suas pesquisas, no Instituto Químico da Faculdade parisiense, estava muito longe de imaginar que a sorte, em conexão com seu esforço pessoal, lhe desse a imortalidade. E o cinema, esse "divino monstro" ávido de assunto, voraz insaziável, encontrou sem dúvida, ou então terá falhado à sua finalidade, um "material" fantástico em Madame Curie. Falamos sem ter assistido o filme, é certo. Mas a responsabilidade que hoje pêsaa aos ombros de Greer Garson, no desempenho dessa figura notável, é a maior de quantas o cinema há lhe tenha proporcionado. Diante de madame Curie, a dama ilustre da Inglaterra, a pequena orgulhosa, a mãe amantíssima que não podia ter filhos, a apaixonada do homem que a desconhecia, tudo isso é insignificante, porque em "Madame Curie", convenhamos, Greer Garson, precisa ter uma centelha de gênio. O cinema não nos dá, com frequência, obras dessa envergadura dramática. O espírito prevalece à condição física. A arte é um derivativo à própria Vida. Por tudo isso, aguardemos a história da polonesa genial, no desempenho dessa arrojada "estrela" da tela, com uma boa parcela de confiança. E, praza aos céus, mais tarde, assistido o filme, possamos corroborar e ratificar esta perspectiva favorável ao seu trabalho.

MADAME CURIE, A DESCOBRIDORA DO RADIO, APÓS UMA LONGA E LABORIOSA EXISTÊNCIA, RECEBE ENFIM A CONSAGRAÇÃO DOS CIENTISTAS E DA SOCIEDADE FRANCÊSA, NA SORBONNE DE PARIS.



MARIA SKŁADOWSKA, NASCIDA NA POLÓNIA EM 1867, PERSONAGEM QUE VEM DE SER ENCARNADA NO CINEMA POR GREER GARSON, COMO SE VÊ À-ESQUERDA.



NOS BASTIDORES FEMININOS

TALENTO E CULTURA

EVE ARDEN, DA (COLUMBIA).

Visitei em seu remanso escondido, na velha casa colonial de seus acendentes, uma mulher de talento e rara cultura, que durante longos anos foi no magisterio uma das mais eminentes figuras competindo e por vezes sobrepassando o valor de varios de seus companheiros dos mais notaveis.

Pouca gente conhece no Brasil a obra erudita e valiosa de Edviges de Sá Pereira, embora seja ela membro dos mais preclaros da Academia de Letras de Pernambuco.

NESTA PAGINA QUE É NOSSA, mulheres do Brasil, eu quero apresentar á vossa admiração essa patricia, não só ilustre pela cultura, pela tradição de familia, pois é irmã de Virgilio Sá Pereira companheiro de Clovis Bevilacqua, mas também ilustre pelas obras de amparo á mulher que ela organizou e dirigiu no nordeste e principalmente pela excelstude de suas qualidades moraes de brasileira dos velhos e austeros tempos de aristocratica lembrança.

"TODO GRANDE HOMEM É UM GRANDE VENCIDO" disse Vargas Vila; e ainda: "A MULTIÇÃO. QUANDO REPELE O GENIO, O CONSAGRA".

Porque o homem de valor fecha-se em sua dignidade, repelindo recursos circenses para tirar partido da ignorancia, pois a popularidade não é senão um cartaz de côres espalhafatosas pregado á fachada do povo.

A terra é hoje uma vasta arena onde o ser humano se degladiia em todos as profissões por idealismo ou por fome, por ambição ou por miseria, lançando mão de todas as armas.

O incentivo á mediocridade é hoje também um meio de vida; são idolos de barro que o povo adora em sua marcha por este deserto, em busca da Canaan futura.

Essas épocas de transição de qualquer especie sempre foram dificeis para os que teem valor real.

Para essa figura augusta de mulher, que transpoz o limiar de outro seculo para penetrar neste em que vivemos, é como penetrar na semi-escuridão de um ambiente cortado pelo vôo dos morcegos.

W A L L Y

Durante alguns minutos, foi uma esposa feliz, em lua de mel; alguns momentos mais tarde, desaparecera o marido e ninguém acreditava que ele existisse!

INTRODUÇÃO

A guerra ainda não começara na época em que decorre essa história. Era no tempo em que os jovens casais recém-casados podiam dar-se ao luxo de uma lua de mel na Europa, podiam visitar os velhos castelos ingleses, extasiar-se com o sol da meia noite norueguês, percorrer o sul da França e banhar-se nas águas azues do Mediterraneo. Os países estavam em paz. Paz que precede a guerra, porém paz. E, além disso, os noivos, os namorados, iam tão imersos em seus problemas, ou, melhor, em sua felicidade, que nem tinham olhos para ver a miséria que havia, nem observavam que intrigas, que tremendas conspirações ocultava a agradável aparência exterior.

No caes, em Nova Iorque, o Maurevânia recebia os passageiros que seguiriam, em breve, rumo à Europa. Reinava no caes aquela azáfama que precede à partida dos transatlânticos. Os tombadilhos, recentemente limpos, cobriam-se de passageiros que se despediam das famílias... Já soara o sinal de partida e ainda alguns retardatários trocavam mais um beijo com os parentes comovidos. O porão já estava cheio com a carga e os guindastes haviam parado.

O segundo oficial recebia os passageiros retardatários. Já iam levantar a escada quando um casal subiu, apressadamente. Uma moça, muito jovem ainda, seguida de um rapaz alto e belo. Ela ia na frente, muito nervosa, e ele seguia atrás, mais calmo.

— Está vendo, Ricky! Quase perdemos o navio!

— Há muito tempo ainda. Enquanto o primeiro oficial não chega o navio não pode partir...

— O primeiro oficial ainda não chegou?

— Não.

— E aquele rapaz fardado que está de pé lá em cima?

— Aquele é justamente o segundo oficial.

— Ah!

— Não precisa correr, meu amor!

— Ih, eu estou tão nervosa!

— Nervosa por que, bobinha?

— Por causa de tudo! Lua de mel na Europa! Três meses de felicidade completa! Então isso é pouco?

— Isso é um paraíso.

— Bobo!

— Ele ri.

— Já me chama de bobo, depois de cinco horas de casados?

— E' mesmo. Nós nos casamos com uma rapidez!

— Eu gosto das decisões rápidas!

— Eu também! Ah, Ricky...

— Que foi?

— E' o negócio do passaporte!

— Não se preocupe. Você ainda está com o passaporte de solteira mas eu tenho comigo a certidão de casamento e se houver qualquer duvida posso explicar...

— Está bem guardada a certidão?

— Está aqui no meu bolso. Não há perigo.

— Bem.

— Você está nervosa, hein?

— E' verdade!

— Quando eu chegar lá em cima é preciso entregar a passagem ao segundo oficial?

— Não. O comissário virá buscá-la mais tarde na cabine. Guarde o bilhete.

Chegaram, finalmente, ao tombadilho. O segundo oficial via entrar os passageiros. Anne passou na frente, nervosa, olhando para todos os lados, querendo ver tudo ao mesmo tempo, apreciar, ao mesmo tempo, todas as maravilhas do grande transatlântico. Ricky seguiu atrás, divertido com a curiosidade da esposa. O segundo oficial cumprimentou Anne, quando ela passou por ele, e inclinou-se quando Ricky veio, por sua vez.

— Ele é muito amável, não é Ricky? Falou, até, conosco!

— E'. Ele parece muito gentil.

— Ricky... E... o dinheiro?

— E' verdade. E' preciso ter muito cuidado. A gente nunca sabe, a bordo desses grandes navios...

— Pois é.

— Eu acho que é melhor confiá-lo ao comissário, você não acha?

— E' verdade...

Houve uma pausa. De repente, ela parou.

— Ricky, você se importa se eu ficar aqui parada um instantinho?

— Claro que não. Por que?

— Não sei o que há comigo. Mas tenho pressentimentos... e ideias tristes... Vejo escuro, escuro, tudo negro... Sinto-me só, no meio da escuridão, enquanto o vento uiva e as águas negras batem de encontro ao casco do navio...

— Que é isso, Anne?

— Não sei... Não sei... Tive essa visão perfeita...

— Mas você precisa deixar de pensar tolices...

— E' verdade. Mas já passou, Ricky. Vamos!

A cabine era espaçosa e confortável. B 13. Ao chegarem, Ricky tirou a passagem do bolso para ver o numero.

— Que numero é, mesmo? B... B 13! Meu Deus! A nossa cabine tem o numero treze...

— B treze!

A voz de Anne era trêmula.

— Você é supersticiosa, Anne?

— Não. Essas coisas não me impressionam. Abra a porta, meu amor. Vamos!

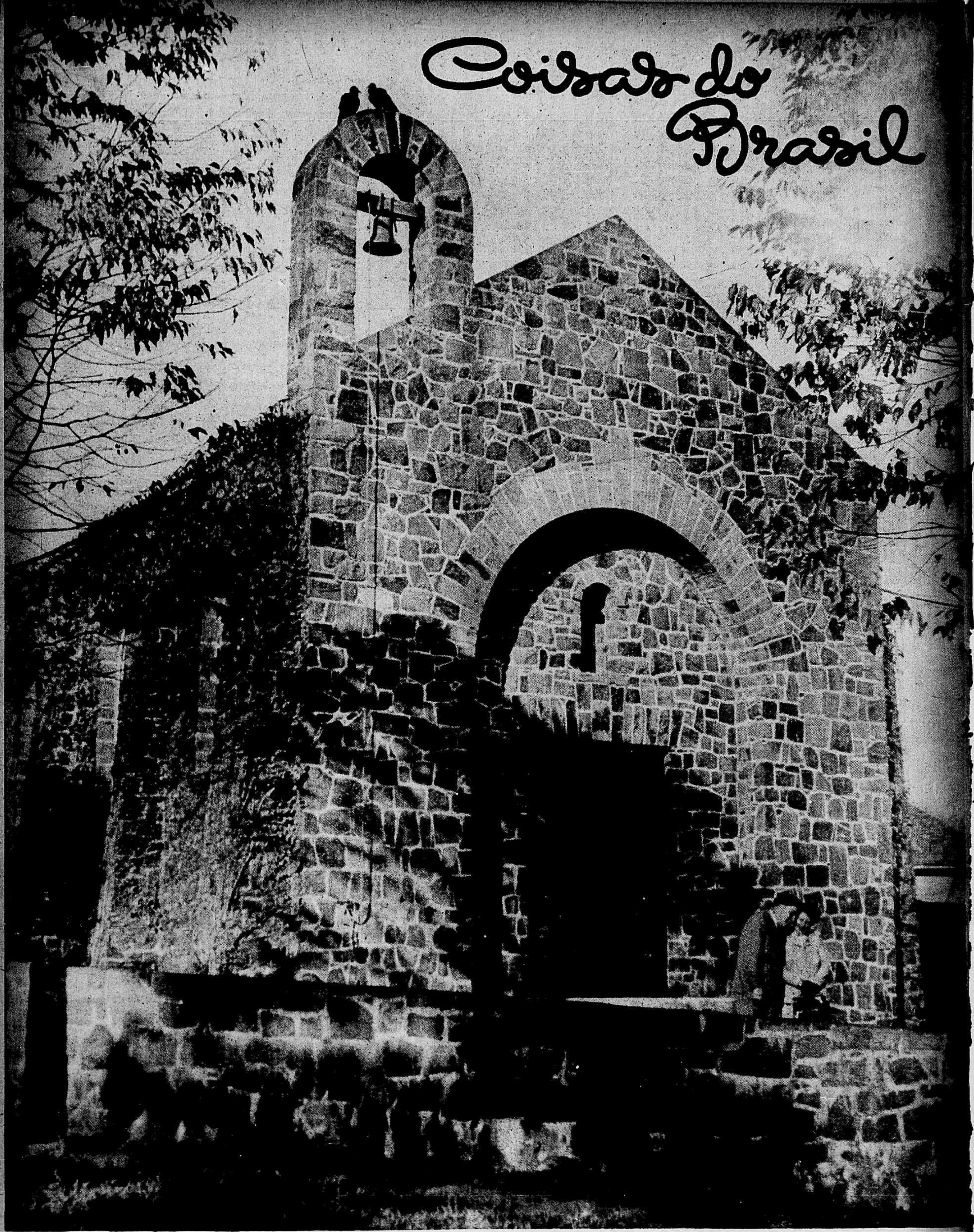
Ela estava, evidentemente, fazendo um grande esforço para não mostrar como se assustara. Cabine B 13!

(Continua na página 48)

CABINE B - 13

NOVELA ADAPTADA DA PEÇA RADIO-TEATRAL DE DICKSON CARR

Cidades do Brasil



Prendesse o fotógrafo obter esse flagrante e não o conseguiria facilmente. Nem mesmo talvez, com o melhor de seus esforços. Mas o acaso, velho amigo de nós todos, foi ao seu auxílio, prestando-lhe esse relevante serviço — e aqui temos o excelente resultado. Dois pares de namorados um lá no alto, o casal de aves nativas e em baixo, também “pombinhos” e também numa atitude de ternura e carinho... O instantâneo foi batido, acidentalmente, pelo sr. A. P. Kastrup, que não-lo enviou. O paraíso onde os seres felizes podem, assim, traduzir a sua bemaventurança, existe longe do Rio, em Guaira, território do Iguassú, outrora pertencente ao Estado do Paraná. A igreja, rustica e simpática, parece ter sido construída de propósito...

A passagem de Humaitá foi um dos nossos maiores feitos navais na guerra do Paraguai. A decisão audaz emparelha Riachuelo e Humaitá; o ariete da Amazonas emparelha o transpôr de correntes pelo Alagoas varando aguas do Paraguai no sitio como que em fortificações de natureza a deter de inimigos, por sinuosidades e barrancas, alem de estreitezas de leito.

De guarda num oculto de rio erguia-se a fortaleza de Humaitá, terrestre e fluvialmente ameaçadora, por duas centenas de canhões e triplice cadeia lançada á obliqua ao rio provido de outras defesas entre as quais torpedos.

As duas grandes baterias, a da Cadena e a de Londres — de Londres por que? — estava entregue á supervigilância do curso do Paraguai.

Por tudo isto, e muito mais a ser descrito com minucia, não aqui, Lopez tinha por inexpugnável o seu baluarte, confiando cegamente nele, sem desconfiar do que iria fazer e fez a armada brasileira a 19 de Fevereiro de 1868 realisando a passagem de Humaitá.

Cahio Humaitá! Por muito que imagine, ninguém hoje no Brasil avalia a intensidade do eco da noticia no Brasil de outrora, ondas de entusiasmo no paiz inteiro. No Rio de Janeiro então... A cidade, para aplaudir ou protestar, era vibratilissima.

Cahio Humaitá! A esta nova o Rio encheu-se de calor patriótico, multidão na rua e nesta immediatas manifestações de toda especie.

A' testa do governo estava no momento o ministerio 3 de Agosto de 1866, presidido por Zacarias, ministerio aquele que suportou o maior peso da guerra do Paraguai e não ao Paraguai, ela movida a Lopez.

Ao conhecer a passagem de Humaitá o povo do Rio foi á residencia dos ministros. Vitoriou sobretudo o ministro da Marinha, Afonso Celso. Tambem buscou os ministros da Justiça, do Imperio, da Fazenda e da Agricultura, Martim Francisco, Fernandes Torres, Zacarias, Paranaguá interinamente nos Estrangeiros e efetivamente na Guerra.

A Zacarias despraziam manifestações populares. Sempre foi homem distante, sem duvida, como alguns á suspeita da falta de sinceridade da maioria esmagadora dos semelhantes. Mas á noticia da queda de Humaitá Zacarias consentio, o verbo não destoa dos sentimentos de tal homem, em receber manifestação popular a saudalo em casa.

Ao proprio Zacarias disse do sucesso de Humaitá o proprio chefe das nossas forças navais ao Paraguai o chefe de esquadra Joaquim José Inacio, de ação militar criticada, á distancia, de outiva, por certa imprensa atacando á ponta de pena. Muita gente deveria se chamada a providenciar e a agir para se vêr como se sairia de embaraços, facil traçar planos estrategicos entre uma baforada de cigarro e um gole de cerveja.

De Humaitá, Joaquim José Inacio, já visconde de Inhauma, escreveu a Zacarias. Lançou carta em largo papel despautado, sem rasura ou sobrelinha, conforme polidez epistolar, a do tempo, e sem omissão de datas nas missivas, e bem sobretudo de correspondencia fadada a História.

Dirigindo-se particularmente a Zacarias, eis como Joaquim José Inacio, em escrito inedito, apreciou o triunfo de Humaitá e o valor de seus companheiros de armas.

"Humaitá 25 de Julho de 1868

Illmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos.

Dou a V. Exa. muitos parabens pelo importante triumpho naval, no meu fraco entender triumpho que



Visconde de Inhauma

(Libbã 1808 — Rio de Janeiro 1869)

interessa o mundo inteiro, que as armas do Imperio acabam de obter a 25 do corrente (a occupação de Humaitá).

Cahio Humaitá! á hora em que escrevo estão arrebatadas já as cadeias que fechavão o Paraguay e o tornavão inacessível ao resto do mundo.

Dividi-as em tres partes cada uma das quais ficará pertencendo a uma das Nações Alliadas. Em poucos dias voará a bateria de Londres e o Brazil ficará nobremente vingado do insulto que lhe fez Lopez. Tudo o que se vae passar de ora em diante é secundario.

A guarnição de Humaitá refugiou-se do lado oposto do Chaco, tratamos de expellir-a. Está cercada pela lagôa onde metti lanxas, escaleres e chalanas que fiz levar pelo trilho de ferro e por mais de nove mil homens, em terra. Combate-se todo o dia, nossas perdas vão alem de trezentas praças; do inimigo morre muita gente, perdeu já seu general Allen, que foi gravemente ferido; combate-se desesperadamente. Dizem os prisioneiros que ha alí mil e tantos combatentes, que com as familias fazem algumas tres mil almas. Sem destruímos esta horda não podemos ir adiante. Comtudo já mandei para o chefe Barão da Passagem todos os vapores, exceptuado o Brasil, que reservo para quando eu proprio fôr. Trato tambem de arranjar meios de conduzir carvão comigo, pois vamos ficando longe dos nossos depositos; é uma despesa a que me não posso furtar, mas despesa proficua.

Para comprar um pontão terei de ficar com oitocentas e tantas toneladas de carvão, que elle tem a

bordo, este carvão é muito mais barato do que o que me vem de Montevideo; a differença do preço paga um terço do casco. Fujo de fazer despesas, mas esta é indispensavel e de combinação com o Snr. Caxias.

Não receie o governo que as baterias do Tibicuary nos inpedirão. São muito pouco fôrtes e nada podem valer para os que não fizeram caso de Curupaity cuja verdadeira importancia só hoje se reconhece e admira, e Humaitá com mais quinze peças do lado opposto.

Timbó cahirá e logo que se renda a gente que temos cercada, mas nem por isto fica á marinha livre a acção, pois tem de seguir parallelamente ao exercito, e ser um seu poderoso auxiliar.

Fique porem V. Exa tranquillo, farei o que me fôr humanamente possivel para concluir esta guerra.

Quanto a mim o seu termo está perto, ferimos o inimigo no coração, quebrando-lhe o orgulho com que nos pôde fazer guerra de recursos por muito tempo.

Não me posso alargar mais; tenho muito e muito serviço a fazer hoje e hei de fazel-o eu mesmo! Escreverei largamente ao meo Ministro.

Agradeço a V. Exa. a brilhante defesa que me fez no Senado. Eu devo e sirvo ao paiz como devo, arrisco por elle minha vida. Falta-me um pouco de impostura e diplomacia, contento-me em ser o que sou.

L. V. Exa.

Mto. obº Amº e Affº Col.

Visconde de Inhauma."

Quando de Humaitá escrevia a Zacarias a carta de 25 de Julho de 1868, carta de tanta historia e psicologia para o estudo de um homem, o missivista tinha o destinatario por presidente do gabinete 3 de Agosto.

A correspondencia vinda do Paraguai não chegava ao Rio de Janeiro nem rapida, nem pontual. E' sempre mais facil escrever de longe sobre a guerra do que do seu teatro.

Entre 16 e 25 de Julho de 1868 mediu semana e pouco. A 16 de Julho do dito ano o gabinete 3 de Agosto deixou governo, em queda do partido liberal e ascensão do conservador.

Tudo por motivo da carta imperial escolhendo Salles Torres Homem senador pelo Rio Grande do Norte em substituição daquele franco-atirador parlamentar, D. Manoel de Assis Mascarenhas, cujo perfil foi recentemente traçado.

A escolha do novo senador teria sido a verdadeira causa ou o alegado pretexto da retirada do 3 de Agosto e do ostracismo dos liberais. E' questão de sim e não de nossa historia politica no seculo transato.

O meo Ministro", dizia Inhauma referindo-se ao titular da pasta, o joven conselheiro Afonso Celso, já substituido quando a carta de Inhauma chegou ás mãos de Zacarias.

A missiva de 25 de Julho de 1868 traz á Historia o depoimento pessoal e inedito do illustre homem do mar de berço em Lisboa para tumulo no Rio de Janeiro, tumulo que o recebeu por vida extinta em grande parte pela guerra pesando sobre sessenta e um anos de idade cansados de lidar pelo Brasil.

Descarregado de governo, recolhido á sua apalacetada residencia da rua Conde d'Eu, ora Frei Caneca, Zacarias leu talvez socegradamente a carta de Inhauma á sombra das arvores de sua vasta e tratada chacara, a sombra das arvores propicia á meditação no acudir das lembranças.

COISAS NÃO DITAS

♦♦♦

A PASSAGEM
DE HUMAITÁ

♦♦♦

ESCRAGNOLLE DORIA

De radio

Dois evolucionistas

DJALMA MACIEL

O cronista que não tem o habito da louvaminha sente-se deslocado, quasi como-vindo, em face dos linguados de papel, quando a tarefa a que se destina é a do elogio. Não que lhe seja penoso proclamar verdades reconhecendo meritos, mas simplesmente porque andam as ondas hertzianas de tal maneira peçadas de burrice e de incompetencia que as transigencias propositais no regime de censuras a ele proprio parecem resultado de miopia critica. "Será que Fulano e Beltrano constituem, mesmo, exceções dignas de registro?" Pior, entretanto, não é essa incerteza do escriba; é a desconfiança do leitor, que diz lá com os seus botões, sorrindo ironicamente:

— Malandro! Já está arranjando algum programa...

Mas, em verdade, de vez em quando é bom — e é justo — dar uma folga na borduna para se prodigalizar aplausos de estímulo que realmente muitos elementos bem merecem. O leitor que pense sem maldade! Aíás, não exige grande esforço de intelligencia o refletir que eu jamais elogiaria Almirante se pretendesse, embora remotamente, lançar em qualquer microfone outro empreendimento de calouros, com o sítio ou não de salvar a memoria artistica de Santa Cecilia das orgias sambiquaras... Por isso, vale repetir aqui o que já disse lá muito tempo e que nem o próprio sr. Ari Evangelista Barroso tem coragem de negar: — Almirante continua sendo a melhor organização artistica do broadcasting brasileiro. Melhor no sentido da amplitude de suas atividades; melhor quanto á perfeição dos detalhes; melhor, sobretudo, pelo espirito evolucionista de suas idéas. A propria trajetoria de Almirante por estúdios e microfones da cidade é credencial de sua mentalidade. De lance em lance, o cantor de emboladas do "Bando dos Tangará" tornou-se o maior e mais requestado organizador de programas da radiofonia carioca! Sem intrigas; sem estagios deprimentes nas calçadas da Casa Nice; sem pedir uma só nota de referencias elogiativas aos criticos do assunto; sem transigir um milimetro daquela attitude meio displicente, meio sobranceira, que lhe grangeou da maioria dos seus colegas uma saudavel, adovel antipatia.

Assim como não se pode negar a Almirante o carater empreendedor de suas atividades — gostem ou não os que têm dificuldade em lhe alcançar as idéas — também não é de direito esconder, por qualquer motivo o merito desse rapaz Silvio Moreaux que, ao microfone da Cruzeiro do Sul, vem dando uma lição de bom senso ao snobismo bororó alferado á idéa de ser impossível unir, em um só programa radiofonico, a magestade da grande musica erudita á singelesa poetica e bonita das verdadeiras melodias populares. "Momentos Musicais" decreta, realmente, a falencia dos pernósticos que desejavam o concerto grosso de Mozart, de manhã, ao meio-dia e á noite. Apresentando, no referido empreendimento, em paginas acessiveis, artistas do porte de Arnaldo Rebelo, Edite Bulhões Marcial, Yolanda de França Moreaux, Oto Jordan, e Maria Silva Pinto ao mesmo tempo que organisava selecionadas audições de musica de teor menos erudito e mais ao sabor da grande massa do publico, o jovem e futuro broadcaster não acende uma vela a Deus e outra ao Diabo, conforme anda inculcando por aí a lingua viperina da Candinha. Mostrou, isto sim, o caminho exato para a recuperação artistica da radiofonia brasileira, tão aviltada pelos camelots da propaganda comercial, pois, de fato, não se educa o gosto musical de um povo fazendo-o absorver dia e noite, logo de inicio, indigestos acepipes da alta musica que — vá á verdade — no Brasil, infelizmente, não existem dois por cento de habitantes com a necessaria intuição e a suficiente capacidade de compreender nos mais reconditos pormenores de sua beleza.

alô...alô...

— Uma efemeride brilhante para o broadcasting nacional registrou-se, lá dias, com o 17.º aniversario de existencia do Radio Clube do Pará, que o Brasil inteiro conhece atravez de sua estação de ondas curtas ZVC-5. A emissora de Edgard Proença, Roberto Camelier e Eriberto Pio é, sem a menor duvida, uma organização artistico-informativa que honra nossos fóros de cultura.

— Parece estar confirmada a noticia de ter o vespertino "O Globo" adquirido a Rádio Transmissora. Foi Gagliano Netto o intermediario da transação. A Guanabara, como se sabe, pertence agora a "A Noite". O "Diario da Noite" tem, logicamente, as emissoras dos "Associados". "Livre-atiradoras", ficam, portanto, a Mayrink, a Rádio Clube, a Cruzeiro e a Vera-Cruz.

— Ouvimos, de São Paulo, pela Tupi G-2, domingo ultimo, um numero interessante, o dos irmãos Perdigão. Pelo que nos certificamos, trata-se de um casal — e o auditorio estava aplaudindo com fervor.

— E as novelas? Ah, as novelas... Já não têm constituído nenhum acontecimento radiofônico, por certo. Mas ainda valem por uma atração regular nos programas de cada dia. Aláís, de um modo geral, o rádio-teatro carioca está em pasmaceira, das mais incriveis. Os "medalhães" e os mediocres campeiam... O terreno está livre...

— Por falar em novelas: Foi anunciado que "Renuncia" seria do famoso "medium" Chico Xavier. Mas não se trata da novela de Oduvaldo Viana e sim de um romance de igual titulo. Nada de acusar Oduvaldo pelo feio crime de plágio...



OLGA PRAGER COELHO CONTINUA SENDO UM VALOR LEGITIMO DO "FOLC-LORE" NACIONAL. NO BRASIL E MUITO MAIS NO ESTRANGEIRO.

GHITA YAMBROUSKI, UMA VOZ BONITA E UMA ARTISTA QUE, ATRAVÉS DO MICROFONE DA TUPI, GANHOU SIMPATIAS REAIS EM TODO O PAÍS;



O UNIFORME VERDE-OLIVA NA GUERRA

Fôram muitos os acontecimentos de real importancia, nestes ultimos doze dias, dentro do setor da guerra. A substituição de Tojo no alto-comando japonês teria sido motivo para uma interessante crônica si, logo em seguida, não fôssemos despertados novamente, pelo rádio, ainda noite escura, para esse importante comunicado: Hitler acabava de sofrer uma nova tentativa de morte. Frustrada embora, ainda assim ela éra tão seria, tão capaz de modificar o panorama da guerra que os jornais dêram edições extra e muita gente pensou — um tanto precipitadamente, claro... — que o armistício

seria assinado dentro das mais próximas vinte e quatro horas... Felizmente não foi. Para bem da Humanidade, o "complot" dos generais não foi adiante, porque, si o fôsse, teriamos a repetição do desastrado desfecho da primeira Grande Guerra. A Alemanha estaria vitoriosa na sua derrota, aceitando — ou impondo... — certas condições para cessar a luta sem que um soldado das Nações Unidas, um sequer, tivesse pisado territorio germânico. Mas alem desses dois acontecimentos, cada qual mais digno de registro, houve ainda a entrada de um pequeno exercito em Moscou, desfilando pelas suas avenidas... mas

AS PRIMEIRAS RADIOFOTOS DIVULGADAS NO BRASIL, ATRAVÉS DA AGENCIA NACIONAL, DO DESEMBARQUE DE TROPAS EXPEDICIONARIAS BRASILEIRAS NO THEATRO DA GUERRA, O FORAM QUARENTA E OITO HORAS APÓS ESSE ACONTECIMENTO. A NOTICIA ENCHEU DE JUBILO OS CORAÇÕES BRASILEIROS. NA GRAVURA, O GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS, EM COMPANHIA DE OFICIAIS NORTE-AMERICANOS, PASSA EM RE-VISTA TROPAS DO GRANDE F. O. ALIADO, QUE TAMBEM SE ENCONTRAM EM NAPOLES.



GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS, COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS EXPEDICIONARIAS BRASILEIRAS.



prisioneiro. Os "super-homens" de Hitler tanto ambicionavam penetrar na capital soviética que, afinal, esse objetivo lhes foi permitido... Santa ironia das coisas e dos homens!

Para nós, brasileiros, outra ocorrência, porém, atingiu um grau de interesse muito mais alto, tocando-nos bem de perto o coração e fazendo que nosso povo olhasse, mais entusiasmado, para esses telegramas. As Forças Expedicionárias atravessaram o Atlântico, livres por completo da ação da Quinta-Coluna, desembarcaram em Nápoles e ali se encontram, quando estas linhas são redigidas, aclimatando-se e submetidas a novos trenos, recebendo calorosos e justos elogios de parte dos generais americanos que já tiveram ocasião de acompanhar, bem de perto, o espírito de combatividade e o preparo físico dos nossos rapazes. Foi esse, portanto, o acontecimento número um da semana, porque a partir de agora o Brasil estará ainda mais integrado na luta, dando seus filhos para o "front", como o fizeram outras nações. Somos um país que não contornou as situações para se definir, fazendo-o quando a situação poderia ainda sofrer alternativas, quando não haviam cessado os trabalhos de "sapa" dos nazistas, fascistas e outros "istas", dentro das nossas fronteiras, tudo enfrentando para evitar que os acontecimentos se desenrolassem da forma como de fato vieram a suceder-se.

Esposas, mães, noivas e filhas voltam os olhos e o coração para as terras da Europa, certas de que seus entes queridos não de saber desobrigar-se da tarefa histórica que lhes pesa nos ombros. E os dias vindouros relatarão, em páginas magníficas, o resultado dessa missão. Outros contingentes de Forças Expedicionárias se preparam. Se desde o início nós todos viamos com interesse e simpatia um soldado expedicionário pelas ruas da cidade, é fácil aquilatar o carinho com que o encaramos desde já, sabendo que de um instante para outro ele terá desaparecido da circulação, embarcado, sem maiores divulgações públicas, para se enfileirar aos que há dias pisaram em Nápoles. Os correspondentes de guerra mandam-nos curiosas apreciações sobre os soldados brasileiros. Um deles, norte-americano, perde-se em divagações pitorescas sobre o modo por que nossos expedicionários preparam o café da manhã. Misturando o pó do café a água quente, até ferver, enchendo taças dessa infusão e adicionando-lhe uma boa quantidade de açúcar... Os norte-americanos não conhecem o café brasileiro preparado dessa maneira. Talvez agora aprendam a saboreá-lo melhor. E as enfermeiras do Corpo Expedicionário al estão também, desveladas e solícitas, para atenderem às contingências, dentro do seu mistério.

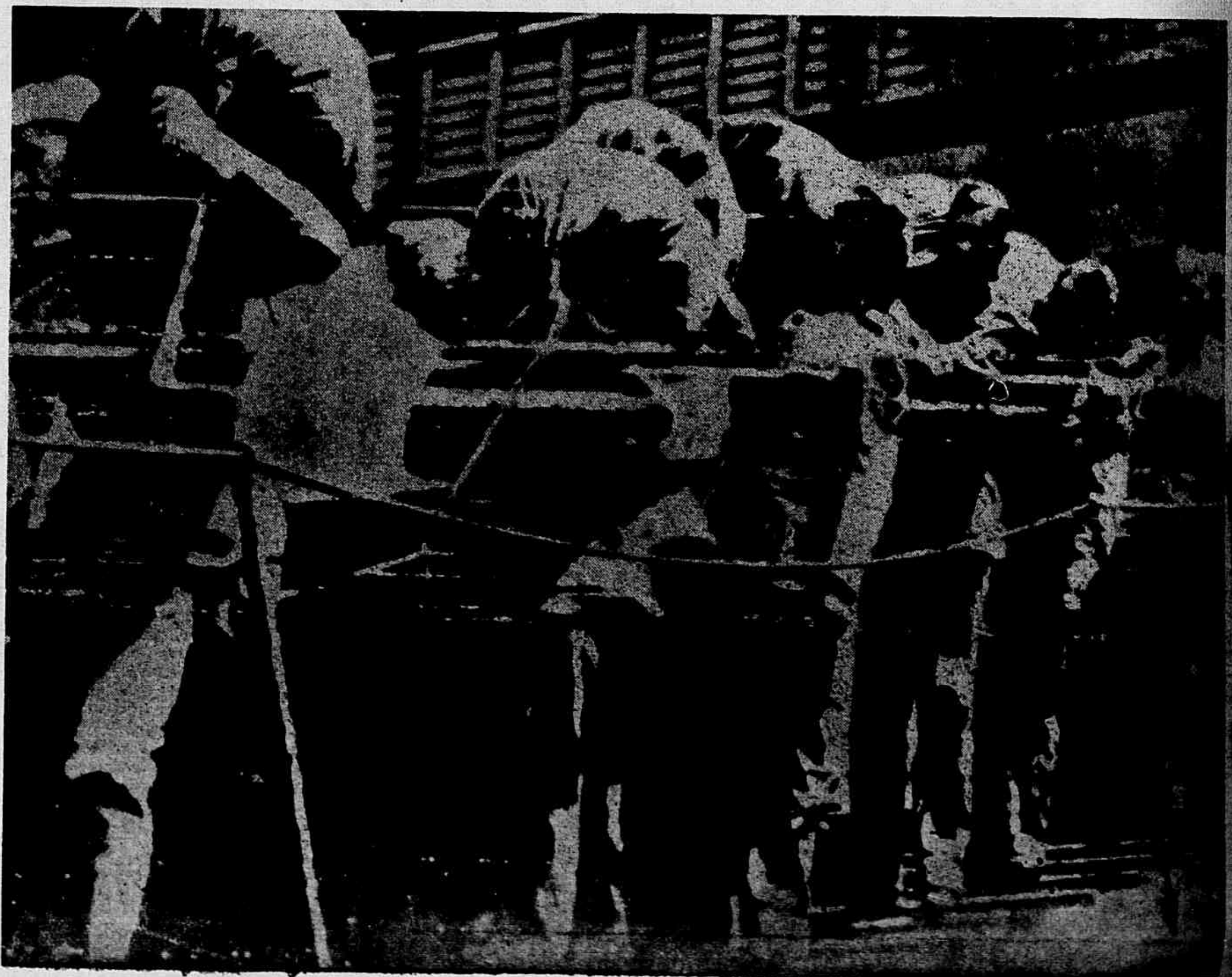
Preza-se o Brasil e orgulham-se seus filhos desse novo panorama que empresta à guerra, na Europa, um colorido inédito. Sabemos porque estamos em luta, sem preocupações de conquista mas tão somente para vingar os mortos queridos, vítimas da fúria nazista sanguinária. Continuamos sendo um povo de natureza pacífico, trabalhador, moderado, mas que não suporta humilhações. Talvez pudessemos ter ficado entregues a uma acomodada neutralidade, se outro fôsse o nosso feitio. Mas não é, felizmente. Temos dignidade e amor próprio, os quais, quando ofendidos, nos impelem para a ação digna e elevada que agora se registra.

Eis porque, mesmo em face de tantos e tão notáveis acontecimentos da semana da guerra em marcha, o desembarque dos uniformes verde-oliva, em terras italianas, assumiu proporções maiores para nós brasileiros.



O GENERAL NORTE-AMERICANO JACOB DEVERS TROCA UM CORDIAL APERTO DE MÃO COM O GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS, COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS DO BRASIL, MOMENTOS ANTES DO DESEMBARQUE. BRASILEIROS E AMERICANOS DO NORTE ESTÃO, ENFIM, UNIDOS NO MESMO CAMPO DE LUTA. NAQUELE MOMENTO HISTÓRICO, MUITOS MILHARES DE SOLDADOS PATRÍCIOS, BRASILEIROS DO CENTRO, DO NORTE E DO SUL, PREPARAVAM SUA BAGAGEM PARA DESEMBARCAR POUCO DEPOIS. NÃO HOUVE TRABALHO SUBTERRÂNEO DE NOSSOS INIMIGOS CAPAZ DE IMPEDIR QUE NOSSAS TROPAS CHEGASSEM AO CAMPO DE GUERRA. E O BOATO ESPALHADO PELA RÁDIO DE BERLIM, DE TER SIDO TORPEDEADO UM BARCO TRANSPORTE CARREGADO DE JOVENS PATRÍCIOS MILITARES, NÃO PASSAVA DE PURA BALELA...

FINALMENTE BRASILEIROS PISAM TERRITÓRIO EUROPEU, UM ASPECTO DO DESEMBARQUE: A GRAVURA, APRESENTA A RAPIAZADA BRASILEIRA COM O SEU EQUIPAMENTO, EM NAPOLES, NA ITÁLIA, CARREGANDO OS SACOS DE BAGAGEM, DESENVOLTOS, APTOS PARA O QUE DER E VIER. NÃO FOI ENTUSIASMO DO PRIMEIRO INSTANTE AQUELE QUE SE VERIFICOU EM TODO O BRASIL QUANDO O POVO ENCHEU AS RUAS EXIGINDO A DECLARAÇÃO DE GUERRA. O POVO ESTÁ CORRESPONDENDO AO QUE DELE SE ESPERAVA, PORQUE O POVO É TAMBÉM A FINA FLOR DA NOSSA MOCIDADE QUE, ENVERGANDO SEUS UNIFORMES VERDE-OLIVA, ESTÁ AGORA ACAMPADA NOS ARREDORES DE NAPOLES, SENHORA DO MAIS INEJAVEL ESPÍRITO ESPERTIVO, CONENDO FEIJOADA, CANTANDO SAMBAS — E ADESTRADA PARA A LUTA DENTRO DE POUCAS DIAS, TALVÉZ HORAS.





Senhorita Candida Ivette.

CANDIDA IVETTE

Candida Ivette, festejando seus 18 anos, recebeu no Club dos Caiçaras, no dia 15 do corrente, suas numerosas amiguinhas, da alta sociedade carioca, entre as quais notamos S. A. a princesa D. Tereza, as srts. Tutti Nee, Lucia Santos Jacinto, Laurita Santos Jacinto, Maria Tereza Fontes, Regina Coelho, Gilda Gama, Vitoria Dale, Perla Maciel, Tussinelda Scheeffe, Regina Sarmanho, Ligia Pinto, Tereza de Souza e Roberta Macedo Soares, e os srs. Silvio Nee, Helio Brandão, Francisco Catão, João Lage, Alberto Reusch, Luiz Santos Jacinto, Jorge Henrique Dodsworth, Oswaldo Santos Jacinto, Albino Dale, Celso Cavalcanti, Alcino Affonseca, Luciano Souza Leão e José Eugenio Macedo Soares.

Nesta pagina reproduzimos alguns aspectos fotograficos da elegante festa de Candida Ivette.



Um flagrante do baile, vendo-se em primeiro plano a senhorita Candida Ivette dançando com o sr. Alberto Reusch. Vêem-se ainda o sr. Alcindo Affonseca e a senhorita Perla Antunes Maciel.



Grupo formado durante o baile, em que se vê a aniversariante cercada por algumas de suas convidadas, tendo á direita S. A. I. a princesa D. Tereza e mais as senhoritas Roberta Macedo Soares Regina Gouveia, Ligia Pinto, Maria Helena Pereira da Silva e Ligia Costa Pereira.

DE Música

Madalena Tagliaferro é uma ótima pianista. Não é necessário recordar, aqui, as suas qualidades de interprete, já de sobejo conhecidas do nosso público, que assiste a suas aulas de alta virtuosidade e a seus concêrto anuais, aplaudindo-a com o entusiasmo que ela sabe despertar. Grande intérprete da música moderna, especialmente francesa e notadamente de Debussy e Ravel, Madalena Tagliaferro nos proporcionou, na segunda parte do seu programa, uma série de exteriorizações magníficas de obras que, se por um lado não estavam à altura do seu talento, por outro lado condiziam muito com a sua sensibilidade requintada, sua habilidade de realçar os matizes e a delicadeza de toque que caracteriza as suas interpretações em geral.

Madalena concedeu alguns extras entre os quais o Clair de Lune e o Cake Walk de Debussy.



MADALENA TAGLIAFERRO.

A música moderna, aparentemente incompreensível, só pode ser apreciada, segundo um crítico americano, por um ouvido educado. De fato, enquanto o compositor exprime sentimentos convencionais — e pode alcançar, nesse campo, alturas aparentemente inatingíveis — é fácil entender e admirar, porem, diante das dissonâncias e das liberdades que certos compositores modernos tomaram em relação à harmonia, chegando até, alguns, a declará-la perfeitamente dispensável, o ouvinte desabitado tem uma reação e, se possui alguma erudição musical, põe-se a criticar a estrutura da música deixando escapar, nesse processo, toda a sua beleza, e a obra se reduz, pela análise fria, a uma série

de sons amontoados mais ou menos arbitrariamente. Porem, uma vez habituado às irreverências, uma vez acostumado a esta música que pode-se dizer é mais intelectual do que pura e romanticamente sensual, ele estará habilitado a compreender os modernos. Falei em música sensual e quis me referir com isso à música que agrada ao sentidos e não à outra significação da palavra.

Tive a oportunidade de comprovar isso, durante um concerto do Maestro Kleiber que, recentemente, esteve entre nós e nos proporcionou uma série inquecível de interpretações.

MUSICA MODERNA, DOIS PIANISTAS E UM REGENTE

Uma senhora, cuja cultura musical eu bem conheço, durante o concerto realizado no Teatro Municipal, confessara não ter apreciado a Abertura Concertante de Camargo Guarnieri. Acontece, porem, que, no dia seguinte, o mesmo concerto foi repetido para os sócios da Cultura Artística. Essa senhora fazendo parte daquela associação, resolveu ouvir novamente o concerto. Pois bem, durante o primeiro intervalo procurei-a.

— Então, já está gostando mais do nosso amigo Guarnieri?

Dissera aquilo brincando. Fiquei, portanto, muito surpreso quando ela respondeu:

— Você tinha razão. Já da segunda vez eu gostei.

Por aí se vê que o fato do público não apreciar devidamente a música moderna não pode ser atribuído a uma falta de cultura ou, pior, à ausência de sensibilidade. Não. É preciso repetir as músicas modernas até que ele se habitue a ouvi-las.

Chopin é tudo o que se quiser... Patriota, sentimental, burguês ou aristocrata. Depois de estudar sua obra muitos críticos prepararam uma etiqueta e aplicaram-na. Mas o gênio do compositor ficou fora da classificação feita sob medida e uma ou outra face da sua personalidade escapou à limitação imposta... Chopin foi tudo. Dêle, só se pode dizer, com certeza, que foi um grande artista e profundamente sincero na sua arte. O mais será esclarecedor para uma parte de sua obra e desmentirá a outra. Qualquer tentativa de generalização sobre ele será defeituosa. Os maiores críticos já a tentaram sem resultado satisfatório. Dentre os que no Brasil estudaram Chopin e disseram, realmente, alguma coisa de novo sobre

ele está Mário de Andrade. Pois bem: Mário de Andrade considera Chopin um gênio e não vai além na definição, passando a focalizar somente um aspecto de sua personalidade, conforme faz questão de salientar.

Jan Smerteling, pianista polonês que nos visitou recentemente, foi precedido de uma série de críticas entusiásticas, obtidas na América do Norte. Resultado: criou uma expectativa em torno da sua interpretação de Chopin, que lhe foi prejudicial.

Sua concepção de Chopin era a mais convencional. Para ele Chopin era o cantor pálido e doentio de donzelas tuberculosas e sub-alimentadas. Provou-o não só a escolha das obras como a execução que ele lhes deu. Procurando tão somente graça e leveza, ele, às vezes exagerou. Além do mais, em algumas obras executadas demonstrou uma certa arbitrariedade.

A maior parte dos artistas toma certas liberdades com a obra executada, liberdades essas que são, muitas vezes, perfeitamente justificáveis, devido a dificuldades não raro intransponíveis com que tropeçam. Não eram desse tipo as praticadas por Smerteling, porem o pasmo causado por um gesto de Erich Kleiber prova como é rara uma fidelidade absoluta ao texto.

Durante o último concerto de Kleiber comentava-se um fato que só então chegara ao conhecimento do público. O maestro, achando necessária a inclusão de uma semi-colcheia numa obra de Francisco Braga, para facilitar a execução, foi pessoalmente pedir permissão ao compositor.

Ora, isso caracteriza perfeitamente um homem e demonstra a sua rara fidelidade de interprete que ficou comprovada com a execução do allegretto da VII Sinfonia conforme indicara Beethoven e na segunda a maneira consagrada de interpretá-lo.

VOCÊ TEM VOCAÇÃO PARA DETECTIVE?

O CANTO DO CISNE



1 Em New-York, no famoso *night-club* de Monte-Carlo, o inspetor Hannibal Cobb posa para um filme de publicidade com a encantadora Lucia, cantora de Monte Carlo. Diante da câmera Lucia é toda sorrisos e alegria; mas no seu modo Cobb sente uma grande ansiedade. Acabado o espetáculo, Lucia disse em voz baixa a Cobb — Estou muito preocupada... Venha ver-me depois do espetáculo.



2 A' tarde, Cobb encontra-se com a estrela Carole Landis. Enquanto conversavam, á mesa de um bar, Cobb notou Nick Goven, que já conhecia como um jogador de máus precedentes, na mesa visinha, em companhia de Eve Lynn. Os dois pareciam discutir. Cerca de uma hora mais tarde, Cobb é chamado ao vestiário de Lucia, e vai pressuroso sem perda de tempo, onde...



3 ...a encontra morta por um tiro. Numã placa de sangue já séco, estava um cigarro. O revolver foi encontrado no compartimento. No chão estava um telegrama "Chegarei brevemente — Viking". O inspetor foi informado de que Goven e Eve foram as únicas pessoas que visitaram Lucia entre 10 horas e tres minutos, quando recebeu o telegrama, e o momento em que foi encontrado o corpo.



4 Cobb deteve Goven e Eve no quarto. Goven — "Deixei Lucia viva quando ela recebeu o telegrama!" Eve — "Vim vê-la ás 10 e 45. Estava morta. Meu cigarro caiu ao chão. Sai correndo". Cobb informou-se de todos os que visitaram Lucia neste lapso de tempo e efetuou as prisões. Onde estará a solução do crime? Veja no próximo número.

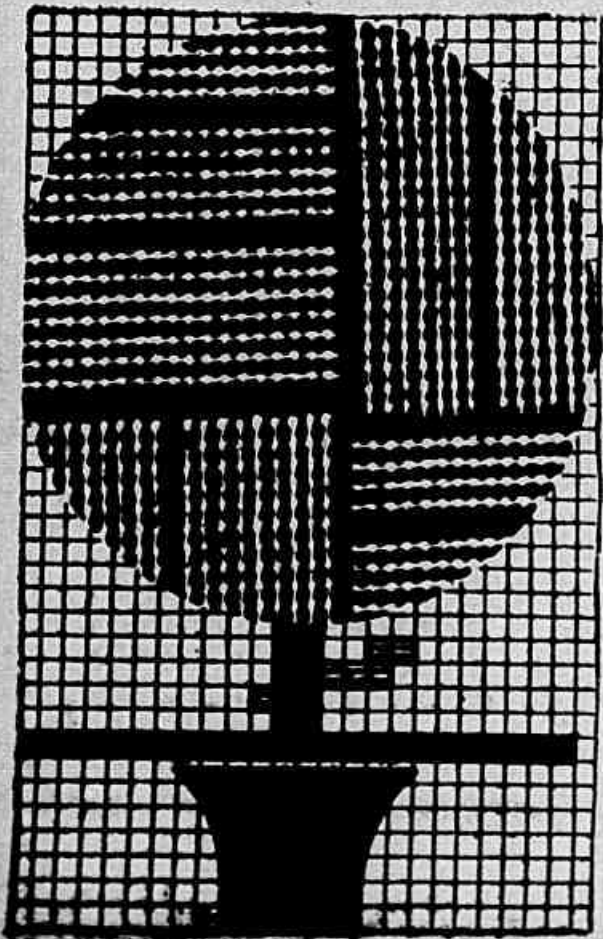


casquinha

PARA BEBE

DE 3 A 4 MESES

42



MATERIAIS — 2 novelos de lã fina; agulhas n. 1. Pontos — Elastico e de fantasia. A cintura e punhos em ponto elastico o resto em fantasia — 1.^a, 2.^a e 4.^a carr: X 3 avesso, 3 direito X. 3.^a carr: 3 avesso, 1 direito, 1 laçada, 2 juntos do direito. 5.^a, 6.^a, 8.^a X 3 direito, 3 avesso X; 7.^a X 1 direito, 1 laçada, 2 juntos pelo direito, 3 avesso. Começa-se de novo na 1.^a

EXECUÇÃO — A frente esquerda se começa pondo 50 pontos, trabalhados em elastico durante 20 carreiras. Aumenta-se 1 p. cada 8 para obter 56; sobre os 8 ultimos p. continua-se em elastico e sobre os 48 primeiros faz-se o p. de fantasia. Segue desta maneira até chegar na beira a 62.^a carreira do começo do tricot. Fecha-se do lado contrario da guarda 1 vez 6 p. os demais fechados ao começar as seguintes carreiras do mesmo lado; 1 vez 3; uma vez 2, e duas vezes os 2 da beirada juntos. O total dos pontos fechados são pois 13, ficando portanto 45. Prossegue-se por 24 carreiras mais e se fecham para o decote, carreira por meio cada fechado. Uma vez 17 p. (os 8 fechados elastico). Depois de 8 carreiras se fecham os 4 p. centrais, da beira, para a 1.^a casa; estes pontos são repostos na carreira de volta. As casas são feitas entre 24 carreiras de distancia uma da outra. Terminando as casas no decote, faz-se 3 p. cada vez por outros 3 vezes 2 p. e por 4 vezes os dois da beira junto fechando nesse momento o ombro, em 3 vezes igual numero de pontos por vez.

— Alô? Quem fala?
 — E' o Carlinho?
 Voz de mulher... Quem seria?
 — Sim, éle mesmo. Quem está falando?
 — Deixe de brincadeira, meu amor, então você não sabe?
 — Não tenho a mínima ideia...
 — Mal...
 — Uél Por que? Será que a conheço?
 — Pois é claro! Ingrato!
 — Mas eu conheço tantas moças...
 — Quer dizer que eu não sou qualquer coisa de especial, seu ingrato?
 — Pode ser que seja... Quem sabe?
 — Então por que não se lembra de meu nome?
 — Você tem certeza de que não está resfriada?
 — Lógico que não. Será que minha voz é fanhosa, desse jeito?
 — Não. Mas estou procurando um motivo para não ter reconhecido...
 — Então já sabe...?



— Ainda não.
 — Puxa!
 — Escute aqui, você tem a certeza de que não se enganou de número?
 — Certeza absoluta.
 — Então diga quem é.
 — Adivinhe.
 — Isso é trote?
 — ...até você adivinhar quem está falando.
 — Há muitos meios de disfarçar a voz...
 — Eu sei...
 — E nós poderíamos ficar assim durante muito tempo...
 — Você está se queixando?
 — Não. Poderia ficar ouvindo sua vozinha até amanhã de manhã, ou mais tarde ainda, se você quisesse...
 — E então?
 — Mas eu não me contento com a audição. Preciso ver para crer... Sem os olhos, eu seria inútil.
 — E' mesmo? Não diga!
 — E' verdade. Estou falando sério. Você não calcula que diferença faz. A's vezes uma voz não evoca nada. Afinal de contas, que é uma voz? Vendo a gente tem diante de si um quadro? Não é somente a voz, coisa sem importância, mas cores e formas... Que é a voz? Para que serve? Os melhores momentos da nossa vida a gente passa calado...
 — Calado?
 — Você beija conversando?
 — Quem disse que o beijo é o melhor momento da vida de uma mulher?
 — Eu. Espantada?
 — Não concordo. E' só.
 — Você ainda não foi beijada por mim...
 — Pretencioso!
 — Eu sou pretencioso e você é insincera!
 — Mas, escute aqui, voltando ao nosso assunto, quem sou eu?
 — Não sei. Nem me interessa. Você é uma voz que vem da distância. Imagino-a. Você não tem olhos negros?
 — Como adivinhou?
 — Só uma morena de olhos negros poderia ter uma voz tão cariciosa.

— Pois eu tenho olhos pretos, mas pele clara...
 — Lindo contraste. Lembra uma daquelas espanholas ardentes que aparecem nos filmes...
 — Eu não tenho nada de ardente.
 — E' que ninguém soube, ainda, fazer com que você vibre...
 — Será?
 — Claro. Você, com toda a certeza, já tem um namorado. Imagino como ele é. Alto, magro, desajeitado. Tímido, sim, deve ser tímido, ou você não estaria falando comigo assim...
 — Psicologia a esta hora?
 — Por que não? Você mesma pode não ter pressentido como agem os complexos dentro de você. Quantas vezes a namorada de um rapaz que não sabe falar, procura um derivativo... Que melhor experiência do que uma conversa pelo telefone?... Nunca saberemos quem somos... Trocaremos algumas palavras... Quer?
 — Aceito.
 — Eu estou com desvantagem, hein!
 — Por que?
 — Você, pelo menos, sabe o meu nome...
 — Chamo-me Sonia...
 — ...e o meu telefone...
 — O meu não dou.
 — Teme que eu a procure, a importune?
 — Temo.
 — E se eu prometer?
 — Não adianta...
 — Pois bem. Não insisto.
 — E' melhor assim...
 — Mas, voltando ao assunto do namorado... Não é verdade que tem um namorado tímido?
 — Sim...
 — E que não sabe dizer coisas bonitas?
 — Sim...
 — Que pena!
 — Por que diz isso?
 — Porque você deve ser linda... Tez clara e olhos negros: meu ideal. Você sabe que há muito tempo eu venho sonhando com uma garota como você?...
 — Não diga!
 — E' verdade! Tez clara, pensava eu, e olhos negros. O'tchi tchórnial! Sabe russo?
 — Não, mas já ouvi a Pola Negri cantar olhos negros...
 — Gosta?
 — Já está um pouco batido, não acha?
 — Batido? Já se viu alguém dizer que alguma coisa

de lindo, de verdadeiramente lindo, possa ficar batido? Já viu dizer de um diamante que ele está batido? Já ouviu dizer dos seus próprios olhos negros que eles estão batidos... por dezoito anos de uso?
 — Dezoito só?
 — Não chega?
 — Quem lhe diz que eu não sou uma velha de oitenta anos?
 — Quem lhe diz que eu não sou um velho de noventa e quatro?
 — Intuição. E com você?
 — Idem, idem. Notável não é?
 Houve uma pausa. Ela falou, por fim.
 — Embatucou?
 — Não. Estava pensando?
 — Em que?
 — Em como seria agradável vê-la...
 — Tenho um noivo... o rapaz tímido... Ele é tímido somente com as mulheres...
 — Não me assusta...
 — E' porque ainda não o viu...
 — Mas já o conheço. E' uma reverendíssima besta.
 — Por que o insulta?
 — Por perder tão belas oportunidades de ser feliz!!
 — Mas ele, afinal de contas, teve coragem de pedir minha mão...
 — Pedir a mão a seus pais? Que coisa banal! Pode pedir-lhe a mão, mas não sabe conquistar o seu coraçãozinho...
 — Quem lhe diz isso?
 — O fato de você estar falando comigo, fingindo que me conhece, puxando conversa...
 — Quem lhe disse que eu puxei conversa?...
 — Bem, não puxou, mas também não desencorajou...
 — Não tenho nada de melhor a fazer... As suas tolices me divertem.
 — De longe, elas divertem; de perto...
 — Que acontece?
 — Quer experimentar?
 — Já disse que não.
 — Tem medo de não resistir?
 — Não resistir?!
 — Depois de mim, seu noivo, coitado...
 — Se ele é tímido você é pretencioso!
 — Para contrabalançar... Você está precisando mesmo de uma dose de namoro audacioso, para tirar o gosto amargo do silêncio do noivo...
 — Você é um número!
 — Uf! Até que enfim!
 — Que houve?
 — Você me elogiou!
 — Foi mesmo?
 — Menina. Nós precisamos nos encontrar...
 — Pra que?
 — Se você tivesse dito esse "foi mesmo" diante de mim, com esse mesmo tom provocante...
 — Que é que aconteceria?...
 — O que você queria que acontecesse...
 — Pretencioso!
 — Viva!
 — Que foi?
 — Você caiu!
 — Como? — Você disse que eu era pretencioso por dizer que faria aquilo que você queria que eu fizesse. Ora isso só pode significar uma coisa, mas eu nada havia dito nesse sentido; logo, partiu de você a insinuação de que esse "o que você quisesse" poderia ser, por exemplo, um beijo...
 — Ih! Essa história está muito complicada! não entendi nada!
 — Quer que torne a explicar? Ou alega que não entendeu como todas as mulheres quando se veem vencidas?
 — Sim, senhor, hein!
 — Sim, senhor o quê?
 — Não está reconhecendo melhor a voz, agora?
 — Lucí!
 — Eu mesma. Um pente, um lenço no fone, conforme você mesmo me ensinou, e a voz muda muito...
 — Mas você...
 — Eu estava experimentando você. Então a sua timidez é só com a noiva, hein?!
 Ele riu.
 — Confessa que foi suficientemente castigada?
 — Castigada?
 — Sim, eu sabia desde o primeiro momento que era você, mas fingi que não sabia, porque você queria era isso mesmo...
 — Mentira!
 — Ora Lucí, deixe de bobagens. Então eu não conheço a sua voz? Não há pente, nem lenço que disfarce sua voz inconfundível...
 — Oh, Carlinho!
 Estava vencida...
 Quando, finalmente, Carlos desligou o telefone, deu um suspiro de alívio.
 — Puxa! Se eu não encontro aquela saída!...

QUEM FALA?
 CONTO DE
 ROBERT LEE

Os círculos sociais do país receberam com a mais profunda consternação a notícia do falecimento da senhora d. Anila Costa, esposa do sr. Fernando Costa, Interventor de São Paulo. Ao cabo de algumas semanas de molestia, sucumbiu a primeira dama paulista, tão estimada de nossa sociedade e sempre cercada de forte ambiente de simpatia popular, mercê da sua bondade, do trato afável e carinhoso com que sabia acolher todos quantos a procuravam, grandes ou pequenos. A REVISTA DA SEMANA regista com sincero pesar essa infausta ocorrência. O sepultamento de D. Anila Costa, realizado na capital bandeirante, serviu para testemunhar a imensa dor causada pela sua morte, tal a simpatia que desfrutava a bondosa cidadã de velha estirpe brasileira.

FIGURAS

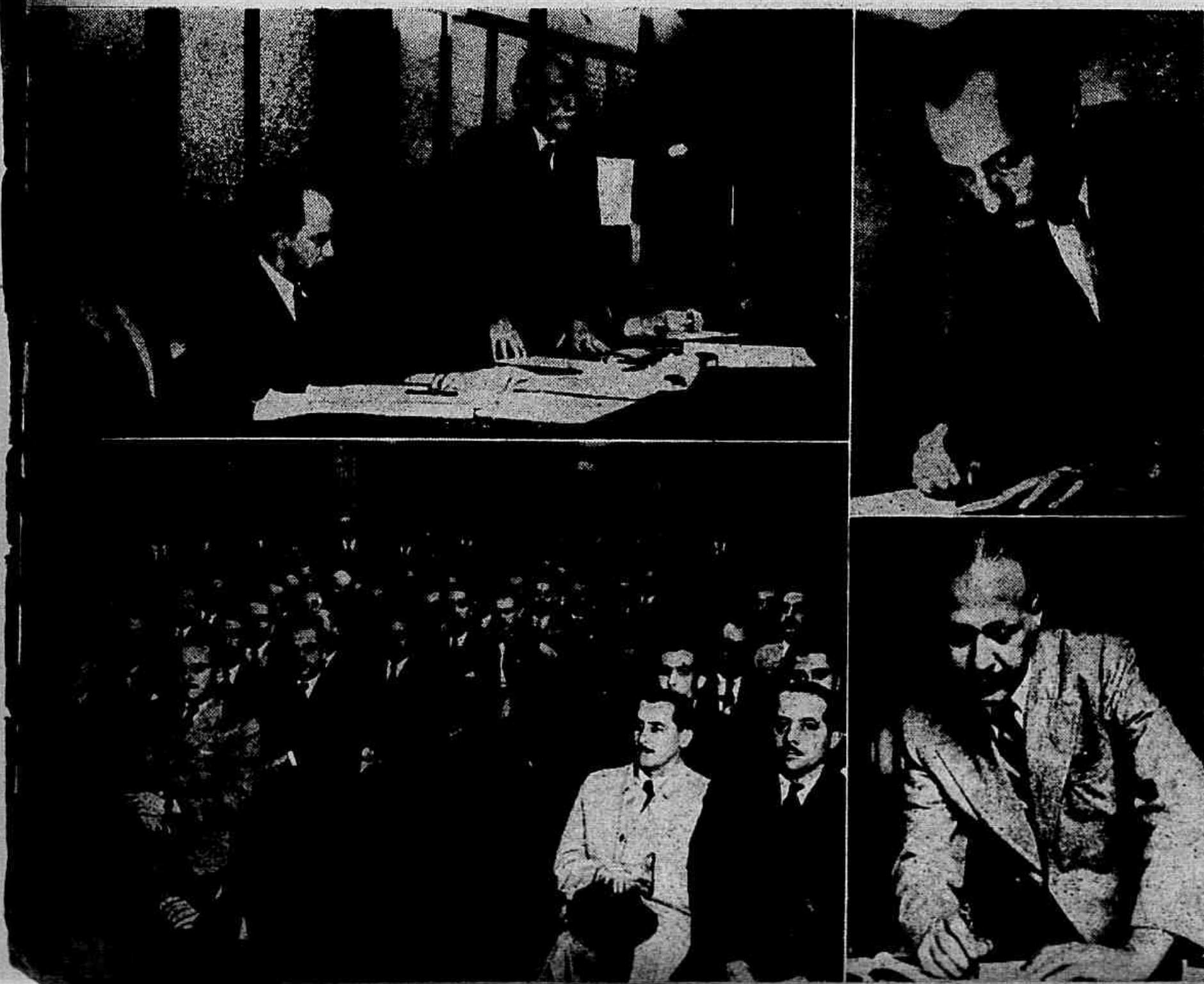
Na ilustração abaixo, turistas em frente ao Pavilhão da Imprensa em Aguas do Prata, São Paulo.



Recentemente, aqui no Rio, foi realizado o enlace matrimonial da senhorita Eden Moita com o sr. Isaac Martins Faria, que se vêem na gravura abaixo, num flagrante batido por ocasião daquela solenidade.



NOVA ORDEM SOCIAL PARA A CLASSE MÉDICA — Dia 14 de Julho, reuniram-se no seu sindicato os médicos desta capital sob a presidência do conselheiro professor Antonino Ferrari e com a presença do sr. Segadas Viana, representante do Ministro do Trabalho. Nessa sessão foi lida a moção que será entregue ao Presidente da Republica, sobre as reivindicações sociais dos médicos brasileiros. Nas gravuras abaixo, flagrantes da referida solenidade, aparecendo o dr. SPINOSA FOTHIER, quando assinava, a moção, e o dr. ALAOR TEIXEIRA DE GODOY.



Constituiu legitimo acontecimento o consorcio da senhorita Jussara Silva Vivacqua, filha do casal Atílio Vivacqua — Jenny Silva Vivacqua, com o 1.º tenente do Exército José R. de Miranda Carvalho, filho do casal Fernando Viriato de Miranda Carvalho — Sylvia Ribeiro de Miranda Carvalho. O grande círculo de pessoas das relações de ambas as famílias teve, então, o grato ensejo de homenagear os nubentes, com eles se congratulando por tão feliz acontecimento. Na gravura, em uma pose batida logo após as solenidades, a senhorita Jussara Silva Vivacqua, dona de reais predicados de espírito e real ornamento da nossa melhor sociedade.

E FATOS



Henrique, filho do casal Pedro Brando, festejou no dia 4 de Julho o seu natalício. A data foi comemorada com a presença de muitas crianças às quais o aniversariante ofereceu uma lauta mesa de doces. Nas fotos vemos o inteligente garoto em companhia de seu pai e durante a recepção, na qual estavam presentes muitas figuras de destaque da nossa sociedade, e cercado por seus amiguinhos.



Pelo auge da carreira, chegou ao Rio, na semana transada, o sr. Leonidas de Castro Melo, Interventor Federal no Piauí. O desembarque do ilustre chefe do executivo piauiense e de sua exma. senhora esteve grandemente concorrido, vendo-se, entre os que o foram receber no aeroporto, os representantes dos srs. ministros da Guerra e da Viação, diplomatas, magistrados, oficiais do Exército, jornalistas e outras pessoas gradas.

Senhorinhas Maria Thereza e Maria Luiza da Silva Costa, filhas do falecido sr. Ernani da Silva Costa e senhora d. Maria Amelia Prado da Silva Costa, da sociedade paulistana. Da primetra passa hoje o 13.º aniversário natalício.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO**PRINCE DE GALES**

UM PRODUTO COSTA PENNA



Sua RESPONSABILIDADE...
Sua SATISFAÇÃO!

CONFIANTE, a criança recebe os ensinamentos maternos, duplamente preciosos, pois, os hábitos agora adquiridos duram toda a vida!

Acostume-a a escovar os dentes todos os dias com um dentífrico puro, de ação suave, capaz de assegurar uma higiene bucal perfeita. O Creme Dental Squibb é o preferível, porque não contém substâncias raspantes ou

adstringentes — absolutamente nada que possa estragar o esmalte ou irritar as gengivas. E como gostará de usá-lo! O sabor delicioso e a admirável sensação de frescor que o Creme Dental Squibb deixa na boca são o encanto de todas as crianças. Compre um tubo hoje mesmo. Use-o também e recomende-o a todos, porque ele traz o Selo da Casa Squibb, um nome de confiança.



**CREME DENTAL
SQUIBB**

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA PUREZA E EFICÁCIA

421

Livros

SANGUE ARIANO. — Rodolpho Vilhena. — Rio. — 1944.

Sangue Ariano foi originariamente uma peça teatral. A sua transformação em novela foi ditada pela não aceitação do tema para uma peça, pelo receio dos empresários que não ousaram encena-la, muito embora reconhecendo-lhe o valor.

Alegavam que o público não estava preparado para receber uma peça daquele genero, e chegaram mesmo a considerar o tema um tanto escabroso.

Com tais afirmações pareciam querer indicar que entre nós ainda não se pode ter um teatro sério, e que é preferível continuar na *chanchada*.

Se realmente se trata de um assunto pesado, não encontramos no livro de Rodolpho Vilhena nada que se possa considerar imoral.

Faz-se no livro a apologia da família bem constituída, da liberdade de pensamento e de religião.

No que concerne á politica, é o autor radicalmente contrário aos regimes totalitários, quer quanto ás suas concepções políticas quer no que se refere aos seus costumes e á sua moral.

O tema da obra é o combate sem tréguas ao processo de fecundação artificial.

Este assunto é apresentado e exposto minuciosamente pelo autor, com a apresentação de dados realmente alarmantes. E é ele quem pergunta: "Existe realmente o problema?"

E responde:

"Existe, sim, e foi posto no taboleiro da discussão, pode-se afirma-lo, desde que, em 1890, John Hunter, por primeiro, conseguiu a impregnação artificial de uma mulher".

E segue-se o histórico do processo, com a enumeração dos casos, em escala surpreendente.

Sangue Ariano é, como vemos, um livro forte, que aborda um tema de magna importância.

• • •

L'HONNEUR DES POETES. — Choix de poèmes de la Résistance française. — Atlantica Editora. — 1944.

Com uma introdução de Michel Simon, a Atlantica apresenta essa espécie de antologia da poesia francesa inspirada no sofrimento de um povo que luta ainda mesmo diante da derrota inevitável.

Aqui estão os verdadeiros interpretes da alma e do sentimento francês.

E a publicação do presente volume torna-se sobretudo oportuna neste momento em que as forças dos franceses livres e o povo da França lutam para ajudar os aliados na libertação do seu país.

A pátria espiritual de todos os pensadores do mundo continua a produzir.

Os próprios alemães, cultores da força bruta, souberam avaliar a importância dos versos e a influencia que podiam exercer no animo do povo da França vencida. Tanto assim que foram proibidos diversos livros, como *Le Crève-Coeur d'Aragon*, que foi retirado de circulação, os poetas perseguidos, maltratados, como nos conta no prefácio Michel Simon.

E' o verso é a palavra escrita, em letra de fôrma, responsável por tantos movimentos que se tornaram definitivos na história da luta pela liberdade.

As guerras quasi sempre criam em torno de si uma literatura.

Naturalmente que o atual conflito, pelas suas proporções e pelo significado profundo que tem, deverá dar ocasião a algumas obras que se tornarão definitivas.

Entretanto, tudo o que tiver sido escrito com o fito de manter acesa a chama da luta contra os inimigos do mundo merece boa acolhida.

• • •

TERRA DE HOMENS. — Ademar Vidal. — "Gráfica Cruzeiro S. A." — Rio. — 1944.

Acabamos de receber o ultimo livro que o Sr. Ademar Vidal ofereceu ao publico do Brasil.

Com illustração de Santa Rosa, na capa, e prefacio do intellectual patricio Sr. Afonso Arinos de Melo Franco, o livro em causa vai a quase duzentas paginas de texto que o leitor aprecia com real interesse.

Obra que sai da pena do escritor nordestino é toda ela dedicada ao estudo e fixação de certos aspectos que marcam o feitio do homem do Nordeste.

Verdade é que o autor estuda, através do trabalho, de preferencia, figuras de seu Estado natal; mas nem por isso o livro deixa de ter indiscutível caráter regional mais amplo, pois o ambiente, de modo geral, é o mesmo na Paraíba, no Ceará, em Pernambuco, no Rio Grande do Norte, etc.

Diz o autor: "As origens do cangaceiro, que tanto difere do bandido, é o que se tentará fixar neste ensaio de interpretação."

E fê-lo em boa hora porque a figura do *cangaceiro*, que não é propriamente um bandido, que não é um individuo de todo perdido, mas sim um revoltado que rompe com a sociedade por força das deficiências de organização desta e passa a combata-la como pode, numa vida errante, aspera e perigosa, tende a desaparecer por completo da região nordestina do Brasil por força dos elementos civilisadores que ali veem atuando.

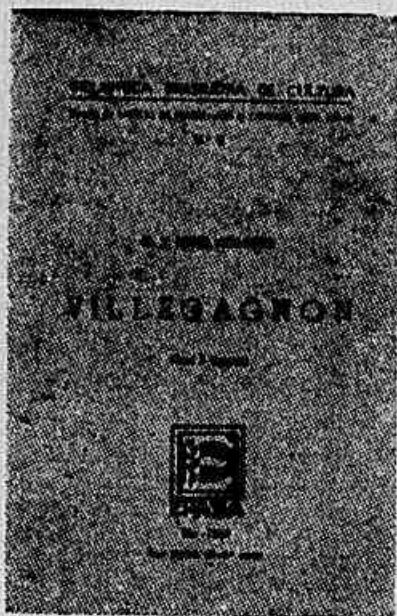
Basta que citemos, como o mais eficiente de todos esses fatores de ordem, o desenvolvimento das comunicações rodoviarias. Sim, porque o trem de ferro se mostrou muito lento para "pegar cangaceiro"; somente o auto tem chegado a tempo com a tropa volante. Por outro lado, quem se via na contingencia de acoitar os cabras, por força de circunstancias irremovíveis, vive agora mais perto de tudo quanto não tinha outrora: E, de resto, lutará com exito contra algum transviado mais recalcitrante, de vez que já não se vê a formação dos grupos que davam aos cangaceiros um poder enorme.

Em *Terra de Homens*, o autor ainda apresenta o que se poderia chamar o cangaceiro sublimado, apontando, em rapido estudo, figuras nacionais de escol, originarias de Nordeste brasileiro; homens de ação, cultos e resolutos e, por isso mesmo, cangaceiros no bom sentido, como certamente diria o renomado intellectual patricio.



Novas

VILLEGAGNON. — M. T. Alves Nogueira. — Epasa. — Rio. — 1944.



A pretexto de uma biografia de Villegagnon traça o autor o panorama da situação européia no século XVI, século aliás tão rico em acontecimentos de importância para a história e em que tantas figuras de homens ilustres passaram à história pelos seus feitos, pelas suas idéias, nos terrenos, político, literário, religioso ou militar. E justamente essa pletera de vultos proeminentes impediram que se destacasse como merecia a figura singular de Villegagnon, homem dinâmico, tendo exercido as atividades mais diferentes e múltiplas, grande guerreiro, escritor militar e grande polemista no terreno das idéias religiosas. Encontramos na obra uma exposição da história geral que serve de moldura para a figura de Villegagnon.

Como não podia deixar de acontecer, aqui está um interessante e bem apresentado trabalho de história do Brasil, à qual está preso o nome do ilustre guerreiro.

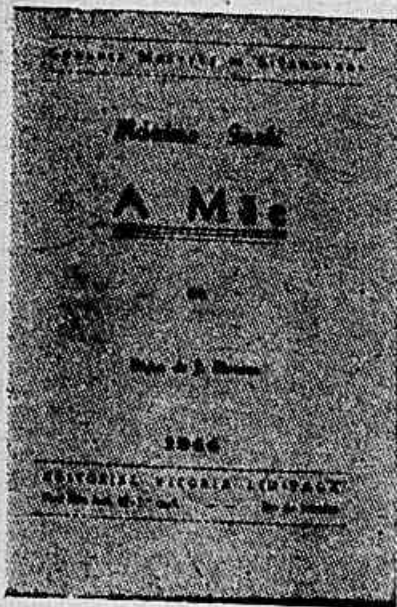
O livro dá a figura de Villegagnon o destaque merecido, apresentando-o não apenas como o conquistador audaz mas também como o homem que sabia agitar idéias, indicando o seu papel no terreno militar e literário.

Basilio de Magalhães faz uma apresentação do livro, que, tendo partido de um profundo e erudito conhecedor da nossa história, não podia deixar de corresponder aos trabalhos do escritor.

• • •

A Mãe. — Maximo Gorky. — Editorial Vitória Limitada. — Rio. — 1944.

Gorky situa-se na literatura russa, no período de transição do Tzarismo recém-extinto, para a Rússia nova. Escritor de talento, com uma ampla visão da vida e do mundo, soube conservar as tradições da rica literatura do seu país e adapta-las à nova orientação surgida.



Viajou muito, tendo estado na América e vivido muitos anos no ocidente da Europa. Isto forçosamente conteria para ampliar extraordinariamente os seus horizontes, tendo merecido de Romain Rolland, estas palavras que mostram como o grande escritor francês o considerava: "O que mais me surpreende na arte de Gorky é a magnífica clareza da sua visão, que o destaca entre os grandes escritores russos. Seu olhar é como um lago onde todos os fenômenos — coisas e homens — se refletem mais claros, mais brilhantes e mais expressivos que a própria realidade. Não podia haver conceito mais bem traduzido do grande escritor russo que este do seu colega francês não menos brilhante.

Apesar do seu contáto com o ocidente, o pensamento de Gorky é eminentemente russo ou, melhor, eslavo. Ha sofrimento, trabalhos, injustiças. E aquela paciência, aquela capacidade de sofrimento que nenhum povo tem como o eslavo, aparece em traços, magistrais.

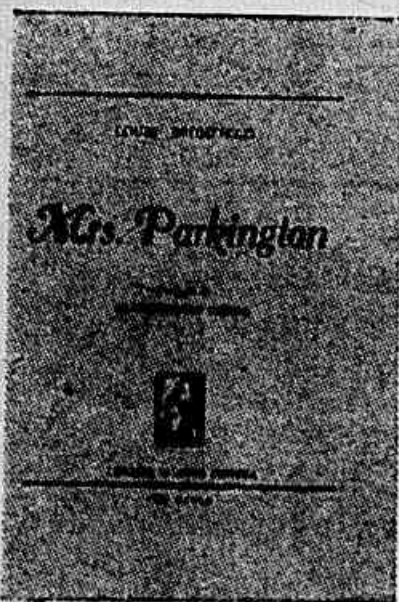
O livro é a história do amor e dedicação de uma mãe pelo seu filho revolucionário. Amor que supera tudo, que dá forças a uma pobre mulher levando-a a realizar tarefas muito além da sua capacidade.

A morte do filho, vítima da revolução, insufla nessa pobre mulher energia para continuar sua obra.

É a glorificação do amor materno capaz de todos os sacrifícios e de todos os milagres

• • •

Mrs. PARKINGTON. — Louis Bromfield. — Tradução de Otávio Mender Cajado. — Livraria Martins Editora. — São Paulo. — 1944.



Quem leu o original ou a tradução de *As Chuvas Chegaram* pode fazer uma idéia perfeita do estilo de Louis Bromfield. Acreditamos entretanto que aquele romance, se bem que de grande intensidade dramática, é superado pelo de que tratamos: *Mrs. Parkington*.

Mrs. Parkington é uma figura curiosa de anciã, rica, famosa, que presenciou o crescimento de duas gerações, que viveu no período de transição de duas épocas e, com a sua grande experiência contempla ceticamente o mundo.

Não com o olhar saudosista ou amargurado, pois apesar dos seus oitenta e quatro anos, gostava da vida, e tinha tanta ou mais vontade de viver do que qualquer um dos seus descendentes.

Bromfield, aproveitando a figura central do romance, dá-nos, em linhas magistrais, um quadro de duas épocas, num período da história da humanidade em que melhor se pode sentir a transição de um modo de vida.

E não escapam ao autor os traços predominantes das sociedades que descreve.

Nota-se, inequivocamente, que, usando os pensamentos da sua personagem Mrs. Parkington, Louis Bromfield critica severamente a atual geração, quando a confronta com a anterior.

Descrevendo um dos períodos mais interessantes da história americana, Bromfield dá-nos uma emocionante história de amor.

As figuras que se agitam naquela época tão colorida e forte, época de conquistas, de esforços, de grandes empreendimentos, mas em que a corrupção e a decadência são também traços dominantes, têm realidade, força e expressão.

REGISTRO

SAMPAIO PATRONO DA INFANTARIA. — Euzébio de Souza. — Edição da Biblioteca Militar. — Rio. — 1944.

Esboço biográfico. 1810-1866. — Vida e carreira do general Antônio de Sampaio.

• • •

AVANÇAI PARA O JAMARY (Uma tragédia na comissão Rondon) — General Lobato Filho. — Rio. — 1944.

Reconhecimento nas selvas do Alto Madeira, onde o autor pode colher dados curiosos sobre a região onde esteve em serviço na Seção do Norte da Comissão Rondon.

Antimagnético

PRECISÃO

DURABILIDADE

ELEGÂNCIA

NENHUM RELÓGIO
LHE DARÁ TANTA
SATISFAÇÃO COMO
O RELÓGIO CYMA.

DE
F A M A
MUNDIAL

CYMA

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Círculo
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletroterapia, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

V. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedi-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o seu fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

Quero bom trato!

TIMBORÓL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos de timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGURANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

IND. QUÍMICAS TONKIL, LTDA.
C. Postal 1405 — Rio de Janeiro



-Mesmo de olhos vendados reconheço é Sabonete LEVER!

HE: - Muito bem! É Sabonete Lever. Como descobriu?

HA: - Foi simples! Reconheci o Sabonete Lever pela sua deliciosa suavidade.

HE: - Porque Lever é feito assim?

HA: - Para que possa produzir espuma instantaneamente. Está vendo? Bastam cinco ligeiras fricções, para produzir logo rica e abundante espuma. Com a mesma rapidez com que surgiu, a espuma se estende sobre a pele, absorvendo e removendo as impurezas e os resíduos da "maquillage".

HE: - Cinco fricções apenas? Sensacional! Então gasta pouquíssimo!

HA: - De fato! Lever não precisa ser muito esfregado, para produzir espuma suficiente para o uso. Por isso é econômico e altamente durável. Essas qualidades podem ser constatadas, marcando-se o dia em que Lever entra em uso. Além disso, Lever é também recomendado por 9 entre 10 estrelas do cinema, àquelas que desejam uma cutis macia e juvenil.

LEVER - o sabonete das estrelas!

LINTAS LTS 70-0251 C

CABINE B-13

(Continuação da página 34)

— Que linda cabine, Ricky!
— Foi a melhor que eu pude encontrar, querido! Veja! A nossa bagagem já está ali?
— O que é aquilo, Ricky?
— Frutas e livros que eu comprei para você.
— Como você é bom para mim, Ricky! E eu que sou tão exquísita... Eu...

DOR de ESTOMAGO?

ÁZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPÉPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS

PRISÃO de VENTRE?

Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

— Tolice... Você é perfeitamente normal... Somente um pouco impressionável. E' só. Por isso mesmo, escolhi para você uns romances de amor, mas nada de livros policiais. Você não pode ler livros policiais, não é verdade?
— Eles... Eles me impressionam...
— Que é isso, meu amor?
— Mas é verdade, Ricky. Quando eu leio um livro sobre crimes... Lem-

bra-se daquele... daquele que eu nunca mais esqueci e que eu sempre me lembro como se tivesse acontecido comigo? Aquela história...

— Anne!

— Deixe! Deixe eu contar, mais uma vez! Mais uma vez para ver se ela ainda tem o mesmo efeito sobre os meus nervos...

— Anne!

Você tem vocação para detective ?

SOLUÇÃO DO CASO DO NUMERO ANTERIOR "A CRIANÇA SEQUESTRADA".

Frost fez duas observações ao examinar a nota que os sequestradores haviam deixado sobre a mesa (foto n. 2). Estava escrita em uma folha de papel de tamanho grande, como podemos certificar-nos comparando-a com as dimensões do livro de apontamentos que se vê ao lado. E o papel estendia-se sobre a mesa sem apresentar a menor dobra ou vestígio de ter sido amassado. Evelyn declarou que um dos homens tirara do bolso o papel para escrever, no mesmo, o bilhete do resgate. Evidentemente, mentiu. Uma folha de papel das dimensões daquela não podia ser levada no bolso sem apresentar qualquer vestígio de dobra. Tal como disse Frost, Evelyn incidiu em erro. E dos graves. Quando foi submetida às perguntas da autoridade policial, terminou confessando que havia sido ela a autora do bilhete e revelou o esconderijo de seu cúmplice e do menino sequestrado.

— E' uma história muito conhecida. Mas eu nunca a leri. Uma mulher chega com a filha em um hotel de Paris...

— Anne, pare, por favor!

— Não. Não, deixe-me contar...

A filha faz uma pequena viagem à Costa Azul. Quando volta, a mãe desapareceu e o quarto do hotel já não é o mesmo. O proprietário jura à polícia que a moça veio só e que não estava com ela a mãe... Ninguém acredita nos protestos da jovem... Finalmente descobriu-se que a mãe pegara peste bubônica e morreu. Todos queriam esconder o fato para que a cidade não fosse abandonada pelos seus habitantes...

— Anne, eu lhe peço...

— Eu sei... Eu sei... Mas isso não acontecerá comigo, não é verdade Ricky?

— Está claro que não.

— Mas pense, meu amor, a situação da moça... Todos negavam! Ela quase ficou louca de desespero!

— Anne!

— Pense, Ricky, pense! Olhos por todos os lados, olhos que perscrutam, olhos que contemplam friamente, como se a gente fosse uma animal. Ela ficou quase louca Ricky, quase louca! E pensava. Estarei, de fato, louca? Terei inventado uma vida que, na realidade, não existiu? E duvidava das próprias recordações! Meu Deus! Que angustia! Eu não posso ler histórias desse gênero!

— Anne, pela última vez, peço-lhe, esqueça tudo! Esqueça que você esteve muito nervosa, que quase perdeu o juízo! Entregue-se à felicidade! Não pense mais no passado!

— Mas se eu me lembro dos olhos, Ricky! Dos olhos grandes que espiam...

— Anne!

Nesse momento soou o gongo. Era o último sinal.

— E' o último sinal, Anne. Breve estaremos vogando...

— Que lindo!

— E' uma linda vista!

— Eu tinha tanta vontade de ver passar a estátua da liberdade...

— Por que não vai para o tombadilho? E' bom até. Assim eu aproveito a oportunidade para passar no escritório do comissário, lá em baixo...

— Está bem. Mas eu não queria ir sozinha...

— Escute, Anne, você não está com a idéia de que eu vou desaparecer, não é verdade?

— Não, não. Não é isso, Ricky...

— Então?

— São ideias tolas que me vêm à cabeça, Ricky. E eu não posso afastá-las. Faço um grande esforço, mas não posso!

— Escute, Anne! Eu estou aqui, bem sólido e garanto que ninguém me fará desaparecer. DESAFIO A TODO F QUALQUER CAPITÃO DE MÁS INTENÇÕES, A FAZER-ME DESAPARECER. ADEMAIS, NÃO HÁ DOENÇAS CONTAGIOSAS A BORDO!

— Ricky, não diga isso!

— Por que?

— Não sei... Esse desafio...

— Tolice. Até daqui a pouco minha querida...

RUGOL

O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

A colcha de retalhos

(Continuação da pag. 15)

Entrementes surgiu da cozinha uma velhota no cerne, bem apessoada, rija e tesa, que me saudou, e:

— Está espantado do geito da Nana? Esta gente de agora não presta... Olhe que eu com 70 no lombo não me troco por ela. Criei a minha neta, inda lavo, cozinho e coso. Admira-se? Coso sim!...

— Mecê é gabola porque nunca padeceu doença, — nem dór de dente!... Mas eu? Pobre de mim! Só admiro de inda estar fora da cova.

— Aí vem o Zé.

Chegava o Alvorada. Ao vê-me, abriu a cara.

— Ora viva quem se lembra dos pobres! Não pégo na sua mão porque estou assim! E' só melado. Bonito, hein? Estava difícil, num ôco muito alto e sem jeito, mas sempre tirei. Não é jiti não, é mel de páu.

Depois a cúia de favos num mocho e se foi à janela lavar as mãos sob a caneca d'água que a mulher despejava. E pondo os olhos no cavalo:

— Hoje veio no picaço... Bom bicho! Eu sempre digo animais aqui no redor são este picaço e a ruana do Izé de Lima. O mais é cavalaria de moenda.

Neste momento entrou a menina, de pote à cabeça. O pai apontou a cúia de mel.

— Está aí, filha, o doce da aposta. Perdi, paguei! Negócio é negócio. Que aposta? Ah! ah! Brincadeira. A gente cá na roça quando não tem serviço com qualquer coisa se diverte. Vinha passando um bando de maritacas. Eu disse atôa: são mais de dez. Pingo negou não chega lá. Apostámos. Eram nove. Ela ganhou o doce. Doce da roça mel é. Esta songuinha só vendo, não é o que parece, não!

A loquela do Alvorada não desmedrara com o atrazo da vida. Em se lhe dando corda, tagarelava como gente da cidade.

Expôs-lhe o meu negócio. O homem refranziu a testa e reflexionou um bocadinho, de queixo preso. Depois:

— Eu hoje, franqueza, não valho mais nada. Dê-lhe que cá naquela peste de mundo da ponte preta, fiquei assim como quebrado por dentro. Não escoro serviço, e para lidar com camaradas no eito não basta ter

bôca. Sem puxar a enxada de par com eles, a coisa não vai. Lembra-se da empreitada do ano retrazado? Pois saí perdendo. O tranca do Mina me quebrou um machado e furtou uma foice. Com esses prejuízos não livre o jornal. Desde então fiz cruz em serviço alheio. Se inda teimo neste sapeseiro é por via da menina; se não largava tudo e ia viver no mato como bicho. E o Pingo que inda me dá um pouco de coragem...

A velhinha sentara-se à luz da janela, e abrindo uma caixeta pusera-se a coser, de ôco na ponta do nariz.

Aproximei-me, admirativo:

— Sim, senhora! Com setenta anos!

Sorriu-se, lisongead.

— E' para vêr. E isto aqui tem coisa! E' uma colcha de retalhos que venho cosendo há quatorze anos, desde que Pingo nasceu. Dos vestidinhos dela vou guardando nesta caixa cada isca que sobeja e um dia as coso. Veja que galantaria de serviço.

E estendeu-me ante os olhos um pano variegado, de quadradinhos maiores e menores, todos de chita, cada qual de um padrão.

(CONTINUA NA PÁGINA 53)

— Até daqui a pouco, meu amor...
A porta bateu.
— Adeus, meu amor! Meu Deus!
Já estou a imaginar coisas novamente!

+

O médico de bordo aproximou-se de Anne.
— Sente-se mal, minha senhora?
— Não, cavalheiro. Por que?
— Vi-a tão palida e, como sou o médico de bordo, tomei a liberdade de...
— Não tenho nada.
— Desculpe.
— Não há motivos para desculpas. Sente-se, doutor.
— Obrigado.
— Já estamos em alto mar?
— Ainda não, minha senhora. Mal passámos a estátua da Liberdade...
— E' verdade... Estou ainda muito inexperiente...
— E' sua primeira viagem?
— Sim. Por que?
— Mau tempo para viajar, Madame. Outubro é o mês das grandes tempestades no Atlantico Norte!
— O senhor me assustal
— O navio é seguro. Mas o enjôo é muito frequente.
— Se eu sentir qualquer coisa, chamarei o senhor.
— Atendê-la-ei com muito prazer.
— Muito obrigada.
Houve uma pausa.
— Gosta do navio? perguntou, por fim, o médico.
— Muito. E' lindo. E tenho, também, uma ótima cabine!
— Deveras?
— Sim. Muito espaçosa, confortável.
— Muito me alegro. E' em cima?
— Não, embaixo. B 13.
— Perdão, minha senhora, creio que não ouvi bem...
— B 13!
— B 13? Mas isso é impossível, minha senhora. Tem a certeza de que...?
— Está claro! Pois se havia o numero na porta. Muito claro até. B 13. Por que está me olhando assim? Que houve? Que sucedeu? Diga, Dr. Pelo amor de Deus não me deixe mais nessa angustia! Aconteceu alguma coisa?

— Minha senhora, deve haver um engano. A CABINE B 13 NÃO EXISTE!

II

ALUCINAÇÃO

— Não estou brincando, minha senhora, a cabine B 13 não existe! Há muita gente supersticiosa e grande quantidade de navios, como este, omitem o numero treze. Passam do doze para o quatorze. Deve haver um equívoco da sua parte...
— Que quer insinuar? Quer, então, dizer que eu vi alguma coisa que não existia? Pois se eu ESTIVE na cabine B 13!
— Mas, madame...
— Venha comigo. Provarei que existe a cabine B 14! Não quer vir comigo?
— Com muito prazer, mas...
— Venha!
Não havia cabine numero treze. Anne, como uma louca, percorreu todo o navio, à procura da cabine que não encontrava.
— Camareiro! Camareiro!
— Pronto, Madame!
— Onde está a cabine numero treze?
— Numero treze, madame?
— Sim. Já percorri todo o corredor à sua procura, mas desapareceu!
— Mas a cabine numero treze...
— Sim, digal
O médico interveio.
— Será preciso tornar a repetir, Madame, que a senhora imaginou essa cabine?
O camareiro falou
— Não existe, não, Madame! Há oito anos que eu trabalho nesse navio. Conheço-o bem. Não há nenhuma cabine com esse numero!
— Mas, se a vi! Era uma grande cabine! Uma linda cabine espaçosa com um banheiro pegado! As paredes eram pintadas de branco, a mobília era de jacarandá... Havia cortinas de setim azul. As cadeiras eram estofadas de setim azul...
— Essa descrição não ajuda muito, madame.
— Como assim?

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE? por Augusto Rodrigues

— QUE VENHA UM GOSTOSO!



Não! Se você quer sorvete de pausinho, está certo. Mas, se quer dentífrico, então exija mais — exija gosto real — exija o poder de proteger os dentes. Exija Lever SR!

— QUE VENHA UM BARATINHO!



Não! Andaria vendido para não gastar a vista? Não! Pois poderia cair num abismo. Suas gengivas também requerem olho bem aberto. Elas são a vida dos seus dentes. Proteja-as, pois, economicamente, usando Lever SR!

— QUE VENHA UM QUALQUER!



Não! Seria comprar ovo antes da postura. Saiba o que vai receber! Exija para si a garantia de um sorriso lindo e sadio. E, para tanto, peça Lever SR!



SOUBE ESCOLHER CERTO!

É o dentífrico que você exigia — econômico, gostoso e refrescante. Mas Lever SR tem mais — tem Sódio Ricinoleato, o poderoso elemento que, assegurando a saúde das gengivas, protege a vida dos seus dentes. Por isso, Lever SR mantém dentes brancos... mantém... os dentes!

LINTAS SR 111-0100

O médico respondeu.
— Quase todas as cabines desse navio, de primeira classe, são como a senhora descreveu!
— Mas...
— Um momento, Madame! A cabine estava reservada para a senhora e seu marido?
— Claro.
— Que nome?
— Brewster!
— Brewster?
— Sim. Sr. e Sra. Richard Brewster.
O camareiro consultou a lista de passageiros.

— Não há nenhum Brewster na minha lista, Madame.
— Mas eu estive na cabine. A bagagem já estava lá! Será que ela também desapareceu?
— Mas, Madame, eu já visitei todas as cabines e não havia nenhuma com uma bagagem marcada Brewster!
Anne não queria acreditar no que ouvia. Seria possível que ela estivesse, realmente, alucinada? Seria possível que ela houvesse imaginado tudo aquilo? Mas não. A imagem de Ricky ainda estava muito próxima, ainda sentia nos seus lábios a pressão dos lábios dele. Ele estivera ali com ela. Não imaginara um marido inexistente. Não.
— Creio que posso explicar isso...
O médico deu um suspiro.
— E' favor, minha senhora.
— O fato da bagagem estar no nome de Thornley e não no de Brewster explica-se facilmente. Imagine o senhor

que casei-me hoje, e, na pressa de partir, nem tive tempo de mudar a etiqueta. Aliás eu e meu marido viajamos com os nossos passaportes de solteiros...
— A senhora disse Thornley?
— Sim?
— Há duas valises e uma pequena mala na cabine B 16 com esse nome!
— Onde é essa cabine?
— Aqui mesmo.

(Continua na pag. 57)

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

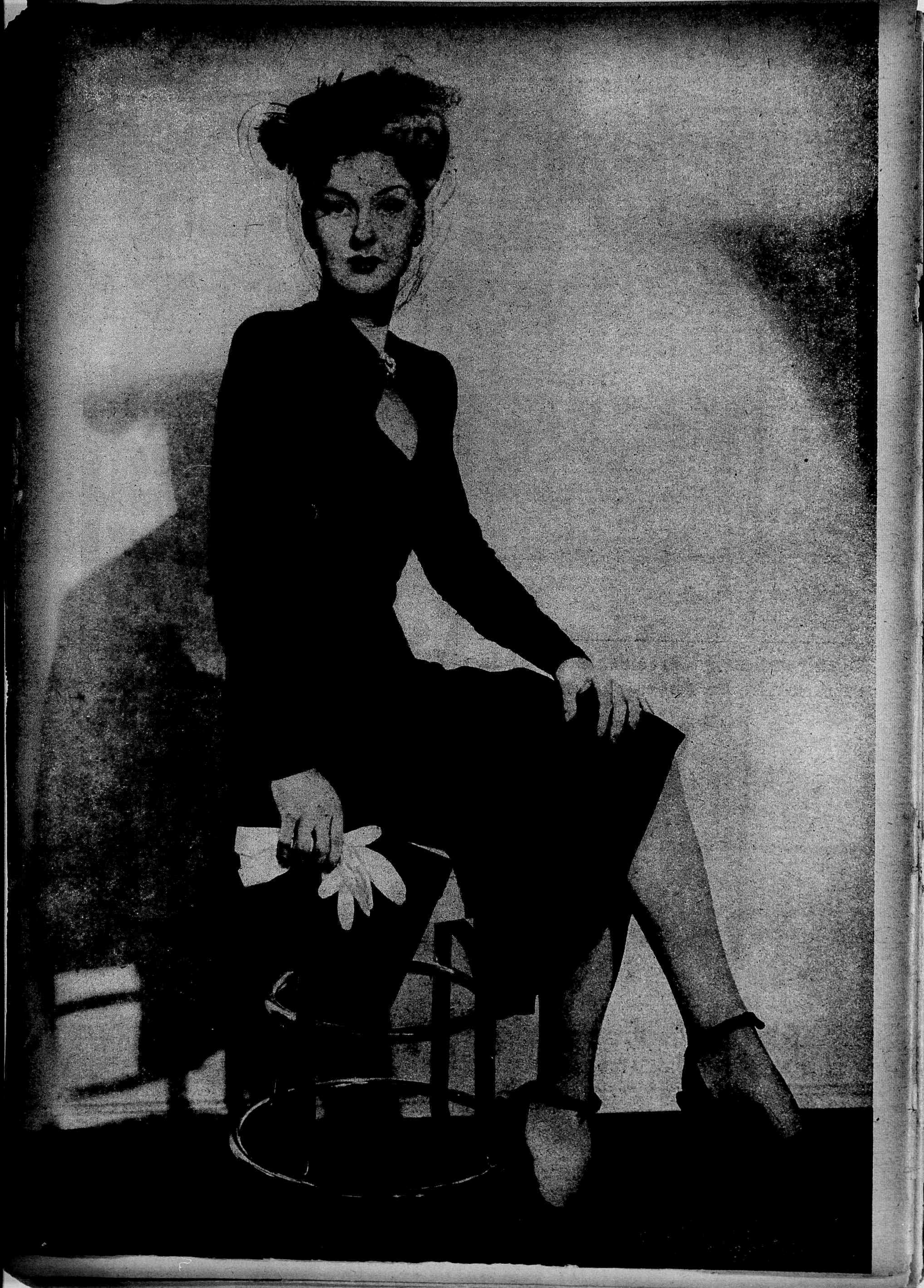
A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia. Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.
Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.
O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".
Experimente-o.

O aniversário do Presidente da SABE

NOME DE EXPRESSÃO NOS CIRCULOS BENEFICENTES



Viu passar, a 21 de Julho corrente, o seu natalício o sr. Othon de Carvalho Menezes, cujo apreciável trabalho em prol da assistência social se admira no prestígio da "Sociedade Auxílios e Beneficências Estrela (SABE)", instituição de que atualmente é presidente em exercício. Inclinado naturalmente para as funções que desempenha, alimentou sempre o desejo de entregar-se ao estudo de assuntos condizentes com o amparo popular.
Atravessando os mais diversos postos na sociedade que administra, sempre deles se desincumbiu da maneira mais satisfatória, valendo-lhe isso a simpatia dos seus muitos amigos e admiradores. Identificando-se com o mecanismo da ex-Caixa Geral Funerária, introduziu processos modernos de trabalho e, pelo seu trato cavalheiresco e cativante, atraiu para o seio da mesma elementos de valor, que hoje colaboram na alta administração da sociedade. De sorte que a irradiação e o justo conceito de que goza a SABE entre os seus associados, que já se elevam a mais de 100.000, são, pois, devidos ao dinamismo produtivo e construtor do ilustre aniversariante, cujo nome é também lembrado e aplaudido nas várias cidades fluminenses, onde a Sociedade mantém filiais. Prende-se ainda a figura do homenageado a um movimento gratíssimo aos socios e amigos da SABE, qual seja o da troca da antiga e inadequada denominação pela atual, não apenas mais harmoniosa, como também mais consentânea com a sua verdadeira finalidade.
As homenagens que recebeu, por ocasião do seu natalício, atestam o quanto é benquisto entre os seus amigos, que são todo o grande numero de associados da SABE.





COMO novidade, que aliás já foi novidade também há anos atrás, Hollywood introduz a moda da franja. Para vestidos pretos de recepção, a franja pesada de seda é um lindo adorno; porém a franja apresentada como adorno nesta blusa de Betty Jane Hess é mais parecida com as que se fazem de *macramé*.

Existem, nos últimos modelos para toilette de noite, duas tendências de extremos: ou muito simples, sóbrio, distinguido, ou alegre e um pouco à "swing", para estar em harmonia com o gosto geral.

Os costureiros, hoje, também são obrigados a seguir a onda que a sacudidela tremenda da guerra atirou à praia da civilização: precisam "vulgarizar", para vender. Dentro, porém, dessa contingência, eles vão criando o modelo mais "rafinado", para as elites. É isso que hoje apresentamos às nossas leitoras nestes quatro modelos, que são uma síntese de originalidade, bom gosto e "chic", apresentados pelas "Cover Girls" da Columbia.

NA FÁBINA À ESQUERDA, ANN SAVAGE NUM BONITO CONJUNTO NEGRO COM TOQUES BRANCOS, LUVAS BRANCAS. CHAIÉ POSTO AO ALTO DA CABEÇA COM ENFEITES DE TULE E PENAS CORTADAS. VEJ DE TULE PASSANDO SOB O QUEIXO SEM COBRIR O ROSTO. — NESTA FÁBINA: AO ALTO, À ESQUERDA, BETTY JANE HESS MOSTRA-LOS UMA BLUSA ORIGINAL DE FRAIJAS. MODELO ousado e realmente interessante. A DIREITA, JUDY CLARK APRESENTA UM SUGESTIVO COSTUME DE QUADRICULADOS COM GOLA GROS-GRAIN BRANCO, DESCENDO EM TODA A FRENTE, COM UM VIEZ INTERNO; EM BAIXO, À DIREITA, LESLIE BROOKS EM UM IMPECAVEL COSTUME DE SEDA NEGRA COM GOLA DE SETIM; O CASACO É CURTO SEGUNDO ESTILO FRAJE, COM CERTO AP DE AMAZONA ACENTUADO PELO CHAIÉ E O O AO CUAL O VIEZ SOB O QUEIXO DÁ ENCANTO E FEMINILIDADE. POR DENTRO, BLUSA BRANCA COM GRAVATA BOREOLETA E LUVAS BRANCAS (FOTOS DA COLUMBIA).



Modas avulsas

A virtude parece mais bela num rosto bonito!

Demonstre pelo zelo e capricho de uma pele, todo o valor do tesouro de su'alma! A senhora que conserva a pele formosa e macia, isenta de espinhas, cravos e panos, por certo dirá com orgulho, às suas amigas:

Eu só uso:

LEITE DE AMENDOAS DE MENDEL

Distribuidor exclusivo: LEONCITO AMBRAN — Av. Rio Branco, 109
4.º andar — Telefone: 23-3947 — RIO

São Paulo: SANTOS NEVES CO. — Telefone: 2-1046 — Libero Badaró, 443-5.



Casaquinhos curtos, que podem ser executados em lã ou seda; com enfeites que variam desde as pinças feitas do direito às pregas, nervuras, e peles de preferencia de pelo curto; as fivelas também estão sendo empregadas como adorno.

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

BIO-HEPAX

PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

A colcha de retalhos

(Continuação da página 48)

— Esta colcha é o meu presente de noivado. O último retalho ha de ser do vestido de casamento, não é Pingo? Pingo d'Água não respondeu. Metida na cozinha, percebi-a a espiar-me pela fresta da porta.

Mais dois dedos de prosa, um cafésinho ralo — escolha com rapadura — e,

— Bom, rematei levantando-me do chão de três pernas, como não pode ser, paciência. Apesar disso acho que deve pensar um bocado. Olhe que este ano se estão pagando os roçados a oitenta mil réis. Dá para ganhar, não?

— Que dá eu sei que dá mas também sei para quem dá. Um perrengue como eu não pensa mais nisso, não. Quando era gente, muitos paguei a sessenta, e não me arrependi.

Mas hoje...

— Nesse caso...

Transcorreram dois anos sem que eu tornasse aos Periquitos. Nesse intervalo, Dona Ana faleceu. Era fatal a dor que respondia na cacunda. E me não mais aflorava á tona da memória a imagem daqueles urupês, quando chegou aos meus ouvidos o zum-zum corrente no bairro, uma coisa apenas crível; o filho de um sitiante vizinho, rapaz de todo pancada, furtara a Pingo d'Água aos Periquitos.

— Como isso? Uma menina tão acanhada!...

— E' para vê! Desconfiem das sonsas... Fugiu, e lá rodou com ele para a cidade — não para casar, nem para enterrar. Foi ser "môça", a pombinha.

O incidente ficou a azoinar-me o bestunto. A' noite perdi o sono revivendo cenas da ultima visita ao sítio, e disso brotou a idéia de lá tornar. Para? Confesso, méra curiosidade, para ouvir os comentários da triste velhinha. Que golpe! Desta feita ia-se-lhe a rijeza de cerne.

Fui.

Setembro entumecia gomos tenros em cada arbusto. Nenhuma neblina. A paisagem desenhava-se nítida até aos cabecos dos mórros e às distantes serras azues.

Por amor á simetria, montava eu o mesmo picarso. Transpus a mesma porteira. Atalhei pelo mesmo trilho.

No córrego vi, com os olhos da imaginação, o vulto da menina envergonhada, com o pote descansado na laje, e toda ás voltas com a rodilha. Mais uns passos e a tapéra antolhou-se-me deserta.

As três árvores do pomar extinto eram já galhaça resseca e poenta. Só os mamoeiros subsistiam, mais crescidos, sempre apinhados de frutos. O resto piorára, descambando para o lugubre.

Ruira o oitão e o terreirinho pintalgara-se de mótas de guaxuma, cordão de frade e joás:

— O' de casa!



Em São Paulo...

e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr Ramos de Azevedo, 131



Segredo de uma nova beleza em 14 dias para todas as mulheres!

Novo método *Massagem Fricção Palmolive*, cientificamente provado por 36 especialistas em 1285 mulheres de todas as idades.

O Novo Método *Massagem Fricção Palmolive* — descoberta feita nos Estados Unidos — constitui um tratamento completo de beleza que é o verdadeiro segredo do retardamento das rugas e de uma nova beleza em 14 dias apenas!

36 médicos especialistas em beleza da pele provaram cientificamente que o Novo Método *Massagem Fricção Palmolive*, em 1.285 mulheres de todas as idades e de todos os tipos de pele. Também no Brasil, 85% das mulheres que experimentaram esse novo método, obtiveram resultados verdadeiramente surpreendentes. O Novo Método é aplicado com a rica, cremosa e vitalizante espuma de Palmolive. O sabonete Palmolive é feito com os balsâmicos azeites de oliva e palma, que são os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis e retardar as rugas. Palmolive tem uma espuma espessa, cremosa e diferente, que penetra profundamente nos poros, limpando-os de todas as impurezas e fazendo-os respirar livremente.



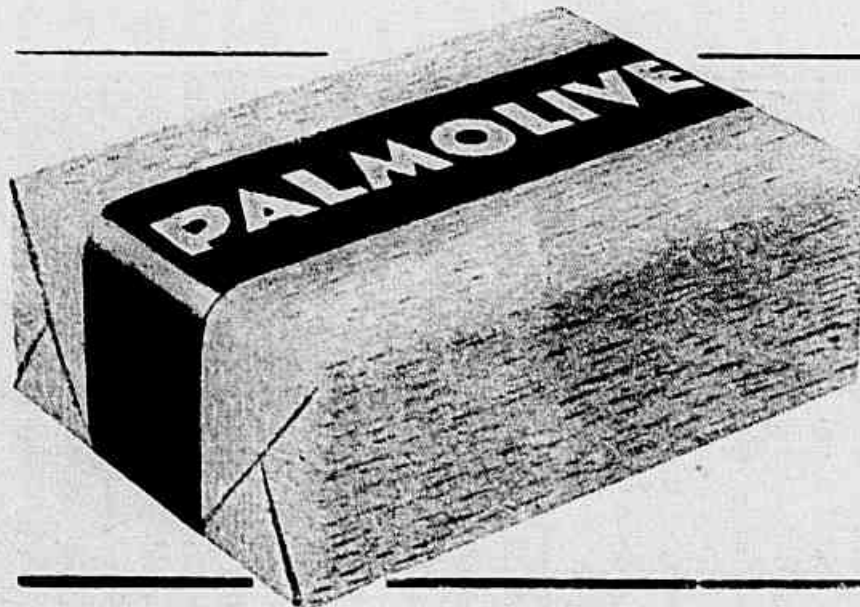
1.º - É lavar e ensaboar muito bem o rosto com sabonete Palmolive para que os poros fiquem livres das impurezas e recebam melhor a *Massagem Fricção*.

2.º - É lavar novamente o rosto para retirar a espuma e, em seguida secar, sem esfregar.

- Essa operação deve ser feita de manhã, ao levantar, à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia! Durante 14 dias seguidos!



3.º - É embeber uma pequena toalha comum na espuma cremosa e espessa de Palmolive e fazer, suavemente, a *massagem* em todo o rosto, durante 1 minuto — exatamente 60 segundos.



EIS OS RESULTADOS QUE SE OBTÉM COM A MASSAGEM FRICÇÃO PALMOLIVE

Com o Novo Método *Massagem Fricção Palmolive*, aplicado durante 14 dias seguidos, de manhã, ao levantar e à noite, ao deitar, ou mesmo 3 vezes ao dia, você conseguirá:

- Pele mais clara • Cutis aveludada • Menos manchada • Menos seca • Menos oleosa • Maciez e suavidade • Pele sadia.

Comece este novo e positivo sistema de usar Palmolive, ainda hoje. Em 14 dias você terá uma nova juventude, uma pele mais fresca, clara e encantadora.

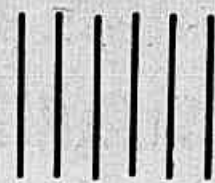
PRECISO COMPRAR
JÁ UM TUBO
DE
MENTHOLATUM



MENTHOLATUM
É USADO DIARIAMENTE POR
MULTIDÕES CONTRA
RESFRIADOS

UM REMEDIO CASEIRO DE
VALOR INCALCULAVEL

1844-1944

S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. OF BRAZIL**UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA**USAR A PASTA DENTIFRICIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRICIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES**PASTA DENTIFRICIA S. S. WHITE**

Silêncio. Três vezes repeti o apêlo. Por fim, surgiu dos fundos uma sombra acurvada e trêmula. Era a velhinha.

— Bom dia, nha Joaquina. Está o seu Zé?

Não me reconheceu. O Zé fôra á vila vender aqui para mudar de terra. Fêz-me entrar, logo que me dei a conhecer, pedindo escusas da sua visita.

Entrei para a salêta vasia.

— Tem coragem de estar aqui sósinha?

— Eu? Sósinha estou em toda a parte... Morreu-me tudo, a filha, a neta... Sente-se, disse, apontando para o mocho de dois anos atrás.

Sentei-me, com um nó na garganta. Não sabia que dizer. Por fim:

— O que é a vida Nha Joaquina! Parece que foi ontem que estive aqui. Apesar das doenças, iam vivendo felizes. Hoje...

— A velhinha limpou no canhão da manga uma lagrima.

— Viver 72 anos para acabar assim... Felizmente, a morte não tarda. Já a sinto cá dentro.

Confrangia-se-me o coração naquele êrmo onde tudo era passado, a terra, as laranjeiras, a casa, as vidas, salvo trêmulo espectro sobrevivente como a alma da tapêra, a triste velhinha encanecida cujos olhos poucas lagrimas estilavam, tantas chorára.

— Que mais agora? murmurou pausadamente em voz de quem já não é deste mundo. Até á desgraça eu não queria morrer. Velha e inutil inda gostava da vida. Morreu-me a filha, mas restava a neta que é duas vezes filha e era o meu consôlo. Desencaminharam a pobresinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me tire logo e logo.

Relanceei o olhar pela sala vazia. A caixêta de costura ainda estava sôbre a arca, no logar de sempre. Meus olhos pousaram nela, marasmados.

A velhinha adivinhou-me o pensamento, e, erguendo-se, pegou da caixa com mãos trêmulas. Abriu-a. Tirou de dentro a cólcha inacabada, contemplou-a longamente. Depois, com tremuras na voz, disse:

— Dezesseis anos! E não pude acabar a cólcha. Ninguém imagina o que é para mim este pano. Cada retalho tem sua história e me lembra um vestidinho da Pingo d'Água. Aqui leio a vidinha dela dês'que nasceu. Este, olhe, foi da primeira camisêta que vestiu...

Tão galantina! Estou a vê-la no meu braço, tentando pegar os óculos com a mãosinha gorda...

Este azul, de listras, lembra um vestido que lhe deu a madrinha aos três anos. Ela já andava pela casa inteira, armando renações, perseguindo o Romão, que um dia, por sinal, lhe meteu as unhas. Chamava-me *óó aquina*. Este vermelho, de rosinhas, foi quando com-

pletou os cinco anos. Estava com ele por ocasião do tombo na pedra do córrego d'onde lhe veio aquela marquinha no queixo, não reparou?

Este cá de xadrezinho foi pelos sete anos; eu mesma o fiz, e o fiz de sainha comprida e paletó de quartinho. Ficou tão engraçada feita uma mulhersinha!

Pingo d'Água já sabia temperar um virado quando usou este, de argolinhas rôxas em fundo branco. Digo isto porque foi com ele que entornou uma panela, queimando as mãos.

Este rôxo, usou-o quando tinha dez anos e cafu com sarampo, muito malzinha. Os dias e noites que passei ao pé d'ela, a contar histórias! Como gostava da Gata Borralheira!...

A velha enxugou na cólcha uma lágrima, e calou-se.

— E este? perguntei, apontando um retalho amarelado, para avivá-la.

Pausou um bocado a triste avó, em contemplação. Depois:

— Este é novo. Já tinha 15 anos quando o vesti pela primeira vez num mutirão do Labrego. Não gosto dele. Parece-me que a desgraça começa aqui. Ficou um vestido muito assentadinho no corpo e galante, mas, pelas minhas contas, foi o culpado do Labreguinho engraçar-se da coitada. Hoje sei disso. Naquele tempo nada suspeitava...

— Este, disse-lhe eu, finjindo recordar-me, é o que ela vestia quando cá estive.

— E' engano seu. Era, quer vêr qual? era este de pintas vermelhas, repare bem.

— E' verdade, é verdade, menti, agora me lembro, era isso mesmo. E este derradeiro?

Após uma pausa dorida, a pobre criatura sacudiu a cabeça, e balbuciou:

— Este é o da desgraça. Foi o ultimo que lhe fiz. Com ele fugiu... e me matou.

Calou-se, a lacrimar, trêmula.

Calei-me também, oprimido dum infinito apertão d'alma.

Que quadro imensamente triste aquele fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E ficámos, ambos, assim imóveis, de olhos pregados na cólcha. Ela, por fim, quebrou o silêncio.

— Era o meu presente de noivado. Deus não quis. Será agora a minha mortalha. Já pedi que me enterrassem com ela.

E guardou-a dobradinha na caixa, envôlta num suspiro.

Um mês depois, morria. Soube que lhe não cumpriram a ultima vontade.

Que importa ao mundo a vontade ultima duma pobre velhinha da roça?

Pieguices...

(URUPÊS)

Narciso Azul
de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais doces recordações

Uma situação agradável, ameis sera esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO PEQUENO Nº 1504 GRANDE Nº 1517
LOCÃO Nº 1578 Nº 1576
COLONIA 1 Lit. Nº 1531 1/2 Lit. Nº 1532 1/4 Lit. Nº 1533 1/8 Lit. Nº 1534
BRILHANTINA Nº 1513
Nº 1535-P Nº 1534-P

A VENDA EM TODO O BRASIL

**Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe**

PROCURAR A

LIVRARIA REGINA

CABINE B-13

((Conclusão da página 49))

— Mas e a bagagem de meu marido?

— Não ha mais nada na cabine, Madame.

— Meu Deus! Onde está Ricky? O que fizeram a Ricky?! Ricky! Onde está?

— Por favor, Madame, não grite. Há um meio muito facil de resolver esse caso.

— Qual?

— Está vendo aquele rapaz que vem descendo o corredor?

— Sim!

— Reconhece-o?

— Está claro. E' o segundo oficial.

— Muito bem.

— Que há?

— Vou fazer-lhe uma pergunta. Faça o favor, Sr. Marshall...

— Que há, Dr.?

— Desejava saber se o senhor esteve observando a entrada dos passageiros, como é seu costume?

— Sim.

— Reconhece esta senhora?

— Como não? Foi a ultima passageira a subir.

— Vinha só?

— Sim.

— Tem a certeza de que um, outro passageiro não a acompanhava? Um homem?

— Sim. A senhora foi a ultima passageira a chegar. Quando chegou, já todos os passageiros estavam a bordo e nos preparávamos para partir.

— Está vendo, Madame?

— Porque mentem? Por que mentem todos?

— Mas, madame, eu lhe asseguro que ninguém está mentindo, que todos estão falando a verdade...

— Mentira!

— Pelo amor de Deus, Madame, não faça escandalo!

— Não fazer escandalo? Não fazer escandalo? Já conheço esse truque. Os senhores pensam que é novo, mas é velho. Eu já li. Já li numa novela policial. O truque de Paris. Mas os senhores não conseguirão enlouquecer-me! Isso, não!

— Minha senhora, por favor!

— Onde está meu marido? Ele está muito doente! Deixem-me vê-lo e prometo calar-me.

— Mas, madame!

— Meu Deus do céu! Ninguém me acredita! Ninguém me acredita!



Naquela mesma noite, o navio sin-grava os mares revoltos. Muitos passageiros haviam se recolhido aos seus leitos com enjôo. O mar estava enfurecido. Lá fora, uivava o vento da tempestade e ondas gigantescas quebravam-se de encontro ao casco do navio, como se quisessem destruí-lo ou virá-lo, quebravam-se de encontro ao seu casco e banhavam o tombadilho deserto.

Na cabine do capitão um grupo estava reunido.

— Tenha a bondade de sentar-se, Miss Thornton.

O capitão parecia muito afável.

— Não me chamo Thornton. Esse foi o meu nome, em solteira. Meu verdadeiro nome é Brewster.

— Madame, peço-lhe uma coisa. Não tente contar-me histórias incríveis. O meu primeiro oficial está de cama com uma gripe terrível, o vento empurra o navio de um lado para o outro como uma casca de noz, os passageiros enjôam e reclamam e a senhora me vem contar que tem um marido que não existe!

— Mas...

— Um momento! A senhora confessa que falou com todos os passageiros do navio e não viu o seu marido?

— Sim...

— Sabe que um grupo de oficiais revistou o navio todo e que não há clandestinos?

— Sim.

— Nesse caso, onde está seu marido?

— O segundo oficial deve tê-lo visto!

— Mas ele diz que não o viu!

— Está claro que não o viu. Não precisa olhar-me com esse olhar de ódio, minha senhora. Eu não vou dizer que vi uma pessoa que, de fato, não vi. Ademais, a senhora é a única pessoa, nesse navio, a conhecer esse homem que eu sustento que não existe!

— Madame, onde estão seus parentes?

— Mortos. Não tenho parentes.

— Seus amigos?

— Não tenho amigos.
— Seus vizinhos?
— Não tenho vizinhos. Morava sozinha numa fazendola, no interior!
— Onde se casou?
— Não sei!
— Como?!

— Foi tudo tão rápido! Foi num desses lugares em que a gente se casa imediatamente, mediante uma licença especial...

— Meu Deus! Assim não pode ser!

— O senhor está perturbado? E eu? E eu? Não acha que já basta de torturar-me?

— Mas ninguém a está torturando!

— E meu marido! Dêem-me meu marido! Dêem-me meu marido!

O capitão enxugou o suor que lhe molhava a testa. O segundo oficial desistiu de tentar convencê-la. O médico sentou-se, fatigado.

Anne saiu, impetuosamente, da cabine.

— Siga-a, Marshall, disse o capitão. Assim como ela está, é capaz de fazer uma loucura!

— Era só o que faltava!

III

SOLUÇÃO

Anne acordara durante a noite com o ruído de um papel amarfanhado rolando junto à porta. Que seria? Um bilhete.

"Anne:

Estou preso. Conspiração contra mim. Venha meia noite tombadilho, perto ultimo bote salva vidas pôpa. Ricky."

Vestindo-se depressa, Anne correu para o tombadilho, pois já passava da hora. Ricky a esperava. Daí em diante os acontecimentos se precipitaram. Mal sentira ela os braços fortes do marido em torno da cintura, ouviu uma exclamação e Ricky fugiu. Gritos. Correria. Um barulho de mergulho. Ela correu para a amurada. O segundo oficial estava debruçado lá. Vendo-a, disse com ar grave: Foi melhor assim. Venha comigo.

Ela seguiu-o, sem compreender.

Dentro d'água havia o bônê de um membro da tripulação. Contando-se os galões ver-se-ia que pertencera a um primeiro oficial!

— E' claro que Marshall, o segundo oficial, viu-o entrar atrás da senhora. Mas lembre-se: ele não era passageiro. E procurávamos um passageiro! Era o primeiro oficial! O seu nome não era Richard Brewster, porém Richard Blaney, primeiro oficial do Maurevania. Conseguiu que a senhora se casasse com ele; está claro que tinha que ser depressa. Pois se o navio partia! E era preciso fazer com que a senhora passasse por louca para poder matá-la e fazer a morte passar por suicídio, ficando com as economias que a senhora lhe confiara. Arranjou um numero 13 e colocou na cabine 16, depois, retirou-o e desapareceu. Ninguém acreditaria na senhora como, de fato, ninguém acreditou. Ainda acresce que o casamento, provavelmente simulado, nem poderia ser descrito pela senhora, que estava confusa e perturbada. Aproveitou-se ainda, do seu estado de nervos, em virtude de um colapso nervoso recente. Agiu com diabólica esperteza. Só faltava o ultimo ato. Jogá-la ao mar, e fazer crêr que a senhora se suicidara, o que não seria incrível, em vista do facto da senhora ter demonstrado grande perturbação. Porém Marshall chegou a tempo e foi Blaney quem teve que se atirar ao mar para não ser preso! Felizmente!

Anne agradeceu. Só então, ao mover-se notou que estava sendo amparada por Marshall. Virou-se para ele. Sorriu:

— Obrigada e... desculpe...

— Sou eu quem peço desculpas...

— Mas...

Nesse momento o médico tossiu, discretamente.

— Escute, Marshall, você tem tempo para isso, mais tarde. Agora Miss Thornton precisa repousar...

"Isso" ficou, portanto, adiado. Porém o médico bem notou que a moça, a caminho da cabine B 16, não largara a mão forte do jovem segundo oficial...



FLÔR DE MAÇÃ, esta maravilhosa síntese de perfumes, criação exclusiva de Helena Rubinstein, acaba de se enriquecer de um novo produto, destinado aos cabelos—LOÇÃO FLÔR DE MAÇÃ.

A deliciosa LOÇÃO FLÔR DE MAÇÃ, fragrância suave que cativa e atrai, dará aos seus cabelos um brilho encantador, tornando-os sedosos e macios. Envoltos numa aura de FLÔR DE MAÇÃ, a senhora será ainda mais feminina e mais adorável.

Loção Flôr de Maçã 65,00 e 110,00

Água de Colônia Flôr de Maçã 50,00 e 85,00

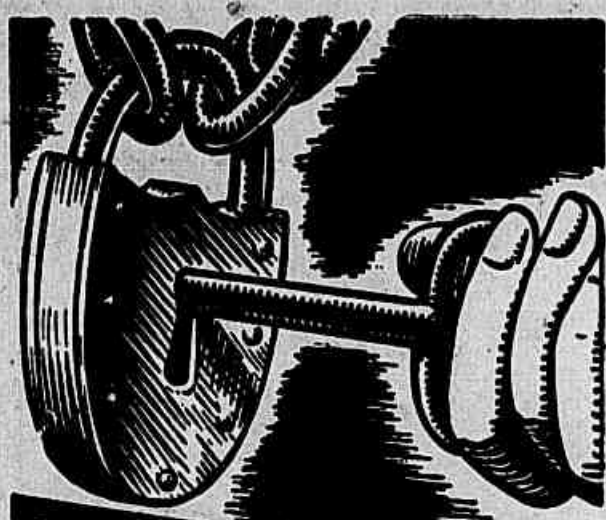
Talco Flôr de Maçã 45,00

Pó de Arroz Flôr de Maçã 25,00

Nos salões Helena Rubinstein, o tratamento "HORA DE BELEZA" completará sua sedução, dando à sua cutis a frescura e o esplendor da juventude. Todas as possibilidades latentes de sua beleza serão despertadas, sua personalidade aparecerá sob um encanto até agora não conhecido

Helena Rubinstein

SALÃO NO RIO: ED. BRASÍLIA
AV. R. BRANCO, 311 - TEL. 42-1442



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

**O maior amigo da
DENTADURA POSTIÇA**

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. FIXO-DENT, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXO-DENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

Cahe-lhe o cabelo?
Está perdendo
o brilho?

Está
embranquecendo?
Uze o

TONICO ORIENTAL

Elle fortifica a raiz
do cabelo, faz
cessar a queda e
restitue-lhe o
brilho e a beleza.

Extingue a caspa.

LSK

**OLEO FIGADO
BACALHAU
"ESTRELLA"**



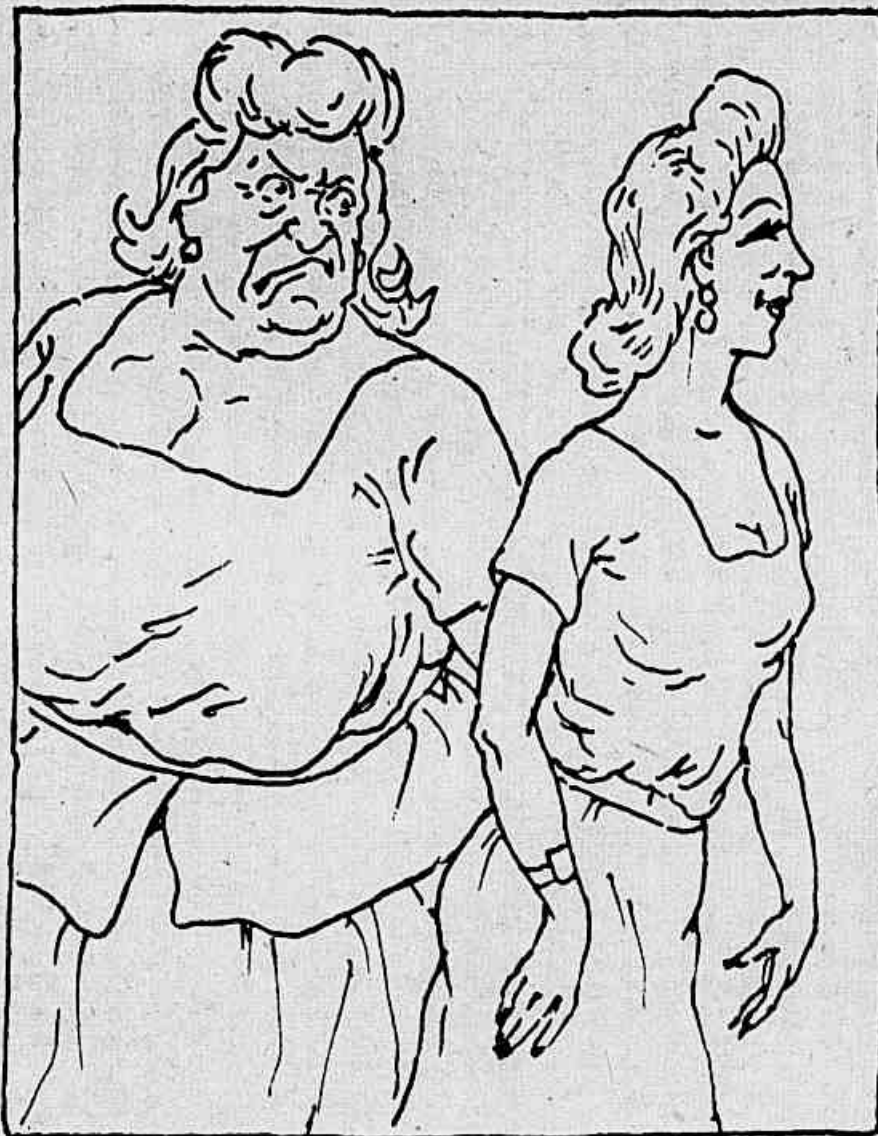
RICO
EM
VITAMINAS
**JOHN
WYMAN**
LONDRES

A venda nas principais
Drogarias e Farmácias
em

Litros e ½ litros

Repr.: W. C. WILLIS
Rua México, 98 - RIO

PECADINHOS



Inveja



Sobêrba



Luxúria



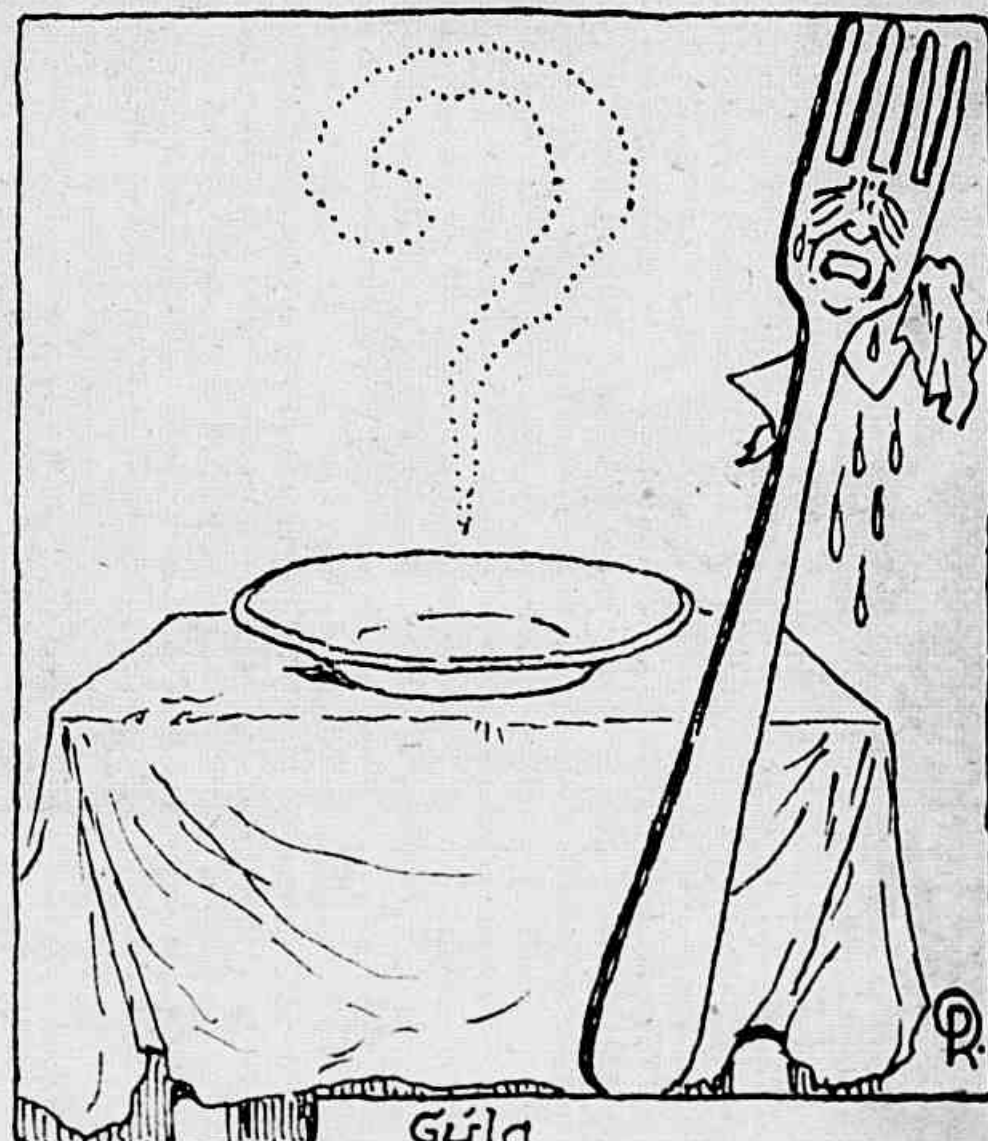
Usúria



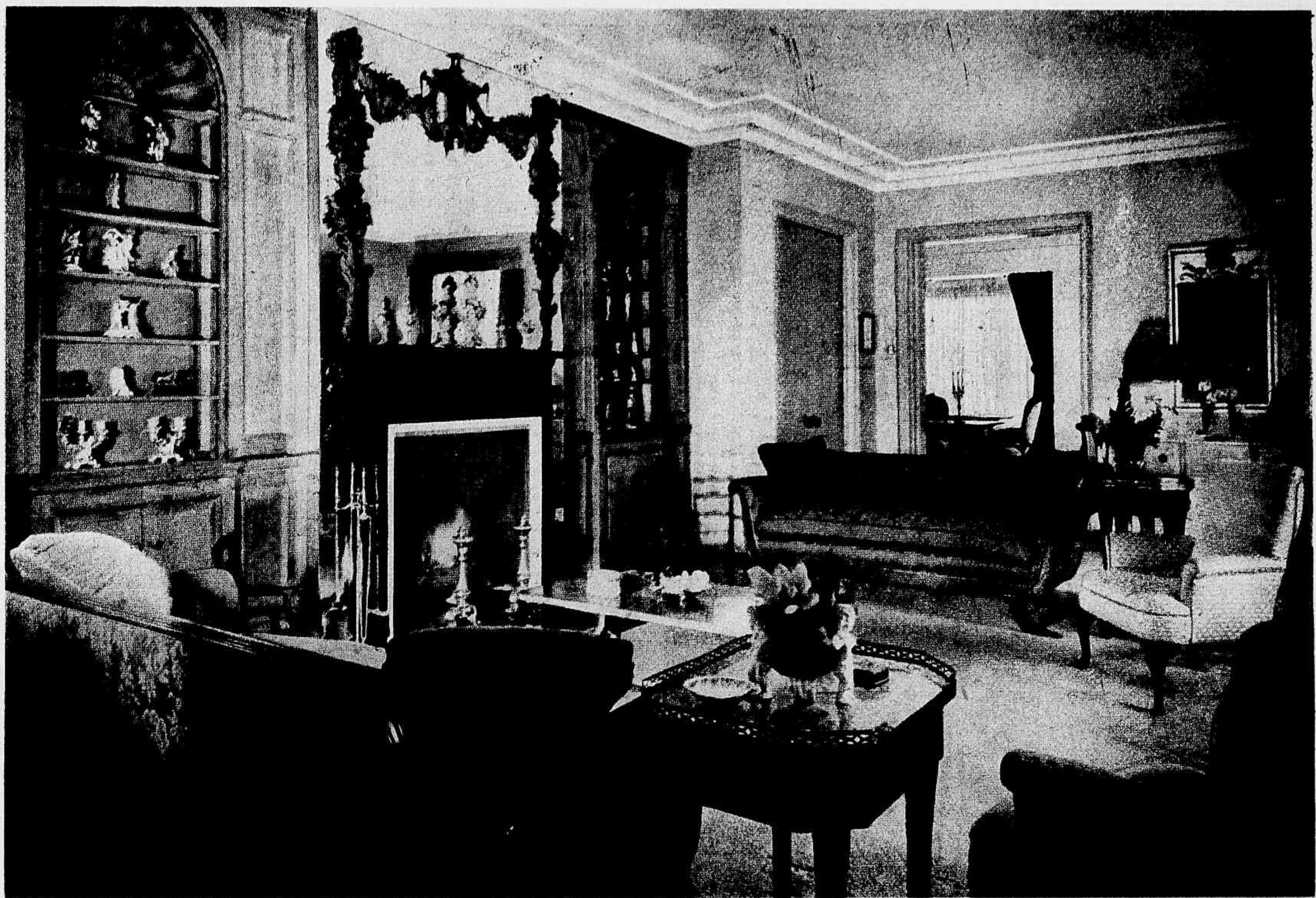
Preguiça



Cólera... (mórbus)



*Gula
(Em férias, por causa do racionamento.)*



DIVERSIDADE DE ESTILOS – HOMOGENEIDADE ARTISTICA

APRESENTAMOS hoje aos nossos leitores um novo modelo de "living-room", onde impera um "bric-à-brac" luxuoso e discreto, con-
dizente com a suntuosidade das linhas arquitetônicas da peça e com
a amplitude de sua área.

A diversidade de estilos é notada com mais vigor no angulo à es-
querda, onde aparece uma lareira com florões à Versailles, entre dois
embutidos modernos, utilizados para suporte de bibelots que se espa-
lham pelas suas prateleiras, à boa maneira de 1900.

O mobiliário é simples e segue também uma linha eclética de esti-
los, que vem dar à sala um aspecto alegre de conforto e luxo.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA

MARCA

UNES

REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA-67-RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

ZAMACOFF — Espere... também assim, não!... Não vai dizer que estamos desarmados e sem gente! Não se lembra então da revista militar de Versailles, quando o rei da Inglaterra veio à França? Vendo o nosso exército, eles devem ter pensado: os franceses estão lá!

ALAIN (rindo zombeteiramente) — Sim... com o ministro dos lazes!

ROBILET — Não zombe da frente popular. Foi o único regime que nos deu férias pagas, a semana de quarenta horas, os lazes organizados! Não vai negar isso, cabo Alain de Kergueven!...

ALAIN — Não nego... mas os lazes deles eram fabricar mil aviões quando conseguimos a custo setenta e cinco francos por mês. Não fica surpreso ao ler, nos nossos comunicados que três aviões franceses se bateram como heróis contra 34 "Messerschmidt"?

ZAMACOFF — Bravos!... E então? Isso prova que os rapazes de nossa aviação são boa gente!...

ALAIN — Aí é que está o engano, Zamacoff! Não estamos mais na época da cavalaria medieval! Não se luta por uma dama! Luta-se por uma ideologia! Luta-se por política! A guerra é mecânica! Técnica! Feita com papel e lapis e cronômetros em punho! Ferro, fogo... e cálculos matemáticos! Não seria melhor termos sido mais prudentes... termos fabricado mais aviões e tanks... Si vocês, os operários, tivessem trabalhado mais, não seríamos três contra trinta e quatro "Messerschmidt"...

ZAMACOFF — Meu velho... política... palavra de honra... não seria melhor afundarmos a cara nos travesseiros...

ALAIN — E por ser isso mesmo que você diz e Zamacoff, que me revolto. Vamos todos pagar com a nossa vida o crime de nossos governos! A estultice de Bonnet... Os conselhos da amante de Renault e as ambições de governo de Laval, capaz de entregar a França a Hitler por muito menos que Judas entregou Cristo aos fariseus! Não me interessa morrer por esses miseráveis!...

ROBILET — Morre-se pela pátria!... Defendo o que é nosso. E lutando pelas nossas instituições e os nossos foros de povo livre!

ALAIN — Eu não quero combater... Pronto! Aí o fim de meus pensamentos!

ROBILET — Um desertor? (pausa) Alain de Kergueven... um desertor?

ALAIN — Denunciem-me aos meus superiores...

ROBILET — Não sou delator... então você quer passar para o inimigo?

ZAMACOFF — Vamos!... Responda, Alain!...

ALAIN — Deixem-me em paz... não quero mais conversa... basta!

Técnica: música marcial distante.

ZAMACOFF — Oh!... Os altos falantes instalados pelos boches do outro lado do regato...

ROBILET — E' novamente a Rádio Stuttgart.

ZAMACOFF — Deixe-me abrir a janela do abrigo... acho que temos novidades...

Técnica: cessar música; entrar disco de gravação especial.

Alô! A emissora em ondas curtas de Stuttgart irradiando na frequência de trinta e um metros, zero, doze... acabaram de ouvir... — Última notícia... o almirantado alemão informa que o destróier "Devonshire" foi posto a pique ao norte da Irlanda por um de nossos submarinos... Um outro submarino afundou cinco navios mercantes a trinta e cinco milhas de Alexandria...

ZAMACOFF — Cachorrada! Querendo nos convencer que a frota inglesa é de papelão...

ROBILET — Silêncio, Zamacoff...

GRAVAÇÃO — Alô... soldados e sub-oficiais do 247.º de Infantaria... a comunicação em aprêço interessa...

Técnica: vento bem distante.

GRAVAÇÃO — ...interessa o sargento Emile Arouin,

o cabo Raul Mestier e os soldados Paul Dumont e Amadée Robilet...

ROBILET — A mim? Que querem esses cães dos boches comigo!...

ZAMACOFF — E' a voz desse porco traidor... Ferdonet...

ROBILET — Silêncio! Pelo amor de Deus, silêncio!

GRAVAÇÃO — Sentimos muito informar ao sargento Arouin que a sua mulher tem sido vista frequentemente em Brest em companhia dum quartel-mestre do cruzador inglês "H. M. S. Audace"... Sentimos informar ao cabo Messier que sua esposa dançou até às cinco da madrugada no Eldorado de Saint Malo, na noite de 28 de Março com um soldado metralhador inglês...

ZAMACOFF — Arma indigna desses bandidos!... Eles querem abater o nosso moral!

ROBILET — Cala a boca pelo amor de Deus, Zamacoff...

ALAIN — Silêncio, Zamacoff...

GRAVAÇÃO — Lamentamos informar ao soldado Robilet que a sua mulher Raymonde, habita agora o apartamento de Percy Henderson, tenente da Royal Field Artillery, no número 14 de la rue de la République... Será fácil aos interessados verificar a exatidão dessas informações... Continuaremos a vos fornecer oportunamente, as provas formais de que graças aos vossos aliados britânicos, terminareis esta guerra derrotados, enganados e contentes!

ROBILET (dando um berro) — Canalhas! Bandidos! Tudo isso é calúnia! Raymonde é a mais virtuosa das mulheres...

ZAMACOFF — Sim... mentira (pausa, passos). Que é isso, Robilet?! (ruidos metálicos).

ALAIN — Você está louco, Robilet! Largue essas granadas!

ROBILET (berrando) — Deixem-me! Deixem-me!...

Técnica: música forte.

ZAMACOFF — Onde vai você?

ROBILET — Vou onde estão os boches! Vou destruir aquele maldito alto-falante! Canalhas! Raymonde! Esses cães são covardes e infames!

ZAMACOFF — Você não sairá do abrigo!

ROBILET — Saiam da minha frente! Matarei os dois si for necessário conseguir passagem! Saiam! (passos se afastam).

ROBILET (voz distanciando) — Canalhas.

ZAMACOFF — Não o deixemos ir... ele está louco... vão matá-lo, Alain!

ROBILET — Canalhas (afastando-se) — Covardes... Eu vou aí onde estão vocês! Víboras!

ZAMACOFF — Robilet! Robilet! Volta! Ouviram-no! Estão procurando-o com os refletores... lá vai ele... uma granada em cada mão!

Técnica: murmúrios distantes.

VOZES — Robilet! Robilet! Volta! Volta!

ROBILET (distante) — Canalhas! Vou entupir-lhes a língua de granadas, cães! Para fora! Falem de minha mulher frente a frente!...

ZAMACOFF — Alcançou o arame farpado... os refletores estão em cima dele! Vão matá-lo!

ROBILET — Para fora, covardes! Para fora! (distante).

FIM DO 3.º EPISÓDIO

4.º EPISÓDIO

Técnica: vento, murmúrios.

ROBILET — Esperem, canalhas... Eu vou dizer peito a peito como se repele uma calúnia...

VOZES — Robilet! Volta! Volta!

ZAMACOFF — Alain! Ele saiu do abrigo... Olhe por aqui... Encaminha-se para o arame farpado... Vão matá-lo, Alain! Precisamos impedir esse gesto de loucura!

ROBILET (distante) — Esperem, canalhas... Eu vou dizer peito a peito! Cachorros! Miseráveis! Caluniadores!

VOZES — Robilet!... O homem enlouqueceu!

ZAMACOFF — Ele caminha de pé... não se esconde... Ouviram os seus gritos!

ROBILET (distante) — Vou arrebentar esse alto-falante, bandidos!... E' mentira! Minha Raymond não faria isso!

ZAMACOFF — Os refletores procuram focalizá-lo... Olhe, Alain... Vão metralhá-lo!... Eu vou buscá-lo. Eu vou buscá-lo!... (passos precipitados) Saia da minha frente, Alain de Kergueven! Os boches vão cortá-lo a metralhadora!... Não me barre a passagem! Não está ouvindo, cabo Kergueven?... Deixe-me passar!

Técnica: murmúrios.

ROBILET (mais distante) — Bandidos! Por que se escondem! Por que?! Vou fazer engulir as imundícies que disseram a respeito da minha honra! Por que se escondem?!

ZAMACOFF — Deixem-me passar!... Alain! Robilet está louco!

ALAIN (calmo e frio) — Zamacoff... você quer morrer?

ZAMACOFF — Robilet é meu amigo... vão matá-lo os boches!

ALAIN — Basta um louco no regimento! Quer ser esgalhado pelas rajadas das metralhadoras!...

ZAMACOFF — Olhe!... Olhe daqui... Os refletores estão quase descobrindo-o. Vão matar o rapaz...

ALAIN — Ninguém foge à sua sina, Zamacoff...

Técnica: explosão de granadas; murmúrios fortes.

ZAMACOFF — Ele está atirando as granadas... olhe! Os refletores dos alemães acabam de focalizá-lo... olhe... Que homem! Mais outra...

Técnica: explosão.

ROBILET (distante) — Canalhas!... Não é o exército, canalhas! E' um homem! Apareçam todos!... E' o marido que insultaram e não o soldado, boches imundos!... Tomem!

Técnica: explosão; murmúrios; multidão distante; rajada de metralha.

ZAMACOFF — Oh! Assassinararam... Assassinararam o Robilet!

Contra-regra: um grito de dôr.

CORO — Robilet! (murmúrios).

Técnica: rajada de metralhadora.

ALAIN — Pobre diabo!... Ele foi pilhado!

ZAMACOFF — Miseráveis! Um regimento contra um homem... Robilet! Não foi justo o que fizeste... Tanta coragem para tantos covardes...

Contra-regra: campainha de telefone.

ALAIN — Pronto!... Chegou ao conhecimento do comandante do setor!

Contra-regra: girar manivela de telefone.

ALAIN — Alô!

VOZ — Alô, telefonista!... Ligue-me para o chefe do setor...

ALAIN — Imediatamente, meu comandante... Não te disse, Zamacoff, que ia "dar galho"?...

ZAMACOFF — O comandante Villiers?

ALAIN — E está enfurecido! (pausa)

LEMERCIER — Alô!

ALAIN — Tenente Lemercier?

LEMERCIER — Sim...

ALAIN — Um momento, meu tenente... Capitão Villiers deseja falar-lhe... (pausa) Alô!... Capitão Villiers... Tenente Lemercier... Pode falar...

VOZ — Alô, Lemercier...

LEMERCIER — Pronto, meu capitão...

VOZ — Que significa essa história aí? Você mandou uma patrulha contra a trincheira 44?

LEMERCIER — Não... Não mandei ninguém... Ouvi os tiros, meu capitão, pensei que fôsse o meu capitão...

VOZ — Que diabo é isso, então?

ALAIN — Alô! Permita, meu capitão...

VOZ — Quem está na linha?

ALAIN — Perdão, meu capitão... E' o chefe do posto telefônico da 4.ª secção... cabo Alain de Kergueven...

VOZ — E que quer você?

ALAIN — E' sobre o que caba de ocorrer, meu capitão... Devo dizer-lhe que o alerta foi causado pelo meu camarada Robilet. Ele partiu sozinho para atacar a trincheira 44.

VOZ — "Sacre nom de Dieu"! E quem lhe deu ordens para isso? Quem mandou esse estúpido fazer isso?

ALAIN (respeitosamente) — Ninguém, meu capitão. Ele tinha ouvido as revelações insultuosas do alto-falante dos alemães. Saiu para vingar a mulher, como um louco furioso.

VOZ — E' lamentável que esse homem se tivesse feito matar estupidamente. A mulher!... Ora essa! Mas não era motivo para que ele arriscasse a vida, e também a dos homens da minha terceira secção!... Você está ouvindo, Lemercier?

LEMERCIER — Lamentável, concordo, meu capitão!

VOZ — Alô!... Você, telefonista Kergueven... Ligue-me imediatamente para o P. C. do chefe do batalhão. Terei de dar-lhe conta do incidente... Por causa desse imbecil Robilet, tenho um morto e dois feridos graves a evacuar... "Sacre mon"...

ALAIN — Imediatamente, meu capitão... (pausa) Alô! Posto de comando do batalhão... (pausa) Um momento... capitão Villiers da 3.ª... (pausa) Alô! Capitão Villiers... P. C. do chefe do batalhão... Pode falar...

Técnica: interlúdio; música em back-ground.

SPEAKER — E os dias passaram... Maginot e Siegfried olhavam-se, frente a frente, na imobilidade tensa, de dois lutadores que vão se atirar um contra o outro...

Técnica: "Vozes da Primavera"; canto de pássaros em back-ground.

SPEAKER — Sumia-se a neve sob o calor vívido da Primavera... O verde dos campos anunciava a despedida do inverno... Mas a angústia torna-se mais tensa nos habitantes das povoações circunvizinhas das duas formidáveis linhas defensivas... Dum lado o exército nazista e do outro o francês...

Técnica: música aumenta e some.

SPEAKER — Voltamos à Linha Maginot... 8 de Maio de 1940...

VOZ — Alguma observação, cabo Alain?

ALAIN — Nada a assinalar... A linha do setor doze já foi reparada pelos sapadores telegrafistas.

VOZ — E novidades?

ALAIN — Acho que vai estourar...

VOZ — E' melhor mesmo, cabo Kergueven... é melhor... Esse "chove-não-molha" arrebenta com o sistema nervoso da gente...

ALAIN — Possivelmente... possivelmente...

VOZ — Está aborrecido, cabo?

ALAIN — Estou cheio até o céu da boca, Dessain... E' verdade... Viu você Zamacoff?

VOZ — Quando entrei, estava na porta do abrigo com a turma da Hotkiss, da 35.ª...

ALAIN — Merci... (passos)

Técnica: confusão de vozes.

Contra-regra: risadas dispersas de quando em vez.

ALAIN — Alô! Dê donc Zamacoff... Ei! Zamacoff!
(Passos aproximam)

ZAMACOFF — Alô! Livrou-se dos fones, Alain?

ALAIN (preocupado) — Entro às 4 da tarde...

ZAMACOFF — Que é que você tem, Kergueven? Você viu fantasma às onze da manhã?

ALAIN — Mais ou menos...

ZAMACOFF — Fome! Vai ao refeitório naturalmente...

ALAIN — Não quero comer, Zamacoff...

ZAMACOFF — Alguma coisa em sua casa, companheiro?... Você recebeu cartas da família... Alguma coisa em casa?

ALAIN — Não!

ZAMACOFF — Então vamos para ali... O Julien da 2.^a de Metralhadoras está contando as peripécias duma bebedeira que teve o ano passado... O gendarme foi encontrá-lo de camisola de dormir passeando no Boulevard Malesherbes... Venha... O negócio está de se escangalhar de riso...

ALAIN — Ouça, Zamacoff... Vamos dar um passeio até o bosque... Preciso dizer-lhe coisas de grande importância...

ZAMACOFF — Você pilhou algo pelo fio?

ALAIN — Sim... Vamos ao bosque...

ZAMACOFF — Mau sinal... Bem desconfiei que não estava para acontecer coisa boa... Quando eu me rio muito, uma coisa desagradável está para acontecer... Vamos...

Técnica: gorgieio de pássaros.

ALAIN — Sentemo-nos aqui... Arraste aquela pedra para cá...

ZAMACOFF — E então?

ALAIN — Ouí há meia hora uma conversa entre o chefe do botalhão e o capitão Villiers... As coisas pioraram, Zamacoff.

ZAMACOFF — Ora...

ALAIN — Estou dizendo que as coisas estão péssimas... O comandante acaba de informar que segundo tôdas as probabilidades, está iminente uma "blitzkrieg" que poria em polvorosa o grande estado.

ZAMACOFF — Diable! E' dura essa novidade, amigo... E' dura!

ALAIN — O serviço de informações acaba de relatar que enormes concentrações de tropas tinham tido lugar ao longo das fronteiras holandesas, belga e luxemburguesa... O grande momento está próximo, Zamacoff...

ZAMACOFF — Si é assim... vai sangrar... Vamos pegar mesmo desta vez...

ALAIN — A guerra começa, Zamacoff... O rôlo compressor vai nos esmagar.

ZAMACOFF — Ah! Sempre o mesmo Kergueven... Sempre vendo as coisas às escuras!

ALAIN (angustiado) — Não, Zamacoff... Tenho as minhas razões. Meu pai, quando estive de licença, me explicou a disposição de nossas fôrças. Temos três exércitos entre Valenciennes e o Luxemburgo. Si os boches atravessarem o Meuse, cairemos como ratos! Pegados pelas costas! Comprende, Zamacoff? Pelas costas!

ZAMACOFF (exaltado) — Ora! Aguentaremos a mão, Kergueven! A linha é sólida, bom Deus!

ALAIN — Você é um ingênuo! E a brecha do nordeste? Eles certamente violarão a neutralidade da Bélgica! E daí se esparramarão pelas planícies da Champagne... E quem os deterá, Zamacoff?!... Um exército motorizado... Homens que se preparam há dez ou mais anos! Zamacoff! Você é o único amigo que tenho no regimento!... Vou ser sincero com você de uma vez para sempre! Eu não quero morrer por Dantzig! Não, Zamacoff! Não quero morrer pelos dementes que nos atiraram nesta aventura sangüinária sem nos terem preparado.

ZAMACOFF — Por Deus, Alain! Modere o seu tom de voz! Si o ouvem estamos perdidos...

ALAIN — Pouco importa! Estou cheio até aqui! Tudo isso me irrita! Eu não quero combater... Eu não me deixarei conduzir ao matadouro enquanto os camaradas das fábricas fazem cara feia diante das horas suplementares. Não me deixarei esmagar por tanques de trinta toneladas, porque os nossos técnicos não compreenderam a necessidade de nos armar com carros de cinquenta toneladas...

ZAMACOFF — De que te queixas, Kergueven? Agradece agora aos teus amigos da esquerda que se batiam pela paz a todo preço. Cá para nós! O nosso querido Blum brincou bastante com o ditador alemão. Não escreveu êle no seu jornal, que êsse Hitler seria varrido em pouco tempo pelo seu povo? Não escreveu isso?

ALAIN — Cale-se! Você fala como um capitalista!

ZAMACOFF — Respondo às suas críticas, Kergueven. Você se queixa que seu país está mal armado. E é por isso que está com medo! Estou dando a opinião dum judeu que não quer fazer a corôa para o nosso querido Leon Blum! Si êle tivesse dado vinte mil aviões à França em vez de desafiar os ditadores com cuspo, os meus pobres irmãos da Polônia não teriam sido massacrados... Massacrados como carneiros!

ALAIN — Mas o povo não tem culpa das asneiras dum George Bonnet! Dos descuidos dum Blum e nem tampouco das duas caras dum patife como Laval.

ZAMACOFF — Principalmente êsse trapo! Sabujo de Mussolini! Acho até que êle é padrinho dum filho de Mussolini com a terceira ou quinta amante! Vocês dormiram! Quando Hitler reocupou a margem esquerda do Reno, é que você e seus camaradas socialistas deveriam quebrar as vidraças e fazer recuar os invasores com vastos pontapés naquele lugar! Alain de Kergueven... eu sei que você é um rapaz instruído... é um cientista... Sei disso, porque já ouvi conversas de oficiais a seu respeito, e de mais a mais é filho dum militar que se cobriu de glórias no Marne e em Verdun. Mas o seu mal, não é proveniente de considerações políticas ou pontos de vistas seus! Você está com medo! Medo de combater!... Medo de enfrentar os boches! Medo de levar em riste as baionetas e rasgar a pança dessa canalha que amanhã é capaz de intimidar o planeta Marte ou então a Lua, exigindo espaço vital para a super-raça, que não pode passar sem cerveja, salsicha e chocrout! Medo! Está com medo, Kergueven! Por que não reage? Qualquer outro que vive na Linha Maginot, teria me quebrado a cara si eu dissesse a êle as mesmas palavras que disse a você!

ALAIN — Não quero morrer, Zamacoff! Não sou apenas eu, que estou com medo! Na Linha Maginot e em outros pontos onde está o nosso exército... ouça... um milhão de homens! Somos um milhão de homens que sentem medo neste momento e não tem coragem de o reconhecer!

ZAMACOFF — Não é verdade! Eu não sou francês, Alain... mas conheço a chama patriótica que anima um francês na luta por um ideal ou pela defesa do solo sagrado onde nasceram! Você não quer combater porque é mais egoísta do que francês!

ALAIN — Ouça, Zamacoff... a morte! Morrer, Zamacoff! Desaparecer!... Por que hei de morrer? Ainda não cheguei aos trinta anos! Sou rico... tenho uma mulher que é a sedução em pessoa, prendendo cada vibração dos meus desejos! Apodrecer nesses campos lamacentos com dez balas de metralhadoras no estômago ou ser amassado pelas trinta toneladas dum tanque? Eu não durmo mais... Sinto a morte em todos os cantos desde que embarquei para as linhas de frente... A morte está à escuta e não admito afrontas! Sim... sou egoísta! Sou aquilo que sou! Pouco me importa o que pensem de mim... Tenho saudades dos beijos de minha mulher... Que faço eu! Telefone-mas... que o setor dez atirou... e que a patrulha da sexta matou quatro e aprisionou três. Não! Quero viver! Viver, Zamacoff!... Que idade tem você? Vinte... vinte e cinco?

ZAMACOFF — Vinte e três...

ALAIN — Vinte e três anos... Era alfaiate em Paris... costurava lá as calças para a sua clientela... Aos sábados ia dançar... boas ceias... naturalmente tinha a sua costureira loura ou morena... E aqui... daqui a pouco...

um boche... um diabo de Dusseldorf, de Leipzig acerta-lhe vinte ou trinta gramas de aço... e adeus! Pronto. Os trezentos e cinquenta trilhões de células que constituem o corpo do soldado Zamacoff, duram depois de sua morte e se reagrupam para formar uma alga, um escaravelho ou um porco! A morte é apenas o entre-ato da vida... A natureza, Zamacoff, como um *meteur-en-cene*, distribui os seus novos papéis às células sem contacto...

ZAMACOFF — Não entendo a sua linguagem, Alain... E' muito forte para mim... Mas diga-me uma coisa... porque receia você morrer?

ALAIN — Porque tenho a curiosidade do amanhã. Tenho vontade de conhecer a continuação do drama da humanidade.

ZAMACOFF — Pois você pensa diferente de mim... Eu só desejo uma coisa: a bala certa que mata instantaneamente.

ALAIN — Repito! Prefiro não morrer... Zamacoff, ouça... Por que não nos livramos dêsse inferno?

ZAMACOFF — Sair... sair daqui? Você quer dizer...

ALAIN — Sim... isso mesmo que você está pensando, Zamacoff...

ZAMACOFF — Tenho medo de completar a palavra, Alain...

ALAIN — Desertar, Zamacoff!

ZAMACOFF — Você está louco!

ALAIN — Louco para viver! E você também, Zamacoff!

ZAMACOFF — Covardia!

ALAIN — Não! Não é covardia!

ZAMACOFF — Alain de Kergueven... O desertor é um acrobata sobre uma corda estendida entre as metralhadoras alemãs e o pelotão de fuzilamento! O desertor é um coelho colhido entre dois fogos!

ALAIN — Quer fugir comigo, Zamacoff?

ZAMACOFF — Não!

ALAIN — A blitzkrieg vai ser desfechada! Eu sei de tudo! Muitos a essa hora se não o fizeram, já pensam da forma que estou pensando... Morreremos como ratos no porão dum navio que naufraga, Zamacoff!

ZAMACOFF — Não! Não deserto!

ALAIN — Terá uma cruz de madeira... e amanhã descuidarão da cruz, e nem cruz terá na sua sepultura...

ZAMACOFF — Sou judeu!

ALAIN — Defunto não tem religião, Zamacoff... apodrece do mesmo jeito.

ZAMACOFF — Não deserto! Seria fugir duma morte digna para talvez morrer ingloriamente contra um muro enfrentando o pelotão de fuzilamento...

ALAIN — Eu estudei um plano! Escaparemos...

ZAMACOFF — Como? (pausa) Não! Não! Não quero saber... não se insinue no meu espírito, Kergueven...

ALAIN — Você também tem medo de morrer?

ZAMACOFF (sucumbido) — Pelo amor de Deus! Não me tente, Kergueven!

ALAIN — Eu tenho um plano! Voltará para Paris... Irá comigo para Benoet, na Bretanha... ficará no castelo de meu pai até o fim da guerra... vivo! Compreende, Zamacoff? Vivo! Com pulmões... estômago... bebendo o bom vinho... andando com as suas pernas...

ZAMACOFF — Basta! Basta!

ALAIN — Hein?

...ZAMACOFF — E êsse plano! Você é um demônio, Alain... estou com medo de morrer... falou em corpo que se apodrece por debaixo da terra. Qual é êsse plano?

ALAIN — Vamos para o abrigo... contar-lhe-ei lá depois de comer alguma coisa. Precisava dum companheiro, Zamacoff... e você é o camarada que me serve.

ZAMACOFF — Oh! Desertor!

ALAIN — Cale a boca! Desertor da morte! Eu bem sabia que você tinha tanto medo de morrer como eu! Vamos! Verá como é fácil escapar...

Técnica: passos cadenciados bem distante que se aproximam.

SARGENTO (comando) — Section! (pausa) Alto!

SARGENTO — Repouser! Armes!

SARGENTO — À drotte!... !À drotte!

Contra-regra: ruído de arrastar pés e bater tacões compassadamente.

SARGENTO — Section! (pausa) Apresenter ... (pausa) Armes!

Contra-regra: ruído de batidas metálicas.

SARGENTO (passos, bater tacões) — Meu capitão! A primeira secção da quinta companhia!

Capitão — Que repousem as armas!

SARGENTO — Imediatamente, meu capitão! (passos) Section! (pausa) L'armes sur epaules átel!

Contra-regra: batidas compassadas de fuzis.

SARGENTO — Repouser... Armes!

SARGENTO — Meu capitão!

CAPITÃO — Muito bem, sargento Balet... (passos, solenes) Soldados da 5.^a Companhia... O chefe do batalhão quer vos incumbir de uma alta e relevante missão... Cumpre-me avisar-vos que ela é extremamente perigosa... Creio que muitos de vós jogareis a vida nesta empresa... Precisamos de cinco homens resolutos para levá-la a cabo... Fareis uma incursão afim de verificar si a oitava divisão bávara foi reforçada... E além da observação referida, é preciso que os cinco homens escolhidos tragam pelo menos dois prisioneiros alemães... Aquêles que queiram se apresentar como voluntários, cinco passos à frente!

Técnica: murmúrios.

Contra-regra: cinco passos de várias pessoas.

CAPITÃO — Basta!... Preciso apenas de cinco, meus bravos! Orgulho-me de todos vós, e esperava por isso... Sargento Balet... escolha dois homens da primeira fila e três da segunda...

Técnica: murmúrios fortes.

CAPITÃO — Silêncio, jovens... Preciso cinco apenas...

SARGENTO — Silêncio! Silêncio... (murmúrios) Toute le monde! Gardez vous!

Contra-regra: bater de calcanhares.

SARGENTO — Você... (passos) Para a direita... você aí... passe para a direita... passe, junto ao seu camarada... você... (passos) Você... quatro... (passos) Você... não... Você, não! Você!

ZAMACOFF — Eu?

SARGENTO — Você mesmo... junto dos seus camaradas... (passos e bater calcanhares) Pronto, meu capitão... estão separados!

CAPITÃO — Mais uma vez, meus amigos... advirto-vos que a missão é de vida ou morte... O batalhão e a França pedem voluntários. Alguma objeção a fazer?

CORO — Não!

CAPITÃO — Bravos, meus poilus! Bravos! Tome nota dos nomes dos homens, sargento!

SARGENTO — Você!

VOZ — Jean Dinat... 5.^a Companhia... matrícula seis mil e cinco.

SARGENTO — Você!

VOZ — Roux Pierre... 5.^a Companhia... matrícula seis mil quatrocentos e nove...

SARGENTO — Você!

VOZ — Lanceleau François Curtiss... 5.^a Companhia... matrícula quatro mil setecentos e dezenove...

SARGENTO — Você!

ZAMACOFF Saul... 5.^a Companhia... matrícula setenta e seis mil e sete...

SARGENTO — O último... você...